

REVISTA DA SEMANA

19-7-47



Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

N.º 29



Chão a dentro pelas entranhas da
terra brasileira, o homem vai buscar as
riquezas que o drama dos milênios soterrou
a quilômetros de profundidade.

Busca arriscada onde a ciência se mescla
com a aventura — ela se repete
cotidianamente pelas bocas das minas
deste fabuloso El-Dorado brasileiro.

Também aí, em muitas fases desse trabalho
cheio de surpresas e perigos, Esso está

OS QUE TOCAM presente com pro-
NO SONO dutos que auxi-
DOS SÉCULOS liam a eficiência

das máquinas ou o destemor dos homens
que tocam no sono dos séculos...

★
Trabalhando
com Esso,
Brasil afora



➔ Máquinas poderosas auxiliam os modernos mineradores e produtos petrolíferos da mais alta eficiência dão a essas máquinas o poder de realizar melhor e mais rapidamente a sua tarefa.

McC

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★



FICOU noiva a princesa Elizabeth, a herdeira do trono da Inglaterra, a moça que leva, como dote, o maior império do mundo. O noivo é um príncipe grego, que se naturalizou cidadão britânico, — e é hoje tenente naval, sob o nome de Philip Mountbatten. E' bem mais idoso do que ela, um bocado careca, mas bastante simpático. Será ele o marido de uma futura rainha, mas nunca chegará a ser rei. Em todo caso, ninguém poderá deixar de dizer que esse tenente grego é um príncipe com sorte... Num artigo do Sr. Edgard de Vasconcelos, na segunda página de "Correio da Manhã", de domingo há logo de entrada, três grandes tolices. Diz ele: "Uma das novelas mais interessantes da literatura norte-americana é aquela, em que James Hill descreve com simplicidade, enternecimento e amor, a vida de professor yankee", etc. Primeira tolice: não existe esse escritor, mas sim James Hilton. Segunda tolice: a novela não é norte-americana, mas inglesa. Terceira tolice: o tipo do professor que descreve nada tem de "yankee" (nome aplicável aos habitantes da parte Norte dos Estados Unidos), mas é um velho professor britânico. Vê-se, assim, que o Sr. Edgard de Vasconcelos não se deu ao trabalho de ler o livro, citando-o de oitiva, talvez por tê-lo visto no cinema, — e num filme inglês, com artistas ingleses, embora distribuído pela Metro... Noticiando que François Mauriac viria ao Brasil, o mensário ilustrado "Cigarra" declarou que ele o faria para assistir, no Municipal, a peça de sua autoria, intitulada "Passage du Ballet". Na verdade, tratava-se de "Passage du Malin", — e a viagem gorou. Não veio Mauriac, mas veio Georges Duhamel, que é também dramaturgo, — e dos mais ilustres. No Rio, foi o ilustre membro da Academia Francesa hospedado oficialmente pelo nosso governo e fez uma conferência na Academia Brasileira de Letras e outra na Associação Brasileira de Imprensa. O Egito acaba de pedir ao Conselho de Segurança da ONU a retirada das tropas britânicas do seu território. Parece que o sol vai começar a se por no império inglês, desmentindo o provérbio de que nele "the sun never sets". A Rumania pediu para entrar na ONU. Um número de "Life" publica os retratos dos grandes arquitetos que estão planejando os edifícios das Nações Unidas, em Nova York, — e entre eles, o francês Le Corbusier e o brasileiro Oscar Niemeyer. Uma turma de cadetes do Colégio Militar do Rio de Janeiro foi a Buenos Aires, em viagem de instrução. Dalí, irão a outros países. Bom passeio para os rapazes. Outras escolas deviam imitar isso, porque não há nada mais instrutivo do que aprender geografia desse modo. Num artigo sob o título de "A França à beira da guerra civil", o eminente publicista inglês Harold Laski, autor das "Reflexões sobre a revolução do nosso tempo", pintou um retrato de Charles De Gaulle muito pouco convencional, conforme poderão ver os leitores, por estes dois períodos: "E' homem inteligente, com capacidade para compreender qualquer problema. Mas é um espírito autoritário, agressivo. Vota fundo desprezo ao homem comum, cujas aspirações julga desnecessário estudar. Quer subordinados, não colegas. Não odeia só o bolchevismo; detesta os partidos em geral. Aceitaria uma Assembléa Nacional; mas esta, na sua opinião, deve ser antes de tudo, uma grande coligação de partidos direitistas, que se limitariam a registrar a aprovação das propostas feitas pelo Executivo, do qual ele seria chefe permanente." O ministro da Agricultura, Sr. Daniel de Carvalho, encaminhou ao Congresso Nacional uma exposição de motivos, pedindo autorização para indenizar os animais sacrificados; para salvaguardar a saúde pública. Foram promulgadas as Constituições de Mato Grosso e do Paraná. Caiu a majoração das taxas universitárias. Anuncia-se que haverá bailado na próxima temporada do Municipal e que Nina Verchinina assumiu as funções de diretora do "ballet" oficial. A onda de frio continuou a perdurar durante os últimos dias e chegou a se registrar em alguns pontos do Distrito Federal o mínimo de 10 graus de temperatura. Segundo o "Diário Carioca", o proprietário de um açougue de Botafogo foi preso por investigadores da Delegacia de Vigilância, que, em seguida, lhe propuseram acordo para restituí-lo à liberdade, mediante o suborno de quatro mil cruzeiros. O açougueiro, revoltado, procurou a Delegacia de Economia Popular, relatando o fato, levado então ao conhecimento do general Lima Câmara, chefe da Polícia. Mas, em vez de fazerem logo o reconhecimento dos policiais desonestos, deixaram isso para mais tarde... Resultado: o açougueiro foi de tal maneira ameaçado que, na hora de reconhecê-los, preferiu não falar... e foi, então, atirado na cadeia: Tudo isso é o que conta o "Diário Carioca", acrescentando: "Eis o panorama policial atual. Espancamentos, extorsões, displicência, má vontade para o serviço, relaxamento e perseguições!" Que policial Diz-se que noventa e três por cento das famílias norte-americanas têm rádio, que um planejador de mil toneladas se chocou com a terra e que a maioria do PSD está solidária com o general Dutra. E em meio de tantas notícias diferentes, verificamos que acabou o nosso espaço e que somente na semana vindoura poderemos dizer mais alguma coisa...

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gestelra** sem demora.

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gestelra**

O CASO DO TUBARÃO E O HOSPITAL MIGUEL COUTO

A propósito do tópico publicado em "A Semana em Revista", sob o título acima, recebemos do chefe do Serviço de Informação Sanitária a seguinte carta:

"Em sua conceituada revista de 2 do corrente, sob o título "O caso do Tubarão e o Hospital Miguel Couto", comenta-se o doloroso acidente, e sobre ele tece o cronista comentários e faz afirmativas, que por constituírem injustiça flagrante, nos obriga a solicitar-lhe a gentileza de uma retificação.

Assim sendo:

1) O serviço existente no Lido não é um ambulatório de Serviço de Pronto Socorro. E' um serviço especializado em acidentes de praia, dos quais, o mais comum é o afogamento.

Ao contrário do que afirma o cronista, encontra-se perfeitamente aparelhado para socorrer **qualquer acidente**, dentro, é claro, das horas normais de serviço.

2) O indito estudante vitimado pelo tubarão **não esteve no Serviço de Salvamento**. Ao ser retirado do mar, foi levado diretamente ao Hospital Miguel Couto, pelo prestimoso dono de um automóvel particular. Tanto assim que, quando ao local chegaram as ambulâncias do Salvamento de Miguel Couto, já não encontraram mais a vítima, regressando às suas sedes sem terem prestado o menor socorro.

3) Ao contrário do que afirma o cronista, no Hospital Miguel Couto foi feito mais do que uma simples injeção de coramina.

Apesar de infelizmente o jovem ter falecido, **ao dar entrada** nesse nosocomio enquanto se preparava o plasma **que existia realmente** e se providenciava para a transfusão, eram pingados os vasos e aplicadas injeções de lobelina, cafeína, soro glicosado hipertônico, soro glicosado isotônico e adrenalina intra-cardíaca. Como apresentasse evidentes sinais de asfixia por submersão, foram praticadas ainda, manobras de respiração artificial.

4) Pelo espaço de tempo que permaneceu dentro d'água, após o acidente e em virtude das graves lesões sofridas — ferida contusa com perda de substância interessando a artéria femoral, do terço inferior da coxa direita ao Joelho do mesmo lado — tudo leva a crêr, que mesmo feita na praia, a transfusão não teria salvo o infeliz jovem, tal o volume da espoliação sanguínea por ele sofrida.

Certo de que não negará acolhida a esta explicação, ditada tão somente, pelo desejo e a obrigação de evitar uma injustiça, creia-me seu menor confrade e maior admirador. — Dr. Paulo Artur Pinto da Rocha, Chefe do S. I. S. — P. N. — Mat. 11.744."

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
Joalheria
R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Da esquerda para a direita: Quando Simone ainda era de colo, seus pais fugiram da Rumânia, escapando das perseguições racistas. Foram para a Itália mas, em breve, dali também os expulsavam os "arianos" do Duce. Simone, apesar de crescida, tem um vocabulário diminuto, tantas foram as línguas que os seus ouvidos já ouviram. — Albertinho, do jardim de infância, declarou-nos que vai ser um grande pintor, quando crescer. Os pequenos dispõem à vontade de tintas e pincéis para os seus borrões de aquarela. O jardim de infância dessa instituição é um dos melhores aparelhados que já vimos. — Gabi, a francesinha do Lar da Criança, posa com um ar de amúo para o fotógrafo. Ela queria se preparar para aparecer "très bien". Como insistíssemos para uma chapa ao natural, ela zangou-se e fez a carinha que aparece acima.

ESQUECENDO NO BRASIL AS TRAGEDIAS DA EUROPA

RISONHAS E FELIZES, AS CRIANÇAS ASILADAS NO LAR DA CRIANÇA ISRAELITA — COMO NASCEU E COMO VIVE ESSA EXEMPLAR INSTITUIÇÃO — "DEFICIT" MENSAL DE 60.000 CRUZEIROS — NINGUEM QUER DEIXAR O ASILO

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O momento não podia ser mais oportuno para focalizarmos uma instituição particular que há dez anos vem trabalhando arduamente para abrigar e educar uma centena de crianças. Essa casa modelar de benemerência, que é o Lar da Criança Israelita nas-

ceu há dez anos, quando um grupo de senhoras da colônia judaica desta capital, alarmadas com as ondas sucessivas de refugiados israelitas que a perseguição racista de Hitler jogava em nosso território, resolveu recolher as crianças judias em uma casa, embora pequena, suavizando

ao mesmo tempo a extrema penúria de seus pais. Foi então que dona Rosa Waisman, sua filha Paulina, D. Estela Guerra Durval e outras senhoras, resolveram tornar realidade a idéia que há muito as perseguia. Afim de interessar um grande número de pessoas na iniciativa, or-

A orquestra de Israel, em função especial para a "REVISTA DA SEMANA". Israel, além de dirigi-la, obriga a que todos cantem. Gabi, a primeira sentada, à esquerda, na hora de bater a chapa parou de cantar e fez uma pose especial para o fotógrafo.



Da esquerda para a direita: Anita, Regina, Ester e Juliette durante uma aula prática de costura e bordado. O Lar da Criança Israelita mantém cursos próprios, principalmente de artes domésticas. No segundo semestre de cada ano proporciona aulas de música e bailados para todos os internados.



ganizaram um "cock-tail". Durante convidados compareceram e a renda apurada foi de dez mil cruzeiros. Em 30 de Agosto de 1937 constituiu-se oficialmente a Assembléia fundadora. Mas só em 1939 — dois anos depois da primeira assembléia — pôde realizar o que há muito as suas fundadoras desejavam.

OS POBRES DE UMA COLÔNIA RICA

A eficiente diretoria do Lar conseguiu, durante dois anos, noventa mil cruzeiros de doações e oitocentos e trinta e sete sócios. Este era o "ativo" do Lar da Criança Israelita quando alugou a casa da rua General Canabarro, número 303. O sócio não tem quantia certa de contribuição. Sua mensalidade pode variar de cinco a cem cruzeiros. Logo de início foram matriculadas quarenta e duas crianças. Em 1940, apenas um ano após a inauguração, o número de asilados era de sessenta e cinco e o número de sócios contribuintes subira para mil duzentos e setenta. Embora a colônia israelita do Rio seja numerosa e, de um modo geral, abastada, o Lar da Criança, à medida que ampliava o seu auxílio, agasalhando maior número de menores e oferecendo-lhes maior assistência, via-se em dificuldades cada vez maiores para saldar seus compromissos. O custo da alimentação e vestuário subia vertiginosamente e o número de famílias judias esmagadas da Europa fascista aumentava sempre. O amparo da colônia judaica do Rio tinha que se distribuir pelas diversas casas de benemerência que acolhiam os da sua raça. As "casas dos imigrantes israelitas", às ruas do Bispo e Senador Vergueiro, estavam abarrotadas. O Comitê Central de Vítimas da Guerra, instalado à rua Tenente Possolo, número 8, não sabia para onde encaminhar os judeus que continuavam a chegar, aos milhares, todos os meses.

AS CRIANÇAS ISRAELISTAS COMPRAM SUA CASA

Foi nesses dias cheios de angústia e inquietação para a sua raça, que dona Rosa Waisman resolveu cometer uma loucura! Contando mais com a providência divina do que com os saldos em caixa, empreendeu a aquisição de uma casa própria para o Lar da Criança, melhor adequada ao fim a que se destinava. Acreditou na compaixão que as crianças inspirariam e meteu mãos à obra. Compraram o prédio da rua José Higino, 240 e, apesar de todas as crises, esse prédio logrando periodicamente, um bom aumento em suas instalações. Em 1944 construiu-se um novo edifício nos fundos do terreno, custando em grande parte pela generosidade da família de Gregório Raskin. Hoje neste edifício funcionam a biblioteca, o jardim de infância e o dormitório dos menores. O Lar abriga atualmente cento e dez crianças, de três a dezesseis anos de idade. Devido à insuficiência de numerário não pode recolher menores de três anos, o que acarretaria a construção de uma creche especial e aumento de funcionárias especializadas. Dona Rosa Waisman revelou-nos que a construção dessa creche é a sua grande aspiração e que providenciaria sua instalação desde que diminuam os "deficits" mensais do asilo. A escrituração das despesas e receitas do Lar da Criança Israelita poria um guarda-livros maluco, se este não possuísse um pouco de fé no dia de amanhã. Basta



Auxiliados pela diretoria — que apoia todas as iniciativas semelhantes — os maiores fundaram um teatrinho de fantoches. Quem mais se diverte são os pequeninos que passaram a ter mais um divertimento, entre os tantos que já existiam para as suas horas de folguedões. Na foto, Juliette ensaia uma cena com os fantoches de "Madame Pompadour" e "Luís XIV".





Luciano, irmão de Gabi, é o mais novo dos internos no Lar da Criança Israelita. Quando ali chegou, seu estado de sub-nutrição era tal que já havia perdido o uso da voz. Seu estado físico hoje é bom, mas ainda não aprendeu a falar, embora tenha três anos feitos.



dizer que atualmente a arrecadação entre os três mil e quinhentos sócios só atinge a importância de trinta mil cruzeiros mensais. A despesa forçada do asilo nesse período, é de quase mil cruzeiros! Para cobrir a diferença o Lar conta com donativos outros e rendas de festas de caridade.

NOVO MÉTODO DE EDUCAÇÃO

O Lar da Criança Israelita adotou um método pedagógico original, que o torna um lar amigo para todos os abrigados. Os meninos e meninas saem todos os dias para estudar em diversos colégios. A sua casa, voltam para as refeições, para estudar e para divertir-se. Diariamente, ônibus especiais da casa deixam os meninos do curso primário ginásial e profissional em seus respectivos colégios.

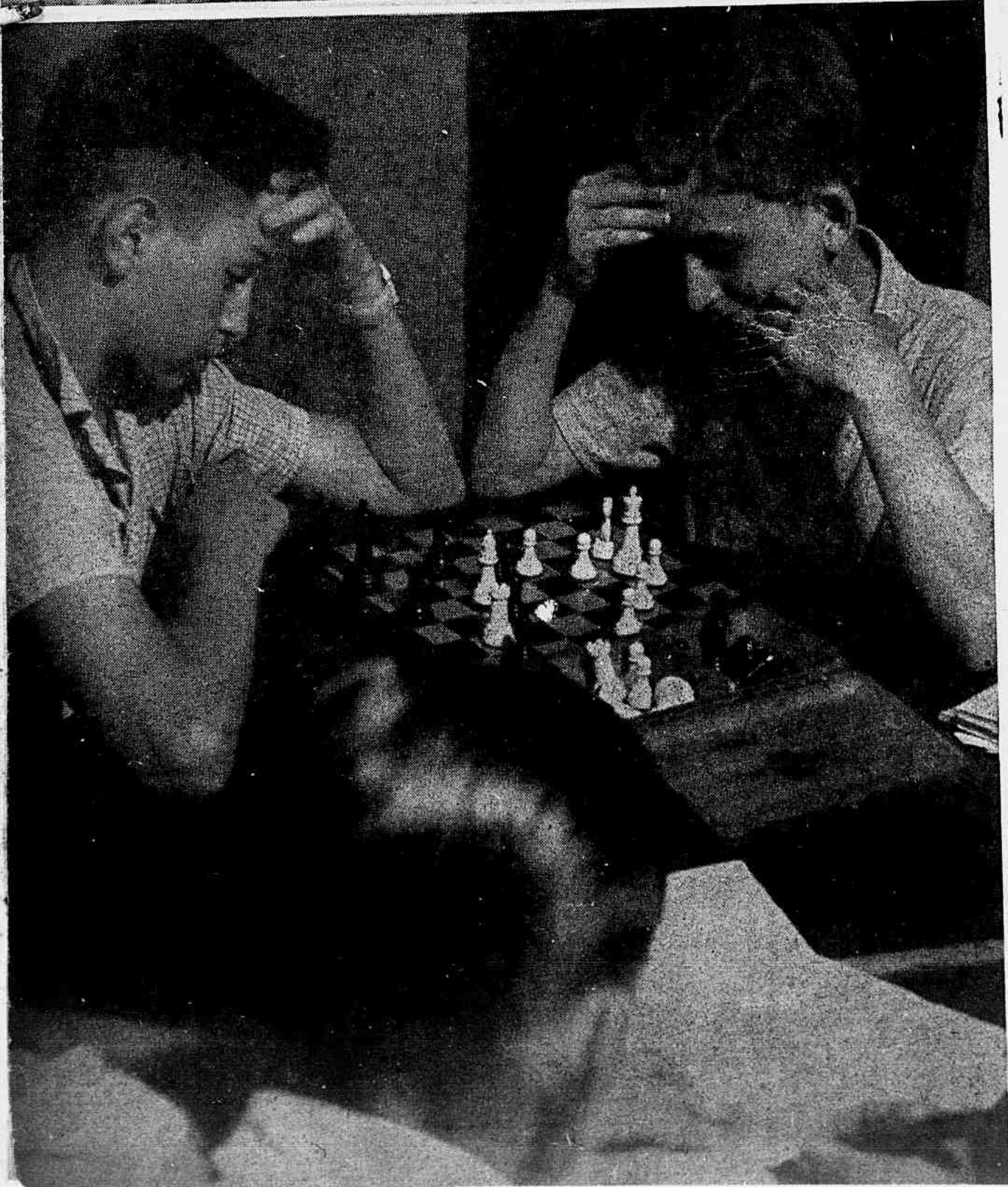
Conforme nos disse uma das educadoras, esse método de levar os asilados ao convívio do mundo exterior, diariamente, através das classes escolares que frequentam, faz com eles se ambientem para a vida prática desde garotos. Perdem, assim, qualquer fobia ou recalque tão comuns nas crianças que vivem apartadas do mundo exterior. Somente as de idade pré-escolar permanecem durante todo o dia no asilo, onde frequentam um modelar jardim de infância. Para os pequenos de três a seis anos o Lar possui um grande salão onde, aprendendo, eles se divertem a valer. Pintam à aquarela, fazem música escutam histórias de todas lidas pela professora e inventam uma porção de outras brincadeiras enquanto o dia passa. Esses menores fazem quatro refeições por dia. Os que estudam fora fazem três refeições, mas levam para as escolas merendas fornecidas pelo Lar da Criança. A comida é das melhores que vimos em estabelecimentos congêneres. Muitas famílias de posses remediadas não conseguem dar a seus filhos os alimentos que são servidos aos pequenos asilados israelitas. Por todos esses motivos o Lar não parece um asilo — de acordo com a idéia que nos habituamos fazer dessas instituições. E', sim, uma alegre casa, habitada por uma família numerosa, uma casa onde se estuda muito e se diverte bastante.

A HISTÓRIA DE SIMONE E GABY

Simone, uma linda rumenazinha de olhos azuis, e Gaby, uma francesinha arisca e encantadora, são as duas últimas refugiadas que o Lar acolheu. Os pais de Simone tiveram que fugir da Hungria e peregrinaram pela Europa, sofrendo em todos os lugares as maiores privações. Durante algum tempo moraram na Itália. Simone começou a aprender o italiano. Mas o fascismo recrudescera nesse país e a família de Simone atravessou o Atlântico, procurando tranquilidade em nossa Pátria. Contam as meninas do Lar, que Simone quando ali chegou falavam um misto de rumeno e italiano. Hoje ela se expressa com desembaraço em português. Gaby, a francesinha que nos recebeu à porta do Lar, veio de Paris com a sua mãe e um outro irmãozinho, Luciano, de dois anos apenas, que também está internado. Perdeu seu pai nos últimos dias da luta pela libertação de Paris, quando os "maquis" se anteciparam às tropas aliadas no combate aos nazistas dentro da capital francesa. O futuro dos dois pequenos órfãos seria negro, em terras estranhas, se não fora o acolhimento que tiveram no Lar da Criança Israelita. Os dois meninos chegaram subnutridos e magrinhos. Hoje, Gaby e Luciano, têm as faces rosadas, estão robustos e contentes. Gaby, uma vez perdida a timidez, fala pelos cotovelos. Apesar de estar no Brasil há poucos meses, fala tudo em português. Não deixou ainda o vício do "Oui" — nas afirmativas. Nosso fotógrafo se viu atarantado com as exigências da fran-



Henrique e Maurício disputam uma partida na sala de recreações dos maiores. Maurício, que está cursando o ginásial, é o diretor do jornalzinho do Lar da Criança. Disse-nos que brevemente a sua folha vai melhorar, vai ser impressa em mimeógrafo.





O futebol tem também ali os seus adeptos. À noite em que lá estivemos, o Vasco da Gama jogava em Lisboa contra um selecionado local. Mesmo os não vascainos torciam patrioticamente por Chico e por Lelé.

cezinha que queria aparecer em tudo quanto fôsse fotografia. E brigava quando era posta de lado!

— É a coqueteria inata das parisienses — disse a professora do jardim de infância que nos acompanhava.

O ESTUDO DIRIGIDO

O corpo docente do asilo conta cinquenta por cento de educadores brasileiros e outro tanto de professores israelitas. Entre os mestres e mestras muitos são voluntários nada recebendo pelas horas que passam lecionando no Lar. A casa criou outra inovação pedagógica que muito auxilia os estudantes, é o chamado "estudo dirigido" ou "estudo auxiliado". Quando voltam dos ginásios, escolas primárias e profissionais, todas as turmas têm nos seus salões de estudo professoras que as orientam sobre um problema de difícil compreensão. Nas vésperas de provas os serviços dessas auxiliares são inestimáveis, — segundo nos declarou um ginasião. "Elas nos fazem recordar em pouco tempo toda matéria da prova que teremos no dia seguinte".

Este sistema de "estudo auxiliado" não poderá ser mais abolido, pois os estudantes protestam junto à diretoria quando falta uma das professoras do estudo.

UM GRANDE PROBLEMA: SAIR DO ASILO

Pode-se aferir o bom trato ali dispensado aos asilados por um meio muito fácil; basta observar o desejo que todos têm de continuar vivendo no asilo depois de terminada a idade limite. Nenhuma das crianças quer deixá-lo. A diretoria tem grande empenho em dar a todos os rapazes um ofício com o qual possam ganhar para o seu sustento. Todos frequentam escolas israelitas — ginásios e profissionais. Muitos dos meninos frequentam diariamente os cursos da Escola Técnica Ort, onde se especializam em ourivesaria, lapidação e outras artes. Para facilitar aos que atingem a idade máxima e não têm casa para onde ir, o Lar da Criança permite que eles continuem dormindo no asilo até que possam encontrar alojamento. Uma das meninas depois de ter completado os dezesseis anos e não

tendo parentes que a recebessem, preferiu continuar vivendo no Lar. Hoje, a mocinha é responsável pela enfermaria da casa. O Lar da Criança possui excelentes gabinetes médicos e dentário. A própria alimentação dada aos garotos é controlada por nutricionistas. As crianças, ao serem recebidas pela instituição, vêm em geral subnutridas e com doenças oriundas do seu estado de depauperamento. Recebem rações à parte de ovos, chocolates e outros alimentos ricos em albuminas e gorduras. Em pouco tempo, sob esse regime, adquirem peso e saúde normais. Não queremos terminar a reportagem sem antes fazermos um apelo a todos aqueles que se interessam pelo amparo à criança desvalida e muito especialmente à colônia israelita dessa capital. Não se esqueçam que o Lar da Criança Israelita acolhe atualmente cento e dez criancinhas que para se alimentarem dependem, exclusivamente, do seu auxílio. Não se esqueçam que o "deficit" orçamentário da instituição é de sessenta mil cruzeiros mensais. As cento e dez crianças contam com a sua generosidade para poderem comer e vestir-se no próximo mês.

Da esquerda para a direita: Israel, que aparece em primeiro plano, é o "maestro" da turma do jardim de infância. Possui uns doze diferentes instrumentos de percussão (tambores, tímpanos, chocalhos, matracas), e com isso, Israel organiza a mais barulhenta orquestra que já vimos, que nada fica a dever à de Spike Jones. — Aqui está Suzette, este seu "close-up" foi apanhado quando Dona Loti, a enfermeira, e uma antiga interna do Lar da Criança aplicava-lhe uma injeção. D. Loti criou tanto amor à casa que a educou e amparou, que preferiu continuar vivendo no próprio colégio, após ter completado os dezesseis anos. Hoje é a enfermeira oficial do Lar da Criança. — Abraãozinho estava sonhando com as fadas que povoavam as histórias que acabara de ler. A biblioteca infantil desse educandário conta com mais de quinhentos livros. Professoras do jardim de infância lêem para os pequeninos histórias apropriadas.





O coronel Antônio Felino Barroso, ao lado de sua nora, a esposa do acadêmico Gustavo Barroso

UM SÉCULO EM PESSÔA

Antônio Felino Barroso, exemplar duma raça. — Lição de energia e otimismo. — "Sans peur et sans reproche". — Veterano da Guerra do Paraguai. — Foi sempre assim o mundo.

Reportagem de HERMAN LIMA

FAZER cem anos, nestes tempos de vida em compridos, com os minutos valendo por horas, as horas por semanas e as semanas por ciclos históricos; quando uma guerra de um lustro custa cinquenta e cinco milhões de baixas, e uma pequena esfera pouco maior do que uma pelota de "tennis" risca do mapa, em segundos, cidades inteiras, dissolvendo em matéria involutiva homens e animais e lhes torcendo os arranhiceus como feixes de erva; quando um cidadão carioca deixa o Rio de madrugada e vai flunar na manhã seguinte pelos Champs-Élysées, e é possível, sem deixar a mesa de trabalho, trazer para dentro de casa, em cinco minutos, o "speaker" da emissora de Changai, uma cantora da Broadway, o preleito de Edinburg arengando, a orquestra de "fulas" duma palhota da Guiné ou o xá da Pérsia, não é, sem a mínima dúvida, façanha de desprezar.

Lembre-mos mais de que uma criatura dessas nasceu quando o Brasil acabava de celebrar, havia pouco, a maioridade de D. Pedro II; quando a tirania de Rosas mal erguia as garras contra o sul da América; quando a maioria das grandes cidades do Brasil atual não passava de modestos arruados, sem calçamento, sem transportes (ponto em que aliás não se diferenciavam muito do Rio de hoje, diga-se de passagem), de iluminação a azeite de peixe, duma doce e claustal vida de entreportas ao cair do Angelus; que, depois do seu nascimento, houve nada menos de seis grandes guerras — a do Paraguai, a franco-prussiana, a dos "boers", a russo-japonesa, a de 14 e a segunda guerra mundial; que sua vida foi marcada sucessivamente pelo advento das mais assombrosas conquistas da ciência em toda a história do mundo, tudo aquilo e muito mais que vinha na fantasia das "Mil e uma Noites", nas histórias de Julio Verne e H. G. Wells e nos desenhos de Robida — o telefone, o submarino, o dirigível, o cinematógrafo, o rádio, o vôo transoceânico, a televisão, a pantallina, a energia atômica — e tal é o caso de que

nel Antônio Felino Barroso, cearense da gema, que viveu na sua terra oitenta e sete anos seguidos e somente há treze a deixou, para se acolher ao carinho da família do filho, o acadêmico Gustavo Barroso, aqui no Rio, desde que ninguém mais lhe restava de companhia, em Fortaleza.

Tôda a imprensa deu há dias o registro devido a essa efeméride, ressaltando principalmente a vitalidade física e espiritual desse nobre exemplar duma raça de fortes, cuja vida longa e bem empregada vale como admirável lição de energia de caráter, fibra moral e inteligência dignamente utilizada.

UM VARÃO DE PLUTARCO RETARDATÁRIO

Segundo as notas que a respeito de seu ilustre pai me fornece o escritor de "Terra de Sol", "Praias e Várzeas", "A guerra do Lopez", "Pergaminhos", "A ronda dos séculos" e tantos e tantos outros livros onde se espelham, de preferência, com o vigor dum estilo personíssimo e a marca do mais intenso regionalismo de sentido universal, as glórias e as amarguras do Ceará, o coronel Antônio Felino Barroso nasceu a 1.º de Julho de 1847, em Fortaleza, na então província do Ceará, numa casa ainda ali existente, na antiga rua Amélia, hoje crismada em Senador Pompeu.

Filho de José Maximiano Barroso, membro preeminente do antigo Partido Conservador do Ceará e por dezto vezes seu deputado à Assembléa Provincial, e de D. Isabel Alexandrina da Cunha Barroso, falecida em 1917 com 92 anos de idade. Neto, pelo lado paterno, do coronel José Fidelis Barroso, ao qual se refere em seu livro "Travels in Brazil", o viajante inglês Henry Koster, que se hospedou em sua casa, no começo do século XIX, na cidade do Aracati. Neto, pelo lado materno, do Capitão-Mór, João da Cunha Pereira

Durante a campanha do Paraguai, sendo oficial da Guarda Nacional, foi mobilizado e enviado aos sertões do Cariri, com um destacamento daquela milícia, afim de prender criminosos à solta e cangaceiros, tendo aprisionado, no lugar denominado Missão Velha, o famoso bandido José Barbosa.

De 1870 a 1875, em companhia de Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Ferreira Lopes (que foi pai dos escritores Tomás e Oscar Lopes), Tomás Pompeu e outros, pertenceu ao famoso grupo de intelectuais cearenses que se reunia na casa do jovem filósofo Antônio da Poça Lima, prematuramente falecido, em tertúlias literárias e científicas que fizeram época. Esse grupo, do qual o derradeiro sobrevivente é o Coronel Felino Barroso e que mereceu um estudo de Capistrano de Abreu, teve o significativo nome de Academia Francesa do Ceará, florescendo em época de grande agitação mental por todo o Brasil, agitação que preludiva a célebre Questão Religiosa.

Tendo sucedido, no início da década de 1880 a seu venerando pai, no cargo de escrivão de Órfãos da capital do Ceará, exerceu-a até 1932, isto é, durante cinquenta e dois anos, sempre muito benquisto por todos e considerado funcionário exemplar.

A prática das coisas militares, adquirida em sua mocidade, no árduo policiamento dos sertões cearenses fez com que, no início da era republicana, o governador do Ceará o encarregasse de organizar o Batalhão de Segurança do Estado, do qual foi o primeiro Comandante. Desse cargo pediu demissão em 1891, recebendo em ofício do Governo Estadual os mais rasgados elogios.

De então por diante, passou somente a dedicar-se às suas funções de escrivão e ao cultivo de pequeno sítio no arrabalde fortalezense do Benfica, cujas frutas e flores sempre tiveram grande fama.

Tornou-se uma figura popular e respeitadíssima pelo seu alheamento às paixões políticas, o seu procedimento imaculado, a sua notável cultura e os seus ditos de espírito.

Tendo casado com D. Ana Dodt Barroso, filha do notável engenheiro Dr. Gustavo Luís Guilherme Dodt, construtor das linhas telegráficas do Nordeste e do conhecido e utilíssimo Canal Dodt, ainda hoje em serviço efetivo nas salinas de Mossoró e autor das plantas de S. Luís do Maranhão e de Juiz de Fora, em cuja fundação e desenvolvimento colaborou com Halfeld, teve o coronel Felino, desse consórcio, três filhos: Waldemar, falecido aos treze anos de idade; Ana, que morreu em 1919, freira num convento beneditino de Nieuwe Herlidaag na Holanda e o Dr. Gustavo Dodt Barroso, Diretor do Museu Histórico Nacional e Membro da Academia Brasileira de Letras, como se sabe.

Em várias viagens feitas à antiga Corte, conheceu pessoalmente ou de vista, muitas notabilidades do império: Cotejipe, João Alfredo, Osório, Tamandaré, Caxias, Dantas, Nabuco. Ouviu discursos deste, no Rio e em Recife. Conviveu muitas vezes com seus parentes, que foram notáveis da época imperial: o Conselheiro Liberato Barroso e o Barão de Catuama. Ainda mais viva é a sua recordação dos homens ilustres do Ceará: Barões de Aquiluz e de Ibiapaba, Senador Pompeu, Comendador Accioly e sobretudo os seus diletos amigos, Barão de Studart, Rodolfo Teófilo e Juvenal Galeno, cuja obra merece seus rasgados elogios. Com grande saudade relembra ainda a íntima amizade que o ligou ao General Tibúrcio e ao presidente Caio Prado, sendo um entusiasta da memória do Imperador Pedro II.

Saúde física, enérgica moral e perfeito equilíbrio de suas faculdades, raras qualidades em tão avançada idade, são as características desse cearense de quatro costados, que completa longe da terra natal pelo espaço mas perto dela sempre pelo coração, o seu primeiro centenário, como ele diz com muito espírito.

1847-1947 EM PESSÓA

Fui encontrar o Coronel Felino à noite, em casa de Gustavo Barroso, em Copacabana, no suntuoso "décor" de estantes peçadas de belas encadernações, porcelanas de Saxe, de Sévres e de Royal Copenhague, quadros a óleo, e flores, muitas flores, ainda da festa do dia 1.º.

Sua figura, aliás, é das que me ficaram para sempre gravadas na memória, dos meus tempos de rapazinho em Fortaleza, desde que me deu para bolir na telha o demônio das coisas literárias. Sabia-o pai de Gustavo Barroso e isso era o bastante para render ao filho, na sua pessoa, o tributo da admiração que me vinha dos primeiros contos de Gustavo, publicados nas edições de natal de "Fon-Fon", a partir de 1912. "Terra de Sol" saíra pouco antes e me deixara uma impressão de inapagável encantamento.

Os contos regionais, contando coisas dos meus pescadores de Meireles e das várzeas do Jaguaribe, na sua linguagem exata e enxuta, com um fundo conhecimento da sua vida e dos seus hábitos, foram com certeza o estímulo mais poderoso para as minhas tendências literárias ainda incipientes, pelo desejo de trazer também para as letras a farândula de caboclinhas bonitas e de cabras forçadas com que a minha convivência de tantos anos nas dunas de Mucuri e nos areais do Outeiro me havia familiarizado. Meu primeiro livro foi-lhe assim naturalmente dedicado, como a outros dois amigos do coração, e a ele fiquei ainda devendo uma notoriedade nada desprezível, na época, quando, por uma contestação sua ao

parecer de Humberto de Campos, que pusera em relêvo minhas histórias, porém lhes recusara o prêmio, foi-lhes dado o galardão da Academia, em 1926, coisa de intensa repercussão naqueles bons tempos.

Desde 1917 até a minha saída do Ceará, em 1922, era hábito de todos nós, enleados em sonhos de glórias literárias, nos reunirmos todas as tardes na terrassa do Café Riche, na Praça do Ferreira, para discutirmos versos e romances, poemas e prosadores. A roda constava dos velhos, como Quintino Cunha, Antônio Sales, que a ela se juntaria em 1920, José Albano, e dos do "meu tempo", Cruz Filho, Beni Carvalho, Paula Aquiles, Otacilio de Azevedo, Sabóia Ribeiro, Clóvis Monteiro, Martins de Aguiar, Sales Campos, Leão de Vasconcelos, e todos os mais que iam surgindo medrosamente, como era o meu caso.

Todas as tardes também era certo vermos apear dum bonde do Benfica, de volta do seu sítio, o velho Felino, como lhe chamavamos afetuosamente: paletó de algodão, chapéu de massa preto, achamboirado, calças brancas e uns imensos sapatos de sola de madeira, como tamanhos, com que atravessava toda a cidade, até sua casa, no começo da rua Major Facundo, sempre carregado com uma famosa cestinha de frutas — mangas, atas, sapotís e cajús, como o representa tão bem a excelente caricatura de Enme — M. Guilherme, de tão belas qualidades de chargistas e tão esquecido até hoje, no Ceará — reproduzida nestas páginas. Muitas vezes, tomava parte também na reunião, principalmente quando presentes Quintino, de chiste rutilante, Antônio Sales ou José Albano.

Cearense sempre, aferrado ao torrão natal, do qual não se despegaria nunca, não fôsse o jugo de circunstâncias já aludidas, lembro-me bem de certa vez em que estávamos, eu, ele e José Albano, abancados como de costume à "nossa" mesa, tradicionalmente respeitada pelos garçons que nunca nos incomodavam a indagar de nossas intenções de consumir alguma coisa.

O coronel Felino dizia:

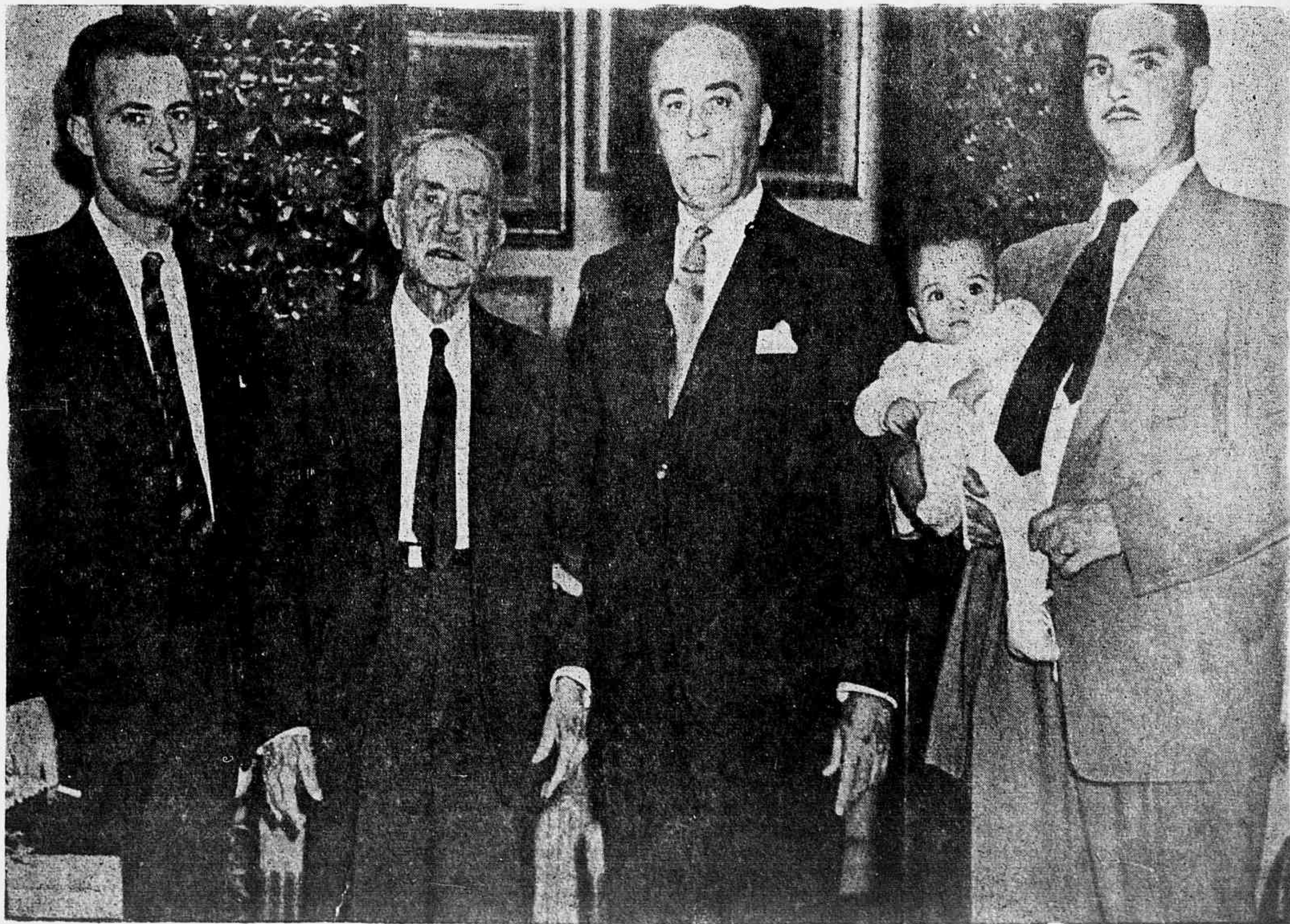
— Seu Albano, se você visse, do alpendre duma fazenda, no tempo de seca, assim pelas duas horas da tarde, aquelas várzeas cinzentas, sem uma folha, o vento levantando redemoinhos de pó, um calor de fornalha acabando com o resto de tudo, o ar tremendo como de sezão, o céu tão azul que chega a doer... ah, você nunca mais esquecerá uma cena dessas.

E José Albano, que, nas suas maravilhosas fugas da razão, se considerava grego, da estirpe de David e portanto eternamente exilado no Ceará, suspirando sempre pela Europa, e em especial por Paris, onde iria morrer anos depois, a retorquir imediatamente:

— Também nunca mais voltaria lá.



Em cima: O centenário cearense, numa caricatura de M. Guilherme. Em baixo: Quatro gerações — O coronel Felino, ao lado do filho, dos dois netos, Flávio e Claudio e do primeiro bisneto, Gustavo Barroso Neto.



Esse apêgo ao Ceará ainda agora se traduz, quando indago d'ele qual a lembrança mais recuada que tem na sua longa vida.

A PRIMEIRA LEMBRANÇA — PRIMEIRA AMARGURA

— A primeira lembrança que tenho, ainda menino, foi quando meu pai vendeu um sítio que tínhamos na serra de Pacatuba, olhando para a serra da Aratanha. De Fortaleza, a dezenas de quilômetros, se via a mancha branca da casa grande, lá no alto. Eu me lembro de estar chorando com desespero e muitas vezes, depois d'esse dia, ainda ia olhar de longe a mancha branca da casa, para chorar de novo — e de repente os olhos, como há noventa anos, se enchem d'água. Mas, logo se refaz: e já está contando outra reminiscência, agora com um sorriso meio brejeiro: — Tenho também lembrança de quando estava na escola, e era talvez ainda menorzinho. A escola, naquele tempo, ia das 8 da manhã a 1 da tarde, com um pequeno intervalo às 10 horas, para o menino ir em casa, comer alguma coisa. Eu gostava muito de ovo cozido, bem quente, com angú (pirão de farinha escaldada). Comia sempre às carreiras e ainda hoje tenho a lembrança do ovo muito quente escorregando pelo esôfago até o estômago — e passa a mão pelo peito abaixo, seguindo o trajeto indicado.

Pergunto-lhe se ainda gostaria de viver outros cem anos e ele retruca vivamente que não, porque dá muito trabalho, referindo-se assim aos atropelos que a família o levou, nas festas comemorativas do centenário d'agora.

Gosta de falar de pé, a cabeça erguida, levemente inclinada para trás, o nariz de águia, as riscas do bigode caindo a cada lado da boca, um tanto de desalio na postura, o que me traz à memória o granadeiro Flumbeau, de "L'Aiglon", montando guarda, em Schoenbrunn ao filho de Napoleão, como o evoca Edmond Rostand:

*Impossible à surprendre,
Fronçant sous son bonnet son gros sourcil de cendre,
Se tenant dans son vieil uniforme bien droit,
L'arme au bras, et la main contre le téton droit,
Dans la position fixe et réglementaire.*

JOVIAL E "FRONDEUR"

Suas respostas são sempre muito ágeis, marcadas duma vivacidade verdadeiramente notável.

O coronel Felino, aliás, sempre foi tido como homem de espírito atilado, eternamente irreverente e "blagueur".

No seu livro, "Consulado da China", terceiro volume de suas memórias, por onde perpassam em admirável evocação todos os episódios curiosos da vida de Fortaleza, nas duas primeiras décadas do século, refere Gustavo Barroso, a esse respeito:

"Tôda a cidade conhecia as pilhérias de meu pai. O Antônio Fiúza espalhava-as por tôda a parte, imitando-lhe admiravelmente os gestos e a voz. Uma das melhores era esta:

No sobradinho do Filinto Teotônio, à esquina das ruas Senador Alencar e Formosa, costumava haver um foguinho de poker à noite. Certa madrugada, meu pai estava lá, jogando, quando começou a chover e trovejar, relâmpago atrás de relâmpago e água às cataratas. Um dos parceiros sorveu um cálice de aguardente por causa da friagem e disse:

— O melhor que temos a fazer é jogar até amanhecer. Sair com este tempo não é possível.

Meu pai, que estava ganhando, não gostou da proposta, mas, fez-se de desentendido e propôs a terminação do jogo. Todos protestaram que não e decidiram só sair quando a chuva parasse. Durante umas três paradas, meu pai ainda ganhou, porém de súbito a sorte virou e começou a perder. Se continuasse, iria embora todo o seu lucro. Então, uma idéia iluminou-lhe o cérebro. Levantou-se dizendo:

— Deixem-me ver em que parai as modas.

Aproximou-se duma janela e escancarou-a. A luz rubra dos contínuos relâmpagos clareou várias vezes a sala.

— Fecha isso! — gritaram os outros.

Ele não fechou e em altos brados invejivou a divindade, enquanto rolavam os trovões ameaçadores:

— Deus, ó Deus, se em verdade existes, manda já um raio nesta casa de viciados e castiga duma vez essa canalha!

— Estás maluco, criatura?!

— Cala a boca!

— Fecha a janela!

Ele continuou, iluminado pelos relâmpagos:

— Deus, se és mesmo Deus, arrebenta a raio esta joça, este antro de perdição! Não creio, porém, que tenhas poder para tanto...

E desandou a blasfemar. Quando se voltou para trás, a sala estava deserta. Os jogadores tinham fugido uns atrás dos outros, arrostando o temporal. Nem o próprio dono da casa achou para fechar a porta, quando saiu contente, tendo salvo o rico dinheiro que ganhara. Bateu-a com o trinco, murmurando:

— São uns bestas! "

O coronel Antônio Felino Barroso, já iniciado o seu 101.º ano de existência, de pé, como sempre.

OS "LUSIADAS", DE COR. AOS CEM ANOS

Estou, no entanto, ansioso para me certificar do que se diz a respeito da sua memória, afirmando-se que ele seja ainda capaz de recitar estrófes inteiras dos "Lusiadas".

D. Antonieta, sua nora, prontifica-se gentilmente a ir buscar um volume de Camões e manda que eu abra em qualquer canto, lendo-lhe o verso inicial de qualquer estrofe. Assim faço, e mal acabo de ler:

Entre este Mar e Tanais vive estranha
Gente, Rutenos, Moscos e Livonias.

O coronel Felino, sem me dar tempo de prosseguir, retoma o ritmo do estro imortal e continua vivamente até o fim:

Sarmatas outro tempo, e na montanha
Hircinia, os Marcomanos são Polonios
Sujeitos ao Imperio da Alemanha,
São Saxonos, Boemios e Panonios,
E outras várias nações, que o Reno lrio
Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis Rio.

Salto cinquenta páginas para diante e repito a experiência. Depois, cem para trás, vinte para a frente, e sempre, sem hesitação da sua parte, o mesmo resultado:

Estavam pelos mares temerosas,
E de um alegre medo quase frias.

Rezando as mais, irmãs, damas e esposas
Prometendo jejuns e romarias...

As vezes, é certo que a palavra exata não lhe chega de pronto, mas não se aperta, onde está "decidiram" diz "resolveram" e, quando não lhe ocorre mesmo, definitivamente, um vocabulo, salta os fonemas traiçoeiros, para logo adiante pegar a deixa e completar a estrofe, **isso com o livro todo.**

Eu estou assombrado e não é menor o pasmo também do fotógrafo da *Revista* que, com o seu ajudante, segue estupefato a fabulosa prova. Por fim, não posso ter mais a menor duvida dessa incrível retentiva memorica e procuro ao menos saber como é possível semelhante fenômeno, indagando desde quando ele sabe assim de cor os milheiros de versos:

— Desde menino. No meu tempo a gente estudava os clássicos, não papagueando as palavras, mas extraindo

de cada uma delas a substância, decompondo os períodos, interpretando-os no mais íntimo sentido. Hoje nem ao menos se lê Camões. E latim, quem é que estuda latim? Latim, "língua morta", "língua inútil"... Se nem português se estuda mesmo...

UM MILHÃO DE AMIGOS

A uma pergunta minha a respeito de quais eram seus amigos dentre os seus contemporâneos no Ceará, tem uma resposta admirável:

— Todos. O Ceará inteiro. Menos um: João Brígido. Esse era um homem terrível. Basta dizer que usava a máxima: "Em quem não tem rabo de palha prega-se". Isso diz tudo.

Sua admiração mais viva é marcadamente por um cearense quase genial, o crítico, filósofo e matemático Rocha Lima, que morreu com vinte e dois anos. Capistrano de Abreu e Tomás Pompeu são também das suas mais vivas preferências. Do mesmo modo, guarda recordações inapagáveis de D. Pedro II, que foi visitar duas vezes no Paço de S. Cristóvão, em 1878, quando a família veio do Ceará, em consequência da tremenda seca de 77/79. Outro para quem tem palavras de comovida simpatia é o velho Accioly. — Antonio Pinto Nogueira Accioly, que governou o Ceará por perto de vinte anos. "Falavam muito dele, mas posso dizer que quando foram fazer-lhe o inventário acharam que os bens deixados por ele não iam além de 45 contos, incluindo o terreno da fábrica que os rabelistas queimaram em 1912 e que foi avaliado em 18 contos. E era esse o homem cuja honestidade atacavam tanto no Ceará".

De tudo o que soube, como de todos que conheceu, é capaz de recordar imediatamente um traço característico. Sempre que fala do Ceará vibra de animação, como quando lhe digo, a certa altura, que nossa casa familiar fica em Meireles, perto da Volta da Jurema. "Praia das jangadas, dos valentes jangadeiros. Homens de coragem que vão no mar alto, até fora da vista de terra, em cima dos quatro paus da jangada" — e outra vez os olhos se enchem d'água, como se o sal das ondas da distante praia cor de prata lhe viesse de repente arder nas palpebras; no sossego desta noite chuvosa de Copacabana, que nos parece nessa hora tão mais distante de nós do que a nossa terra...

A saudade de Fortaleza é sempre presente no seu coração. Para se iludir, costumava até há bem pouco sair

todos os dias, a correr as feiras dos balstos próximos para vir de volta com a antiga cestinha de frutas e de legumes, como nos seus bons tempos do sítio do Benfica. Numa hora dessas foi que há dois anos um automóvel o atropelou, sem que sentisse muito a violência do tranco. Talvez o carro sentisse mais, é o que ele diz.

O HOMEM FORTE

Já estamos falando de pé há quase uma hora, são quase 10 da noite, e pergunto se ele não quer se sentar, se não está cansado.

— CANSADO? — é quase um grito de revolta que protesta, plenamente ofendido. E sei então que é seu hábito ler até tarde, perto da meia noite, todos os dias. Ainda agora está lendo todas as noites "O Rio de Janeiro Imperial", de Moraes de los Rios.

Lá para as tantas, fala-se de religião e quero saber se ele foi sempre agnóstico, como se proclamavam os membros da Academia Francêsa do Ceará, na sua fundação, há setenta anos. Diz que sim, desde pequeno, muito embora criado no seio duma família religiosa. Não vai, porém, aos extremos de negar tudo. "Nem afirmo nem nego", diz como sùmula de sua atitude mental, o que é já afinal um meio caminho de aceitação... Tanto assim que sua única filha foi ser freira e não se opôs, e a principal comemoração do seu centenário foi uma missa votiva mandada celebrar pela família, na Catedral, à qual assistiu sem o menor constrangimento.

Quanto à sua receita de longa vida, diz que não adianta fornecê-la a ninguém, porque é um tanto perigosa. Gustavo Barroso conta mesmo que, tendo ele ficado viúvo muito cedo, sua existência sempre foi um tanto de notívago, o que era por demais estranhável no pequeno meio da provincia. Mas, nunca se deu a excessos.

— "Bebe-se muita cerveja no Norte (bebia-se, porque hoje se bebe é whisky) e cerveja tem matado muita gente". Gosta de bom vinho à mesa. Em excesso, ahás, até água do pote faz mal, como acentua.

Sua longevidade talvez seja mesma familiar. Em certa época, em Fortaleza, quando vivia com as irmãs e a mãe, era, com 75 anos, o mais novo da casa, — o caçula da família, como diz, — o que levava R. Magalhães Junior a comentar maliciosamente que a notícia, essa por

(Cont. na pág. 58)

O coronel Antônio Felino Barroso, conversando com o escritor Herman Lima, autor desta reportagem, a quem recitou, com memória de causar assombro, várias estrófes de Camões.



O DONO DO MUNDO

Conto de **Euclides Marques de Andrade**

★ Ilustração de **Armando Moura**

SEGUINDO o seu costume de vinte e dois anos ele deu um "boa tarde" a todos e depois outro ao seu vizinho mais chegado. Em seguida sentou-se, abriu uma gaveta de sua mesa e nela depositou, cuidadosamente, o seu chapéu surrado. Depois abriu outra, de onde tirou um grande livro, começando a escrever.

As suas feições eram as mesmas de sempre, mostrando um ar cansado de quem nada espera da vida, mas também nada deseja. Acendeu um cigarro, fez um comentário com o Silvério sobre a falta de pão e mergulhou, de novo, no livro de contabilidade. Mas o seu pensamento não estava ali. O seu coração batia mais depressa, sentia as mãos muito mais trêmulas do que nos outros dias. Tiranicas, as idéias más não o deixavam. Iam e voltavam, tornavam a ir para chegarem, traiçoeiras, de novo. Somente um espírito como o dele, subjugado por uma vontade férrea, poderia trabalhar sob aquelas idéias absorventes. Embora a sua imaginação fosse viva e colorida, tendo sempre a capacidade de idealizar mundos maravilhosos e verdadeiros infernos ele, de há muito, conseguira refreá-la. Quando começara naquele emprego público, a sua sensação de fracasso fôra simplesmente esmagadora. Vira frustrados todos os seus sonhos, as suas esperanças, que haviam sido, em sua mocidade, as fontes puras onde ele bebia a água fresca de sua alegria. Mas conseguira, a custo, recalcar no fundo de seu ser, todas aquelas aspirações falhadas, aqueles ideais que haviam clareado a sua existência inexpressiva de adolescente pobre. As ve-

zes, como pássaros em festa na luminosidade indecisa das auroras, ele sentia, dentro do peito, o câro alegre de seus queridos fantasmas, seus amigos de sempre. Mas logo emudeciam estas vozes. E foi se acostumando. Os anos passavam indiferentes. A sua vida tornara-se uma simples rotina: casa-repartição, repartição-casa. Naquela o café, a conversa preguiçosa e um pouco de trabalho. Em casa as queixas de sua mulher sobre as dificuldades da vida, o desaforo do leiteiro, o pouco caso do fornecedor, as brigas dos meninos. As vezes achava estúpida aquela existência. "Para que vivemos, será para isto? Não pode ser. Deve haver alguma coisa melhor. Eu, apenas, devo ter errado o caminho. Não acho sentido no que faço." E assim — sem desconfiar que aquilo era apenas o resultado de haver se conformado com o abandono de suas aspirações, ou então de não saber orientar estas num sentido mais construtivo — ele ia se entregando aos braços enervantes do tédio. Eram macios, terrivelmente macios. E agora, de repente, como um trovão num dia bonito de sol, acontecia aquilo. "Eu não queria alguma coisa diferente? Devo me conformar. É muito doloroso, mas, pelo menos, não é igual. Nunca, nunca, mesmo, poderia esperar "isto". Só quem não tem nenhum senso de justiça poderia imaginar "isto". Um sentimento atroz de revolta, um intenso desejo de vingança, perturbavam a sua alma apaixonada. Todos os seus desejos não satisfeitos, os seus sonhos mortos, pareciam querer saltar, violentamente, como impulsivados pela mola mágica de seu sofrimento e

subjugá-lo, levando-o à prática de atos contrários ao seu temperamento pacífico. De um lado o bom senso soprava em seus ouvidos conselhos de prudência, de conformismo com a sorte, com o que lhe havia acontecido. Mas do outro, como a voz do vento nas tempestades, uma eclosão misteriosa de sentimentos gritava-lhe coisas disparatadas: "Acabe com ele, acabe com ele, acabe... com... ele, acabe...". No entanto, estendendo o seu domínio ao máximo ele continuava a escrever, aparentando calma. Nenhum de seus companheiros notara ainda o seu tumulto interior. O seu rosto, apenas mais vermelho que o costume, estava quase impassível. Desde o dia em que, no colégio, quando ia fazer o seu primeiro discurso, os colegas haviam rido de sua "cara", dizendo que ela estava tão "vermelha", que parecia um pimentão enrugado, ele aprendera a controlar a sua aparência externa. Agora, ali, sentindo dentro dele o entretchoque soturno de paixões diversas, nada deixava se estampar em seu rosto. Por isto mesmo o seu sofrimento parecia maior, muito maior. Mas escrevia sempre. Finalmente chegou a hora de encerrar o expediente. Saiu apressado, indo esperar o seu bonde no ponto habitual. Este chegou cheio, como de costume.

Arranjou um lugar no estribo e lá se foi pendurado, sacudido pelos empurrões dos vizinhos. Em todos os postes brancos uma parada enervante. Chegou em casa e jantou tristemente, engulindo a comida apenas como

(Cont. na pág. 58)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"





ARMANDO
MOURA

cia tida por Estado Livre e Independente, sem dispensa de hino.

Pouco depois o novo Estado proclamava a sua independência vigente até a maioridade de D. Pedro II, esta nos termos do artigo 121 da Constituição do Império.

A espera da hora marcada, a revolta pretendeu reunir Constituinte, obter por Constituição. Escolheu presidente e vice-presidente do Estado, aquele por sinal nos Estados Unidos, formou ministério no qual ao Dr. Sabino coube a pasta dos Negócios Estrangeiros, no caso assaz singular.

O vice-presidente do Estado lealçou, nomeou bastante, organizou em compreensível às pressas. Mas o "Governo Central do Rio de Janeiro" entender tempo e necessidade repór a Bahia na comunhão unitária nacional.

Para tanto designou Araújo Lima novo presidente para a província, presidida por Sousa Paraiso ao irromper a Sabinada. O regente confiando a repressão pelas armas ao general João Crisóstomo Callado, este que assim mandado assim o fez, com o concurso da armada nacional, raro dispensável em operações bélicas.

De Novembro de 1837 a Fevereiro de 1838 a Bahia, e com ela sobretudo a cidade do Salvador, conhecia a vida triste das revoltas e suas incertezas. Em meados de Março de 1838 a cidade capital padecia afinal três dias de batalha entre forças legais e insurretas; finda a luta por clarões e fumaças de incendio atestado por vencidos em vários pontos da cidade.

O conhecimento da Sabinada pode ser obtido através de estudos de Moreira de Azevedo Sacramento Blake, de Braz do Amaral, este documentadíssimo, e Sebastião Fleury Curado, o último a estudar a vida de Sabino Vieira em Goiás e Mato Grosso, onde foi parar.

Na REVISTA DA SEMANA, há algum tempo, trouxemos a depoimento a informação do cônsul francês na cidade do Salvador, oficiando ao seu governo. O inédito tirado do arquivo do Ministério de Estrangeiros em Paris tem a valia de testemunho pessoal e da hora dramática qual a do momentâneo asilo dado pelo cônsul a Sabino Vieira, quando a Sabinada morria em arrancos de peleja desperada nas ruas da cidade do Salvador.

Em 1837, ao organizar o Estado Livre da Bahia, o vice-presidente em exercício do mesmo Estado, Silva Rego, entre numerosas nomeações fazia algumas de magistrados. Todos bachareis pela Academia de Olinda, a saber Augusto Teixeira de Freitas, nomeado para a 1.ª vara cível da capital; Antonio José de Sá Freire e Mattos designado para a 2.ª vara cível e para a chefia de polícia, e Francisco Liberato de Mattos para a 2.ª vara crime.

Ouvidor de Pernambuco, Antonio Carlos, vira-se envolvido na revolução de 1817, na mesma situação delicada de Teixeira de Freitas, em 1837.

A 23 de Julho de 1840 era majorizado D. Pedro II pelo poder legislativo. Mal subido ao trono deste, logo baixava o jovem monarca a primeira das anistias do seu clemente reinado.

A 22 de Agosto de 1840 a anistia passava esponsa sobre o crime político da Sabinada, proibidos porém de permanência na Bahia os influentes da revolta, designados para suas residências as províncias de Goiás, esta por Sabino Vieira, e de São Paulo e Minas, conforme o previdente arbitrio do presidente da Bahia, Barreto Pedrosa, a tanto autorizado por Olímpio de Abreu, ministro da Justiça.

O poder público anistia crimes políticos, a breve ou longo prazo, a Igreja, porém, em geral consome séculos antes de bemaventurar ou canonizar seus santos, sujeitando-os mesmo às contradições do advogado do Diabo. Por sua vez a História examina muito antes de absolver ou condenar, para muitos, a Sabinada ainda à espera da sentença passada em julgado.

Conheceu-a Teixeira de Freitas juiz ocasional em quadra de poucos autos.

Viria depois ao Rio de Janeiro para nele se consagrar grande advogado e jurisconsulto de obra magna.

Por muitos anos manteve banca de advocacia em sala de sobrado no beco das Cancelas vizinho da rua do Ouvidor seccionada pela rua 1.ª de Março, para acabar fim no mar.

O escritório forense de Teixeira de Freitas foi escola para muitos advogados principiantes, que formados causídicos se orgulhavam das lições do Mestre que lhes dava o exemplo do trabalho no lhes aperfeiçoar prática de fóro.

Afinal, o excesso de labor, sobretudo na tentativa de dotar a pátria com um Código Civil, acabou exaurindo a mente e as forças de Teixeira de Freitas, arredando-o da vida ativa e profissional.

Num dia de Dezembro de 1883, o cemitério niteroiense de Maruj recebia os restos mortais de Teixeira de Freitas, restos perecíveis de envólucro e um grande espírito imortal para a pátria.

Um dia, após elvido, a justiça acordou a memória brasileira, lembrando-lhe os serviços de Teixeira de Freitas. Erigiram-lhe estátua no largo de S. Domingos hoje inexistente, o monumento foi transferido para o fim da Avenida Augusto Severo, lados da Lapa, vizinhança do Passeio Público, desarborizado e pois mentindo à sua missão.

Obra de Rodolfo Bernardelli, a estátua de Teixeira de Freitas, em novo local, foi alvo de infeliz modificação de pedestal, muito expressiva a sua primeira feição de pedestal baixo e sólido, de bases representado por Bernardelli. Bem advertiu Apelles ao sapateiro do perigo de ultrapassar sandália.

Bastante padecia Teixeira de Freitas em vida das injustiças para ser indifferente em bronze ao que lhe fizeram os homens.

Niterói deu tûmulo a Teixeira de Freitas, Cachoeira dá-lhe berço na Bahia, por sucessos históricos a cidade à margem do Paraguassú legendária na província.

Fronteira a outra cidade, a de S. Felix, Cachoeira, de nome potomagrifo conhece a visita das cheias do seu rio.

Em 1893, Cachoeira era cidade apontada composta na sua mór parte como de sobrados de um andar e poucos de dois pavimentos, sendo as casas térreas na razão de pouco mais de um terço na cidade.

Nela muitos sobrados atestavam edificação remota e firme, à qual os donos abastados procuravam improvisar tal ou qual aspecto de solar.

Visitando a Bahia, pouco depois do primeiro centenário da Independência, um cultor do Direito e das letras, foi ter a Cachoeira, tão memorável nos fastos da época de nossa separação inteira de Portugal como metrópole.

Sabia o visitante da existência da casa natal de Teixeira de Freitas em Cachoeira. Deu-lhe exame exterior e interior. Fotografou o prédio o dr. Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, prestando serviço aos que prezam o Brasil de tempos idos de tanta gente prestante.

Quem correu a Europa sabe que pelo menos até 1914, a memória dos grandes homens é cultuada nos países civilizados.

Na casa de Beethoven, em Bonn foi conservado vazio o quarto no qual andara sem dúvida de cá para lá, de lá para cá, em momentos de inspiração o sublimador da música pela surdez impedido de ouvi-la nas suas próprias composições.

Que é feito agora, em toda parte, dos grandes homens?

Não pode sobrar tempo para lhes preservar casas natais, quando a humanidade anda em *steple-chase* e o mando universal a depender do átomo.



O monumento a Teixeira de Freitas, na Avenida Augusto Severo, em frente ao Silogeu Brasileiro.

Augusto Teixeira de Freitas — cabe tal nome a brasileiro verdadeiramente ilustre. Não se estranha no caso o assinalar especial do advérbio, dado hoje o baratear de adjetivo autorizando toda a gente a se ter por ilustre, seja qual seja a condição social de cada um, até mesmo ínfima.

Teixeira de Freitas é um legítimo ilustre cuja vida se repartiu entre a Bahia natal e Pernambuco de seus primeiros estudos, e o Rio de Janeiro. Neste construiu glória, na cidade carioca vivendo de longe a longo.

Em 1833 matriculara-se Teixeira de Freitas na Academia Jurídica de Olinda. Em segundo ano de curso, transferia-se para a Academia Jurídica de São Paulo.

Não se deu bem com a mudança, por se dar mal com alguns lentes daquela Academia.

Tornou ao Norte, a Olinda, à convivência de condiscipulos, na maioria nortistas, entre eles Sousa Franco, Sinimbá, Nabuco, Saldanha Marinho.

Toma-se Teixeira de Freitas em 1887 colega de turma de Wanderley, o futuro Cotegipe, e de Zacarias sempre e sempre de tal nome.

Graduava-se Teixeira de Freitas na Regência, esta na pessoa de Araújo Li-

ma. Os três bachareis de Olinda entravam na vida pública em época de política feroz. Para a política e seus encontros voltar-se-lam Cotegipe e Zacarias, nela alcançando postos e fama até chegar a cimos de vida nacional.

Em 1837 ia a Regência achar-se a braços com mais uma das lutas civis assolantes do Império desde princípios do período regencial, continuando os agros dias do Primeiro Reinado.

A 7 de Novembro de 1837 estalava na cidade do Salvador movimento sedicioso e de caráter original, o de separatismo a prazo fixo.

O movimento revolucionário pretendeu quebrar um dos elos da preciosa cadeia da unidade nacional, embora em tempo marcado pretendesse ressoldar o elo partido.

O chefe, ou pelo menos a figura mais notória da revolta, o médico e professor de medicina, Sabino Alves da Rocha Vieira, daria nome à sedição para o registro na história pátria.

A Sabinada, na qual entrou gente de influência e gente de cor, declarou sem meios medidas a província da Bahia inteira e perfeitamente desligada do que considerava o "governo denominado" "Central do Rio de Janeiro", a ex-provin-

TEIXEIRA DE FREITAS



COUBE a Cesar Ladeira, quando locutor da Rádio Record, apresentar, no programa "Hora H", o cantor Wilson de Andrade, hoje uma das vozes mais bonitas do "broadcasting" nacional. Intérprete de melodias internacionais, com um curso brilhante feito no Conservatório de São Paulo e com honroso primeiro lugar num concurso promovido pelo Departamento de Cultura bandeirante, ingressou no elenco do Casino da Urca, no decorrer de 1940, aí permanecendo pelo espaço de seis anos, tomando parte nos principais "shows" dessa "boite". Sua atuação no rádio carioca se fez sentir por intermédio de diversas estações, destacando-se na Tamoio, Tupi, Mayrink Veiga e Glovo, esta última sua presente emissora. Independente do rádio e do cassino, Wilson de Andrade apareceu em "Sonho Carioca", revista encenada por Chianca de Garcia no Teatro Carlos Gomes e mais tarde levada à cena em São Paulo. Artista consagrado pelo público e pela crítica, tem recebido inúmeras propostas para excursionar aos Estados Unidos, sem contudo tomar uma decisão. E' que compromissos vários o prendem à Cidade Maravilhosa, onde possui enorme legião de fans. Mas, este ano, o intérprete de melodias internacionais visitará Buenos Ayres, a fim de cumprir esplêndido contrato com a Rádio Belgrano, apresentando composições brasileiras. Wilson de Andrade é um dos cantores mais bem pagos do Brasil, uma vez que sempre soube valorizar sua arte. Recentemente, quando esteve em São Paulo, acionou o empresário por não cumprir com o contrato, estando em julgamento a questão. Suas audições na PRE-3 são feitas em "Cidade Melodia".



CARMELIA ALVES, hoje senhora Jimmy Lester, está para a música popular como Bidú Sayão está para o clássico. Dedicando-se à interpretação do samba, conseguiu logo nos primórdios de sua carreira artística um dos maiores sucessos em gravação, qual seja o de "Quem dorme no ponto é 'chauffeur'". Este número bastou para que as estações como a Mayrink Veiga, Nacional e Transmissora lhe abrissem as portas, o mesmo acontecendo com as fábricas de discos, sempre desinteressadas pelos novos. Carmélia Alves passou a figura de primeiro plano, sendo uma das primeiras colocadas no concurso dos melhores do "Cine-Rádio-Jornal". Quando exclusiva da PRE-8 tomou parte num "test" cinematográfico, sendo classificada para tomar parte num filme que até hoje não foi realizado. Carioca de nascimento, seu primeiro contato com o microfone deu-se através do "Programa Picolino", comandado por Barbosa Junior na PRA-6. Tem cantado nas principais "boites" nacionais, e já levou a efeito temporadas nas emissoras paulistas e gaúchas, além de vitoriosa atuação na Bahia. Atualmente, Carmélia Alves está em São Paulo, animando os "shows" de uma "boite", e cantando na Record ao lado de seu esposo, o conhecido "crooner" Jimmy Lester. Com um número de gravações apreciável, a artista patricia estuda duas interessantes propostas, ambas partidas de emissoras cariocas, interessadas no seu concurso. Seu contrato, porém, com o "Roof" não lhe permite afastar-se de São Paulo, onde continua desfrutando da popularidade alcançada no Rio.



NELSON Roberto Perez, figura bastante conhecida no meio radiofônico por Bob Nelson, é o intérprete cem por cento das melodias do "far-west", gênero a que se dedicou desde seu ingresso no "broadcasting", o que ocorreu por volta de 1943, através da Rádio Tupi bandeirante. Mais tarde, transferindo-se para o Rio, atuou ao microfone da PRG-3, além de tomar parte numa das "boites" cariocas. Nasceu na cidade de Campinas, antes de entrar para o rádio exerceu as funções de caixeiro-viajante, percorrendo diversos Estados. A seguir, concluindo o curso de contador, passou a auxiliar um irmão, então proprietário de uma farmácia, até que outros compromissos o levaram em definitivo a só se preocupar com o rádio, tendo assinado contrato de exclusividade com a Nacional, estação a que pertence. No carnaval do corrente ano, Bob Nelson alcançou extraordinário sucesso com a marchinha "Alô sheriff", a qual foi posta em cena pela Continental. Agora esse número, ele obteve êxito com "Minha linda Salomé", "Vaqueiro alegre" e "O boi Barnabé", todas canções típicas de "cow-boys". Ao cinema nacional já prestou seu concurso, aparecendo em "Segura esta mulher" e "Este mundo é um pandeiro", em que trabalhou ao lado de Oscarito, Virginia Lane e outros. Apreciado pelos seus inúmeros fans, o jovem artista recentemente foi apresentado com um valente touro, oferta de um fan paulista. Com vinte e oito anos incompletos, Bob Nelson pesa setenta e sete quilos, tendo um metro e setenta e cinco de altura.



NÃO exageramos ao colocarmos Pedro Raimundo entre os melhores acordeonistas com que conta o rádio carioca. Nascido em Santa Catarina, aos oito anos de idade lá formava uma pequena orquestra, tocando em retretas e em bailes, tal como acontecia com seu progenitor. Mais tarde, transferindo-se para Porto Alegre, onde exerceu as mais disparatadas funções, inclusive a de soldado da força estadual, o exclusivo da PRE-8 veio a ingressar na Rádio Farroupilha, ali realizando uma temporada de dois meses. Terminada esta, passou para a Rádio Sociedade Gaúcha, aí permanecendo até sua vinda para o Rio. Nesta cidade, Pedro Raimundo enfrentou toda a sorte de dificuldades e quando se dispunha a voltar para o sul, Oduvaldo Cozzi levou-o para a Mayrink Veiga, para atuar num programa de Muraro. Não tardou, porém, que a Tupi lhe oferecesse melhor contrato, mudando o nosso biografado de prefixo. Da PRG-3, Pedro Raimundo saiu para visitar seus pagos, e no regresso, Almirante colocou-o na Rádio Nacional, estação a que pertence até hoje. Músico e compositor, ele possui um enorme repertório, onde estão incluídas "Adeus, Marinha", gravada em disco Continental; "Tiro-tico no terreiro", "Lamentos", "Gaúcho rasgado" e tantas outras composições de sucesso. Pedro Raimundo é casado e possui dois filhos, ambos nada querem com o rádio. Fora do ambiente radiofônico, ele pertence a uma sociedade espiritualista, da qual é irmão graduado.

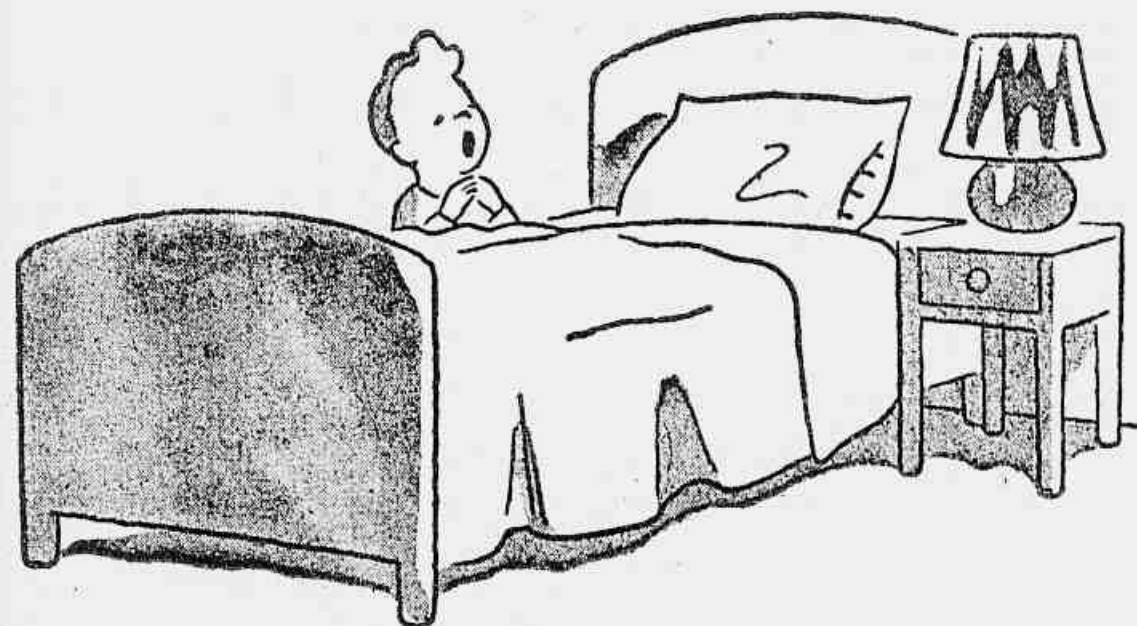
GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

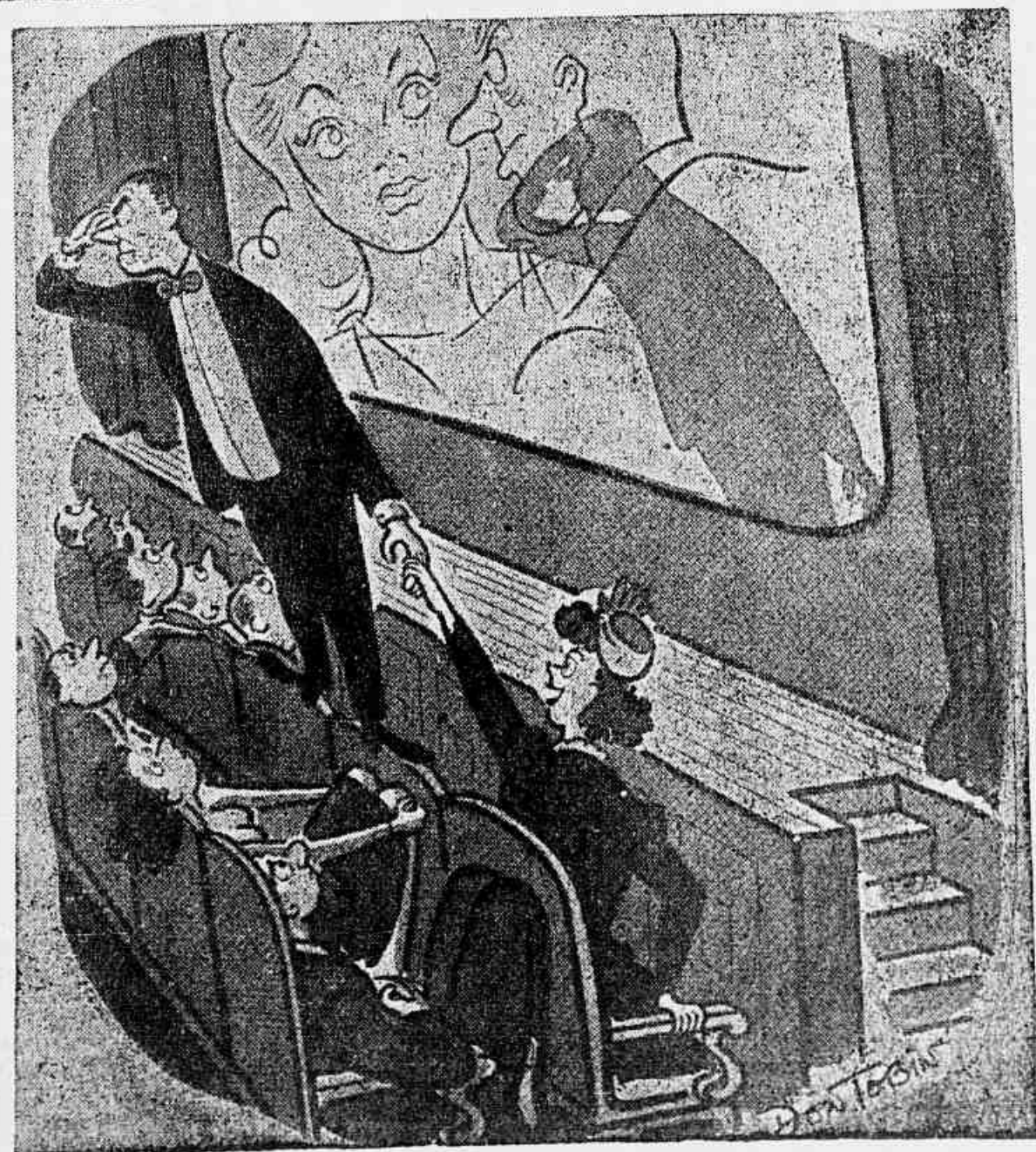
Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



— Ela pode ir diretamente para a cozinha.



— ...e, Senhor, fael-me ficar limpo sem ter de tomar banho!



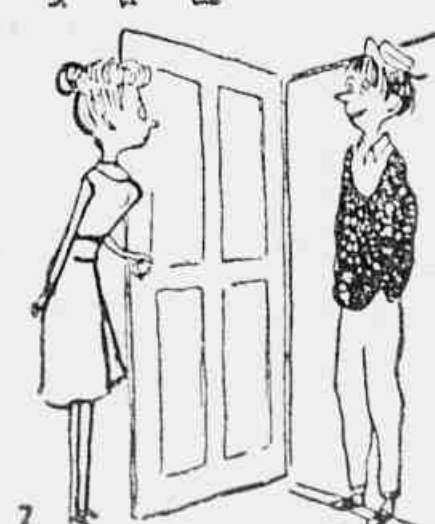
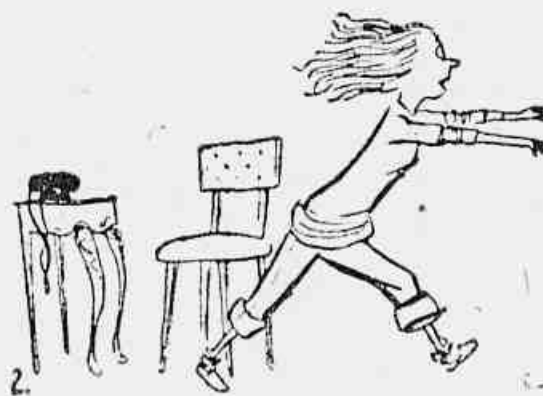
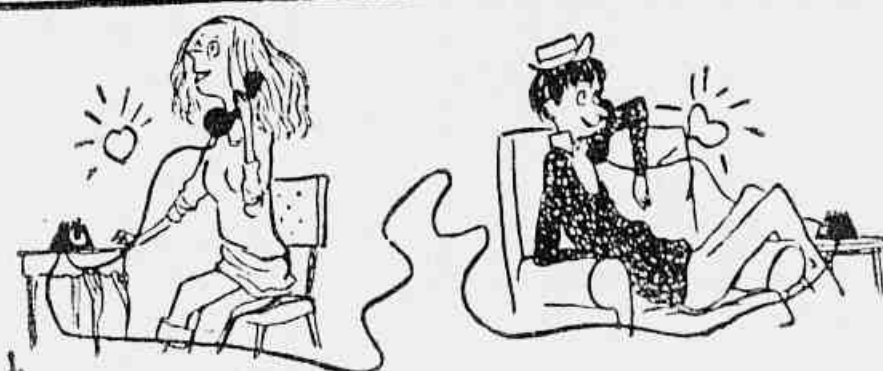
— No h duas juntas al para trs?

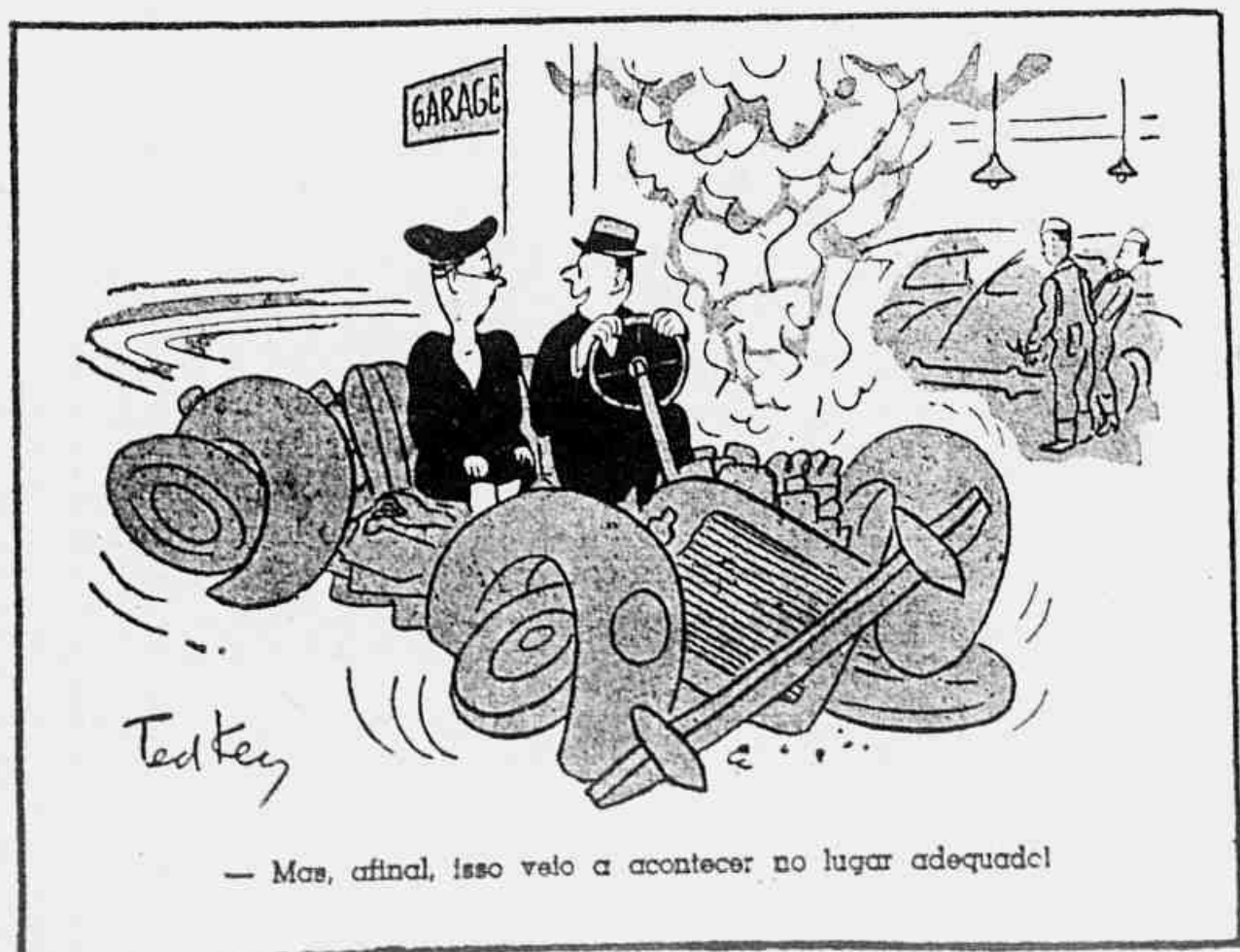
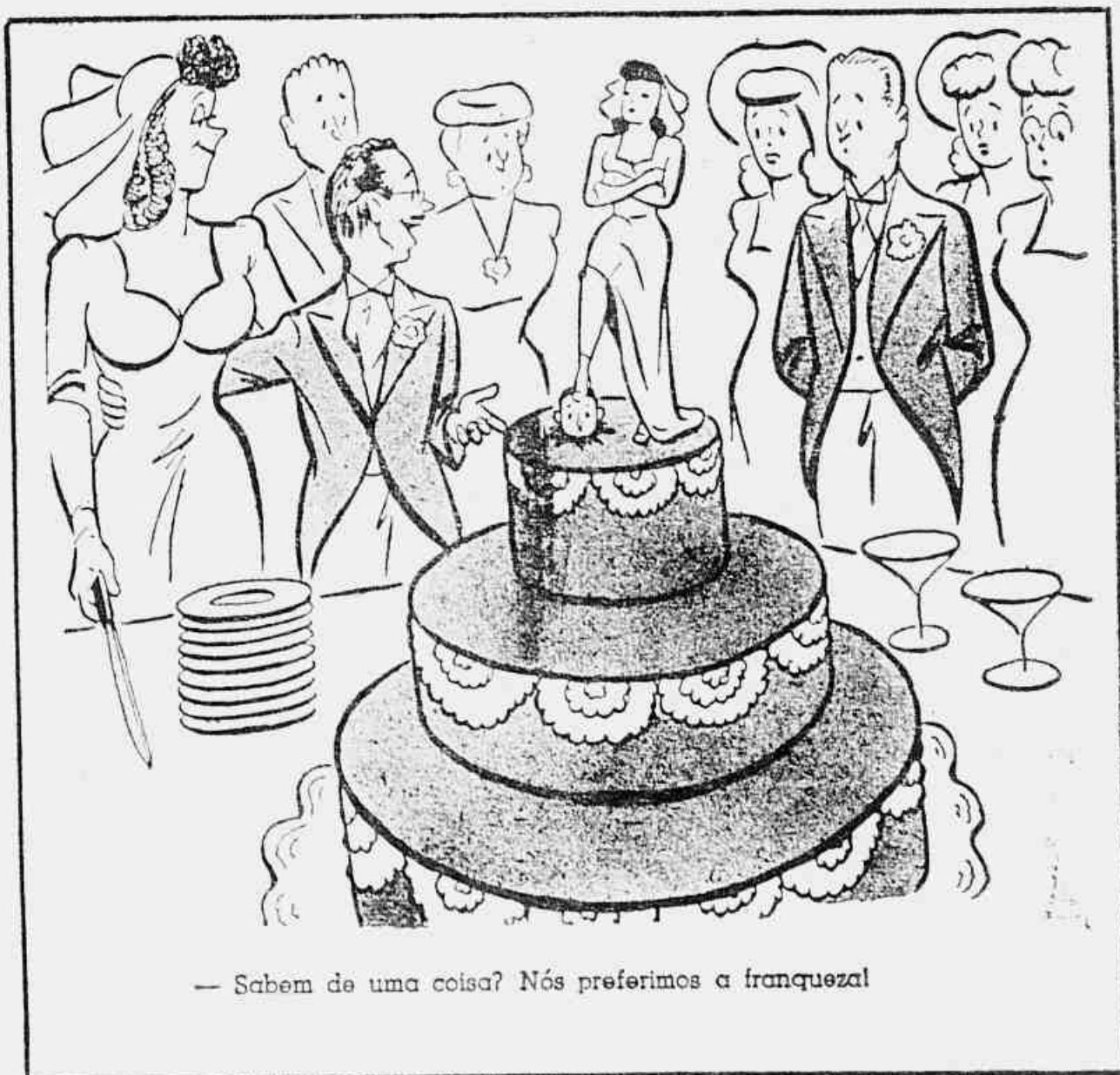
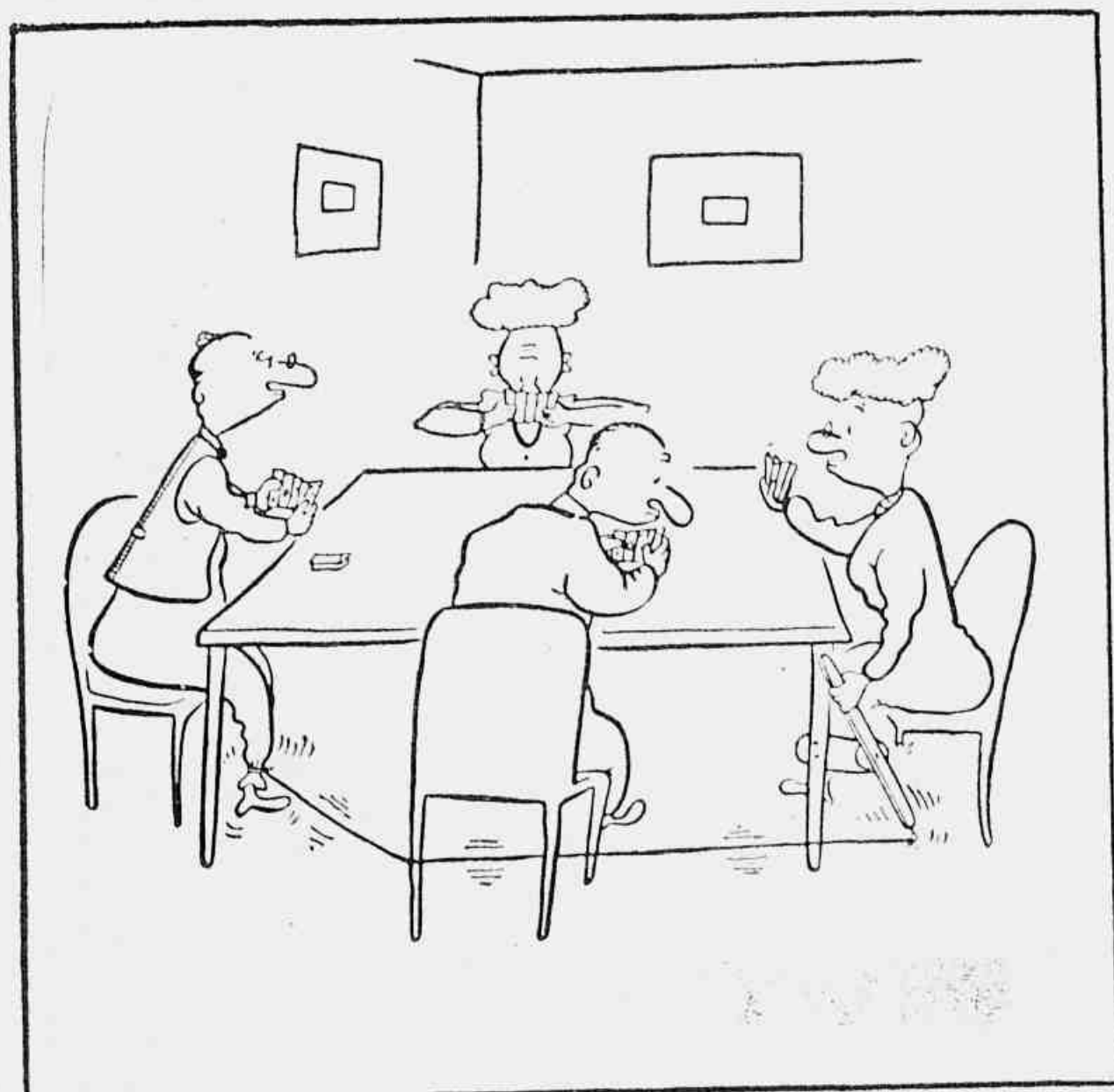
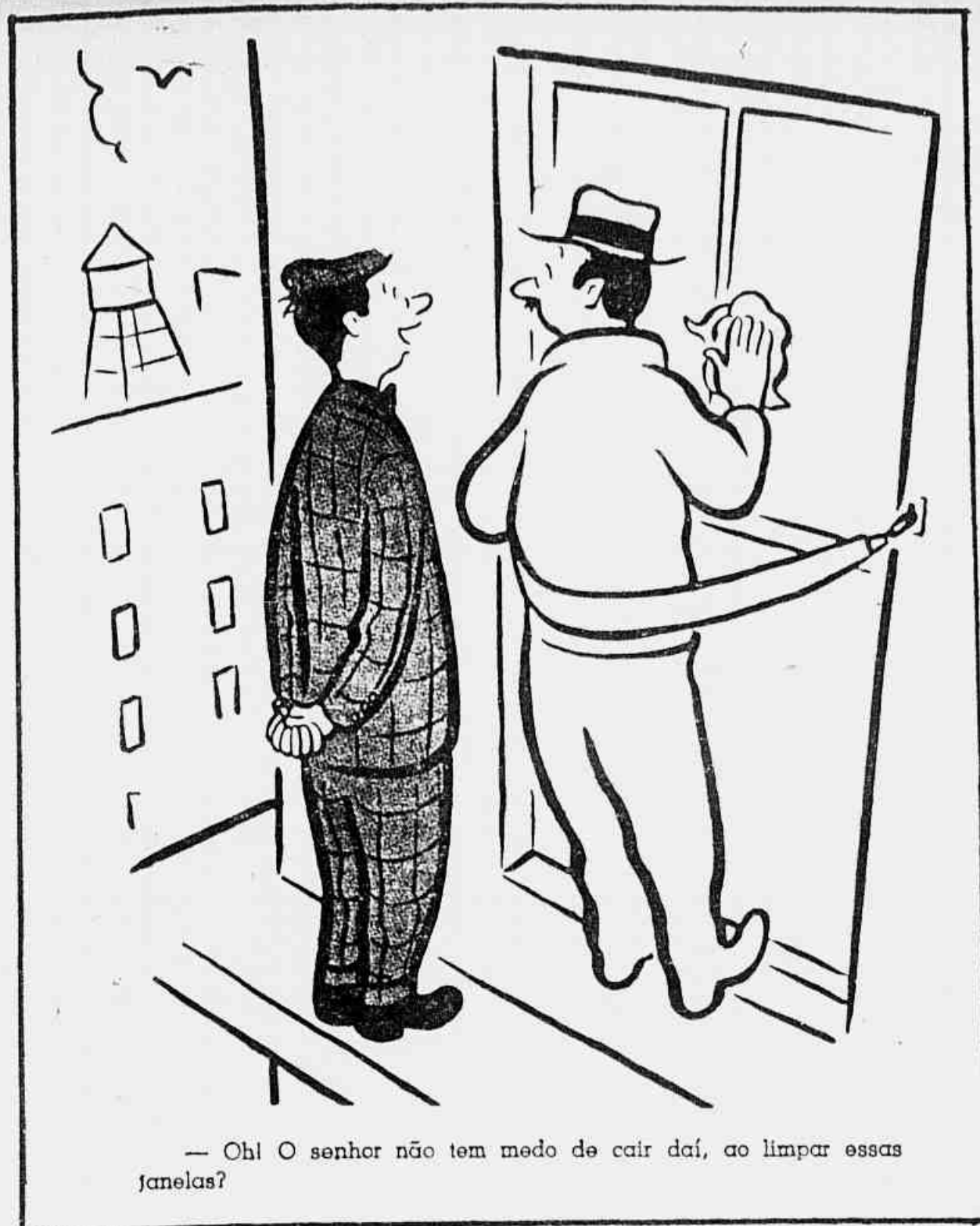
RECLAMAÇÕES



— Agora observe o que acontece quando se adiciona a sua H_2SO_4  soluo de clrido...

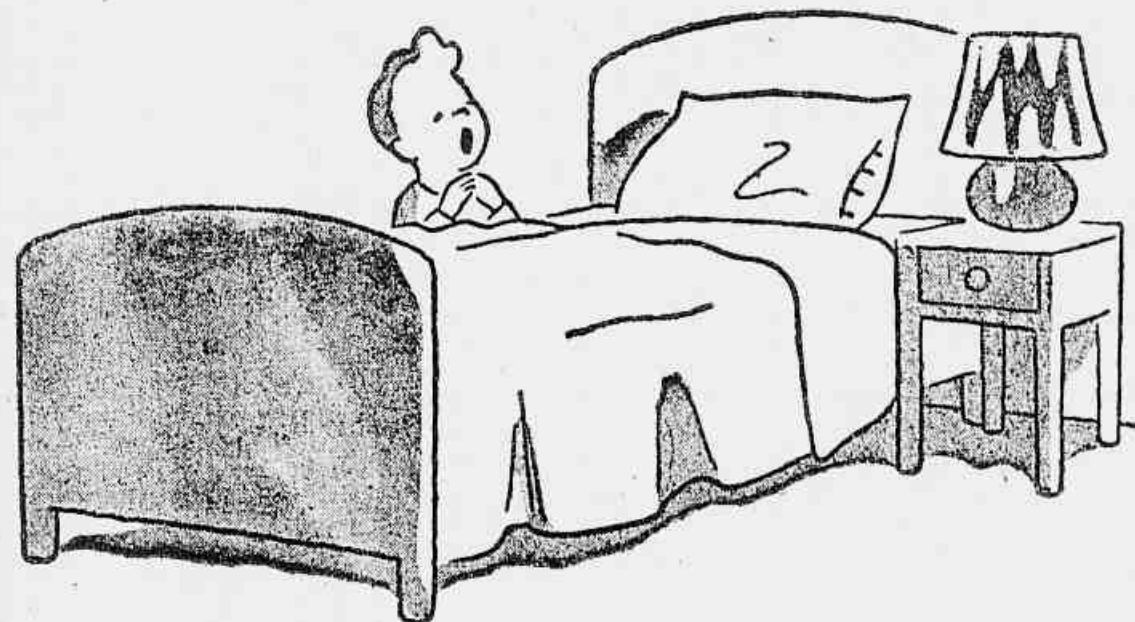
BOM HUMOR



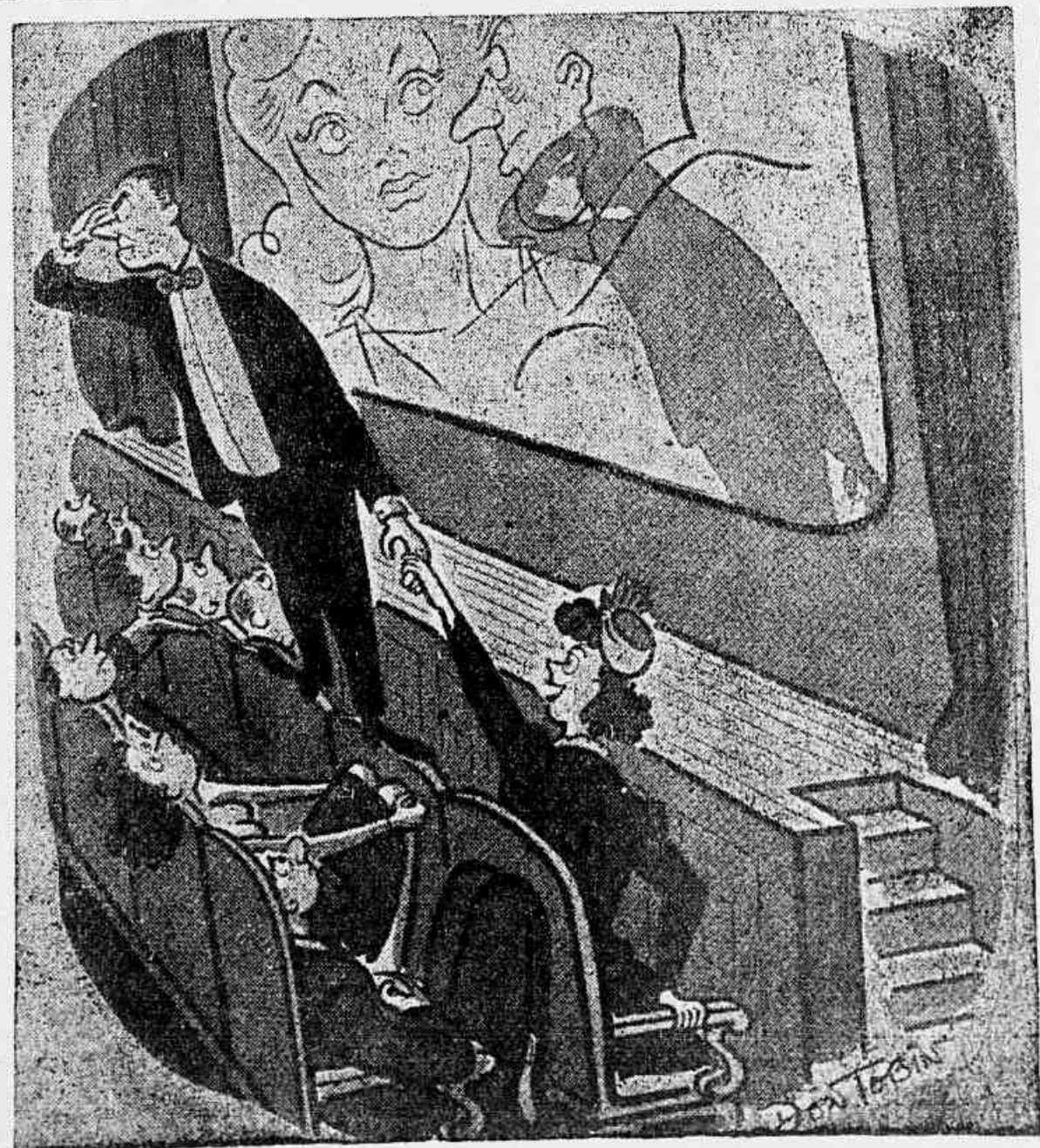




— Ela pode ir diretamente para a cozinha...



— ...e, Senhor, faças-me ficar limpo sem ter de tomar banho!



— Não há duas juntas aí para trás?

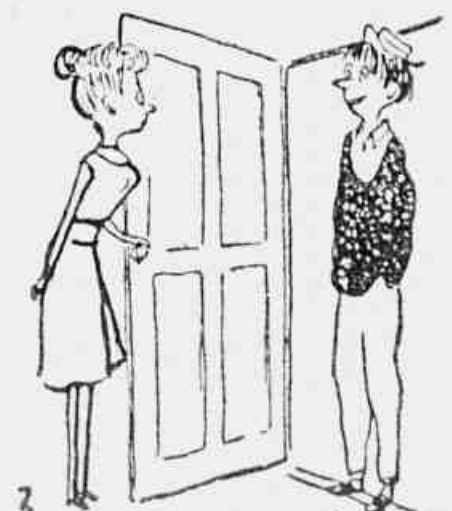
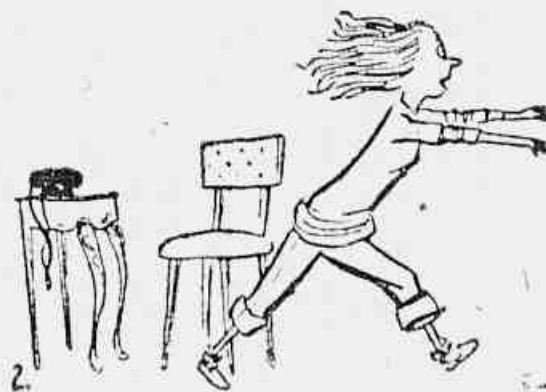
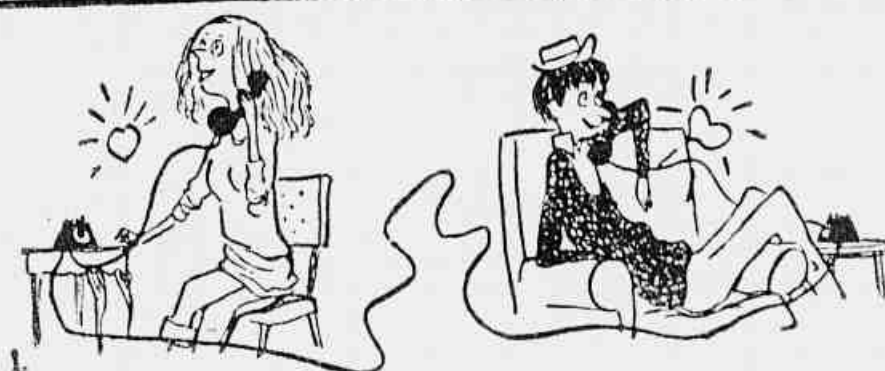
RECLAMAÇÕES



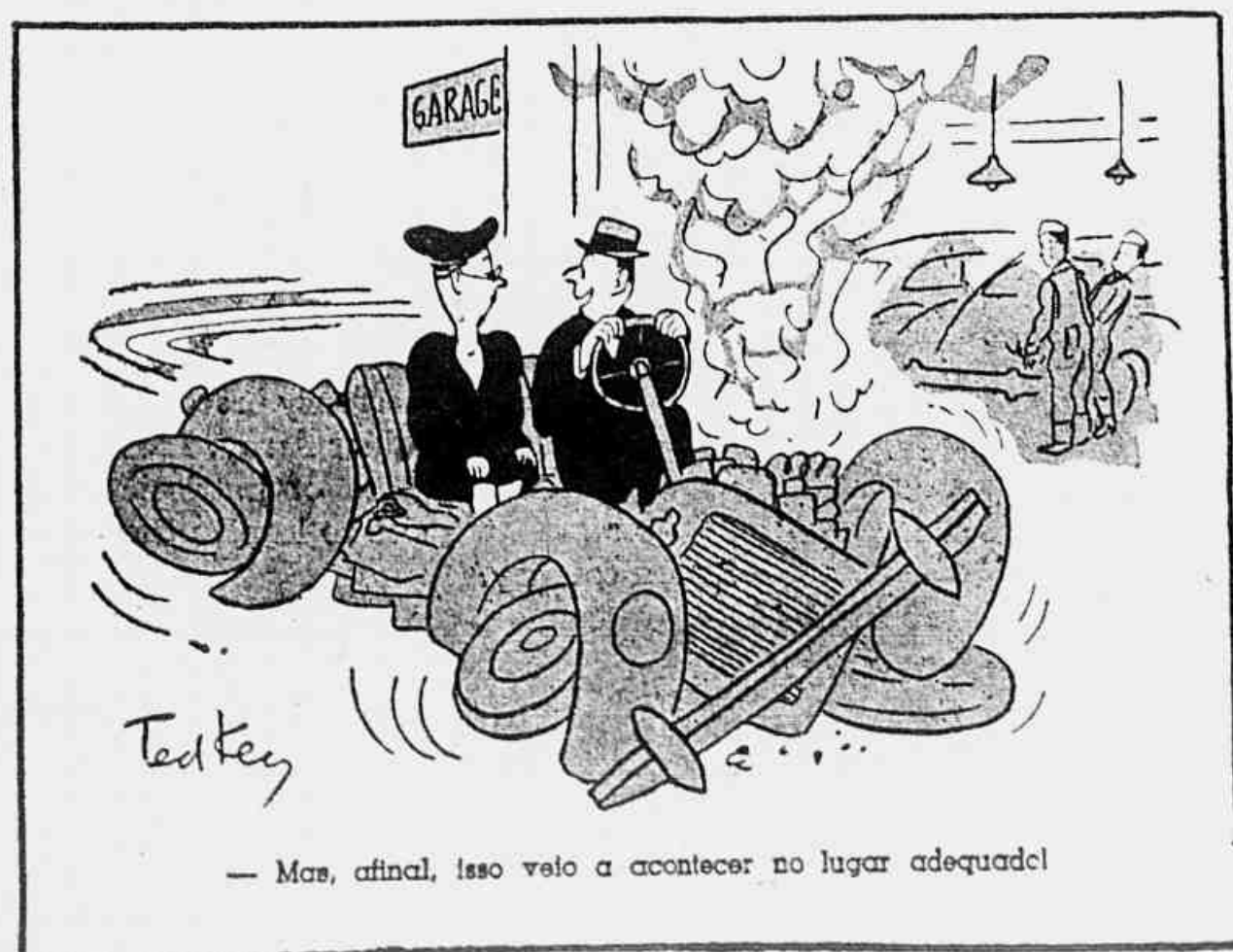
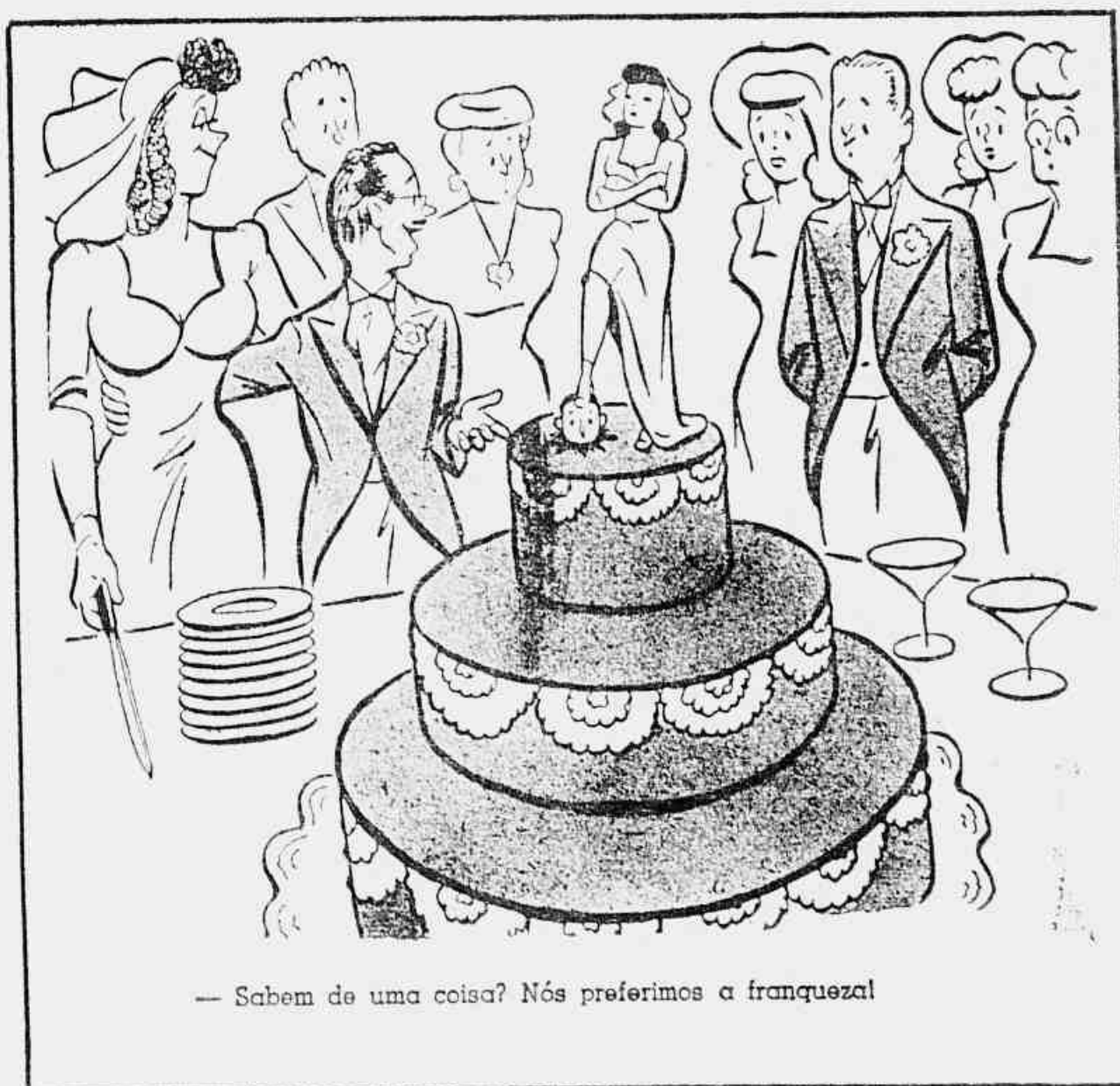
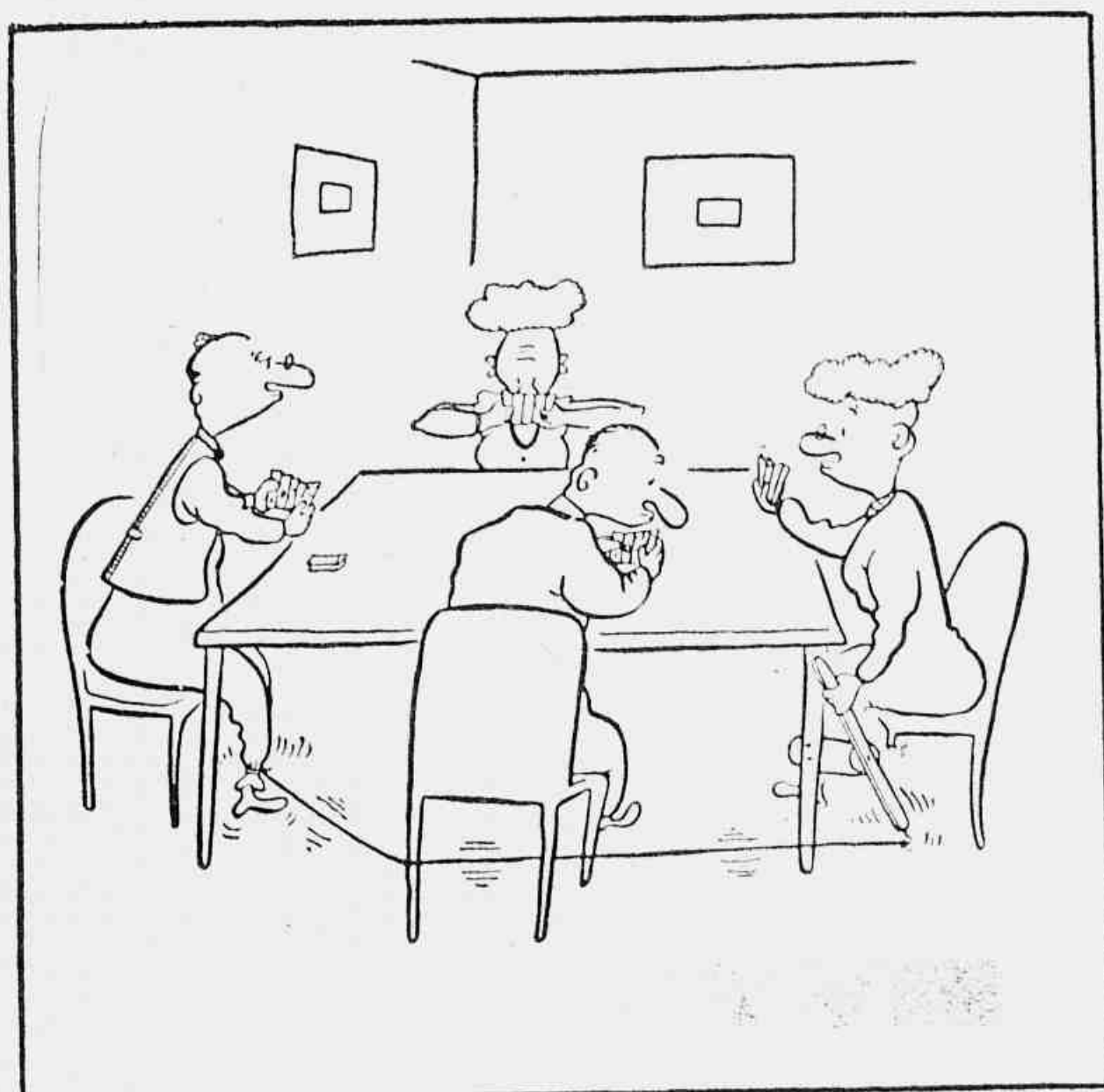
JEFF KEATE

— Agora observe o que acontece quando se adiciona a sua H_2SO_4 à solução de clorido...

BOM HUMOR



Saxon





leira. Por outro lado, a ilustre Casa de Machado de Assis, com a justiça dos seus julgamentos, está atraindo, cada vez mais, os legítimos representantes das nossas letras, que já não desdenham de pleitear as laureas custeadas pela generosidade do livreiro Francisco Alves. Este ano, mereceu aplausos gerais, pela justiça dos julgamentos de seus concursos literários, nos quais foi distinguido, de modo particular, o ilustre historiador Tobias Monteiro, a quem coube, por decisão unânime, o Grande Prêmio Machado de Assis. Autor de uma obra de considerável importância, na qual examinou a elaboração da independência e os primeiros anos do Império, o Sr. Tobias Monteiro é uma figura de capital importância no nosso mundo intelectual e seus escritos têm de ser obrigatoriamente consultados por todos os que estudem ou se ocupem daquele período. Além do Sr. Tobias Monteiro, foram distinguidos os seguintes escritores: Hélio Viana, laureado com o Prêmio José Veríssimo (erudição), pelo livro "Contribuição à História da Imprensa Brasileira"; Ciro dos Anjos, laureado com o Prêmio Coelho Netto (romance), pelo livro "Abdias"; R. Magalhães Junior, laureado com o Prêmio Carlos de Laet (crônicas e viagens), pelo livro "Janela Aberta"; Ledo Ivo, laureado com o Prêmio Olavo Bilac (poesia), pelo livro "Ode e Elegia"; Breno Accioly, laureado com o Prêmio Afonso Arinos (contos), pelo livro "João Urso"; e Oton Xavier de Brito Machado, laureado com o Prêmio João Ribeiro (etnografia e folclore), pelo livro "Os Carajás". Na mesma solenidade em que foi feita a entrega dos prêmios da Academia Brasileira de Letras, foi também conferido ao Sr. João Ribeiro Mendes o prêmio Larraquiti Junior, oferecido pelo diretor da Sul-América, através do julgamento do Petit Trianon. Ao ser feita a entrega dos prêmios, o presidente da Academia de Letras, embaixador João Neves da Fontoura, proferiu breve e expressivo discurso, no qual fez o elogio do



O ilustre historiador, Sr. Tobias Monteiro, laureado com o Grande Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Num gesto fidalgo, o Sr. Tobias Monteiro doou a importância que lhe coube à Casa do Estudante, por intermédio da senhora Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Em baixo: aspecto da assistência presente à sessão realizada para entrega dos prêmios referentes ao ano de 1946.

OS PRÊMIOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Distinguindo valores da inteligência e da cultura brasileira, a Casa de Machado de Assis recebeu aplausos gerais pela justiça dos seus julgamentos

Os prêmios da Academia Brasileira de Letras, há longo tempo instituídos cresceram, nos últimos anos, de significação e de interesse, a ponto de serem disputados por valores autênticos da inteligência e da cultura bras-



livreiro Francisco Alves, grande benfeitor daquela casa, acrescentando:

"A disposição do benfeitor previa só dois prêmios quinquenais — um para obra relacionada com o ensino primário no Brasil; outro para o melhor livro sobre a língua portuguesa. Era um começo. A Academia o amoliu para muitos outros, que todos os anos distribui, depois de conscienciosos exames de suas comissões. Mas tudo isso as nossas letras o devem ao velho e honrado livreiro da rua do Ouvidor, que assim ligou para sempre o seu nome à empresa de amparo e estímulo da nossa produção literária.

Não me cumpre fazer o elogio dos homens de letras que hoje aqui recebem a recompensa de seu engenho e labor. Os diplomas das comissões, aprovados pelo plenário, são títulos que dispensam comentários.

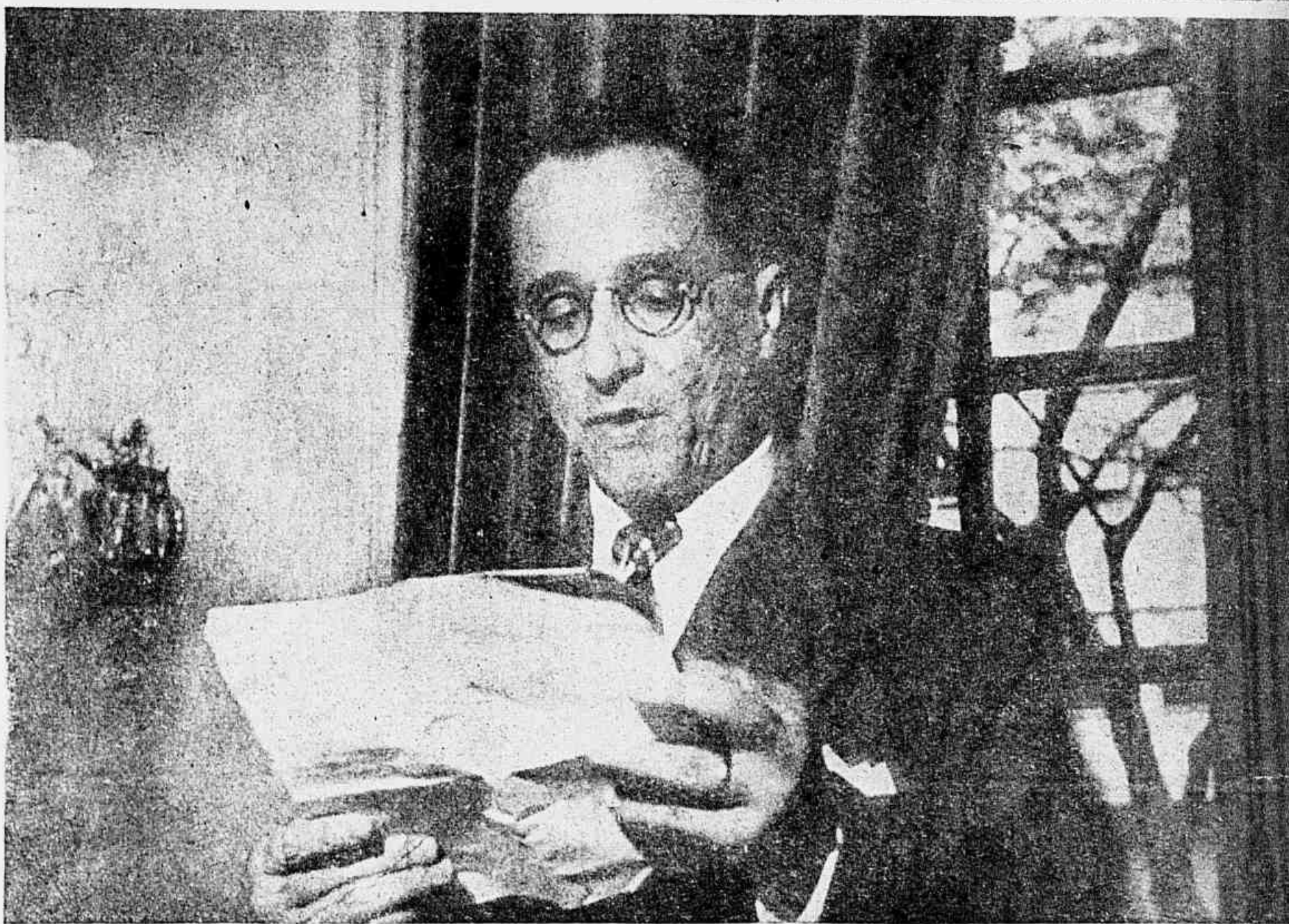
Desejo apenas destacar que o prêmio Machado de Assis vai ser conferido ao velho escritor, de nobre linhagem espiritual, intérprete autorizado dos primórdios da nossa formação política no período áureo do Império.

A Academia, assim, distingue, pelo conjunto de sua obra, um ilustre pensador da geração passada, do mesmo modo que consagra os nomes de outros escritores jovens, harmonizando, como é de seu programa, duas fases da nossa literatura, à espera de que o futuro faça brilhar, no caminho das letras, novas e fortes luzes dignas do Brasil."

Em nome dos escritores premiados, falou, em seguida, o romancista Ciro dos Anjos, autor de "Abdias" e de "O Amanuense Belmiro". Num discurso breve, mas brilhante pela forma e pelos conceitos, Ciro dos Anjos exaltou a cordialidade existente entre a Academia de Letras e as novas correntes das letras e do pensamento nacional, o que comprova um espírito de compreensão mais largo no presente do que no passado.



Em cima, — o Sr. João Neves da Fontoura, presidente da Academia de Letras, falando por ocasião da abertura da sessão, ladeado pelos diretores A. Carneiro Leão e Peregrino Junior; e o escritor Ciro dos Anjos, autor do romance "Abdias", falando em nome dos premiados. Em baixo: a galeria dos escritores premiados, vendo-se, da esquerda para a direita, Ledo Ivo, Breno Accioly, R. Magalhães Junior, João Ribeiro Mendes, Tobias Monteiro, Hélio Vianna e Oton Xavier de Brito Machado.





O Sinal

ORLANDO
MATTOS

A marquesinha de Renne-
don dormia ainda, em seu
quarto fechado e perfumoso, no
grande leito macio e baixo, nos
seus lençóis de cambraia leve,
finos como uma renda, caricio-
sos como um beijo; dormia sô-
zinha, tranquila, o feliz e pro-
fundo sono das divorciadas.

Acordaram-na vozes que fa-
lavam com vivacidade, no pe-
queno salão azul. Ela reconhe-
ceu sua cara amiga, a baronesa
de Grangerie, discutindo, para
entrar, com a camareira, que
defendia a porta de sua senhora.

Então a marquesinha ergueu-
se, puxou os ferrolhos, torceu a
chave, soergueu o reposteiro e
mostrou a sua cabeça, nada
mais do que a sua cabeça loira,
escondida sob uma nuvem de
cabelos.

— Que tens tu para vires tão
cedo? — disse ela. Ainda não
são nove horas.

A baronesinha, muito pálida,
nervosa, febril, respondeu:

— E' preciso que eu te fale.
Aconteceu-me uma cousa horrí-
vel.

— Entra, minha querida.

Entrou, beijaram-se; e a mar-
quesinha tornou a deitar-se, en-
quanto a camareira abria as ja-
nelas, dando ar e claridade. De-
pois, logo que a criada se reti-
rou, Mme. de Renne-
don tornou: "Conta, conta."

Mme. de Grangerie pôs-se a
chorar, derramando essas lindas
lágrimas claras que tornam
mais encantadoras as mulheres,
e balbuciava, sem enxugar os
olhos, para não avermelhá-los:

"Oh! minha querida, é abo-

minável, abominável o que me
aconteceu. Eu não dormi tôda
a noite, nem um minuto. Com-
preendes? Nem um minuto.
Olha! apalpa o meu coração, vê
como êle bate."

E, tomando a mão de sua ami-
ga, ela pousou-a sobre o próprio
seio, sobre êsse redondo e firme
invólucro do coração das mu-
lheres, que basta muita vez aos
homens e os impede a procurar
qualquer coisa por baixo. O seu
coração batia forte, com efeito.

Ela continuou:

"Aconteceu-me ontem de tar-
de... pelas quatro horas... ou
quatro e meia. Não sei ao cer-
to. Conheces bem o meu apar-
tamento; sabes que o meu salão,
onde sempre estou, dá para a
rua Saint-Lazare, no primeiro
andar; e que eu tenho a mania
de pôr-me à janela para olhar
o movimento. E' tão alegre,
aquele quarteirão da estação,
tão movimentado, tão vivo...
Em suma, gosto daquilo! On-
tem, pois, estava eu sentada na
cadeira baixa que fiz instalar
no vão da janela; estava aberta,
a janela, e eu não pensava em
nada; eu respirava o ar azul.
Deves lembrar-te que dia lindo
fez ontem!

"De repente noto que, do ou-
tro lado da rua, há também uma
mulher à janela, uma mulher
de vermelho; eu estava de mal-
va, tu sabes, com o meu lindo
vestido malva. Eu não conhe-
cia aquela mulher, uma nova
locatária, instalada há um mês;
e como faz um mês que chove,
ainda não a tinha visto. Mas
logo percebi que era uma mu-
lher da vida. A princípio fiquei
bastante aborrecida e chocada
de que ela estivesse à janela,
como eu; e depois pouco a pou-
co, achei divertido examiná-la.
Estava debruçada e espiava os
homens, e os homens também a
olhavam, todos ou quasi todos.

Conto de GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de ORLANDO MATTOS

Dir-se-ia que eles eram prevenidos por alguma cousa ao aproximarem-se da casa, que eles a farejavam como os cães farejam a caça, pois erguiam de súbito a cabeça e trocavam depressa um olhar com ela, um olhar maçônico. O dela dizia: "Não quer?"

"O deles respondia: "Não há tempo", ou: "Para outra vez", ou "Não há dinheiro", ou "Só-me-te, miserável!". Eram os olhos dos pais de família que diziam esta última frase.

"Não imaginas como era engraçado vê-la no seu manejo, ou antes, no seu ofício.

"As vezes ela fechava súbitamente a janela e eu via um senhor entrar na sua porta. Ela o pescava, àquele, como um pescador fiska um peixe. Então eu me punha a olhar o meu relógio. Demoravam de doze a vinte minutos, nunca mais. Na verdade, ela me apaixonava, afinal, aquela aranha. E depois, não era feia a rapariga!

"Eu perguntava comigo: "Como faz ela para fazer-se compreender tão bem, tão depressa, completamente? Acrescentará ao seu olhar um sinal de cabeça ou um movimento de mão?"

"E tomei o meu binóculo de teatro para inteirar-me do seu processo. Oh! era bem simples: uma olhadela a princípio, depois um sorriso, depois um pequenino gesto de cabeça, que significava: "Não vai subir?" Mas tão leve, tão vago, tão discreto, que era preciso mesmo muita habilidade para o fazer como ela.

E eu me perguntava: Será que eu poderia fazê-lo assim tão bem, esse pequeno gesto de baixo para cima, ousado e gentil; pois era muito gentil o seu gesto.

"E fui ensaiá-lo diante do espelho. Minha cara, eu o fazia melhor do que ela, muito melhor! Estava encantada; e voltei para a janela.

"Ela não pegava mais ninguém, agora, a pobre rapariga, mais ninguém. Na verdade, estava sem sorte. Como deve ser terrível ganhar o pão daquela maneira, terrível e divertido às vezes, pois enfim há alguns que não são nada maus, entre esses homens que a gente encontra na rua.

Agora eles passavam todos pela minha calçada, e mais nenhum pela sua. O sol tinha virado. Vinham vindo uns após outros, jovens, velhos, morenos, loiros, grisalhos, brancos.

Via-os muito gentis, mas muito gentis mesmo, minha cara, muito mais do que o meu marido e o teu, o teu antigo marido, pois estás divorciada. Agora tu nodes escolher.

Eu pensava: Se lhes fizesse si-

nal, será que eles me compreenderiam, a mim, que sou uma mulher honesta? E eis que sou tomada de um desejo louco de lhes fazer aquele sinal, mas de um desejo de mulher grávida... um desejo espantoso, tu sabes, um desses desejos... a que a gente não pode resistir! Eu às vezes tenho dessas coisas! Coisa tôla, isto, não? Creio que temos alma de macaco, nós, as mulheres. Afirmaram-me de resto (foi um médico que me disse) que o cérebro do macaco se assemelhava muito ao nosso. E' preciso sempre que imitemos alguém. Imitamos nossos maridos, quando os amamos, nos primeiros meses de casamento, e os nossos amantes depois, as nossas amigas, os nossos confesores quando êstes o merecem. Adquiramos suas maneiras de pensar, suas maneiras de dizer, suas frases, seus gestos, tudo. E' estúpido.

Enfim, eu quando sou tentada a fazer alguma coisa, nunca deixo de a fazer.

Disse, pois, com os meus botões: Vejamos, vou experimentar com alguém, com um só, para ver. Que é que me pode acontecer? Nada! Trocaremos um sorriso, e eis tudo, nunca mais o verei; e se o tornar a ver, êle não me reconhecerá; e, se me reconhecer, eu negarei, está visto!

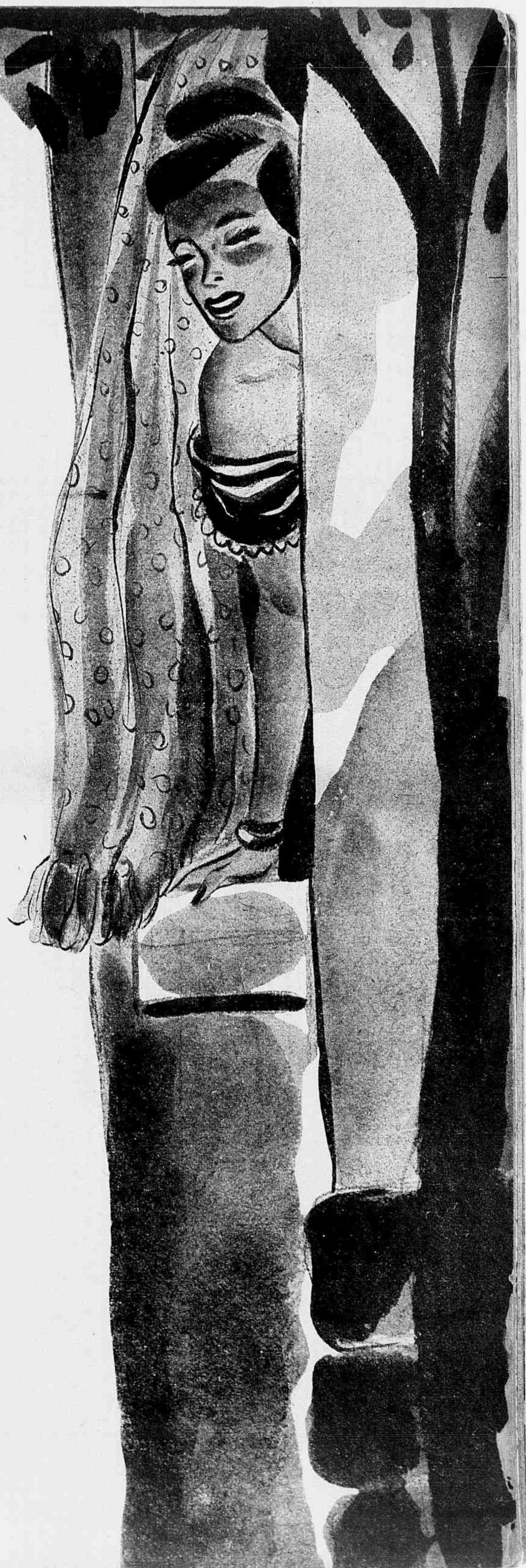
Começo, pois, a escolher. Queria um que fôsse às direitas. De repente avisto um loiro, grande, um lindo rapaz! Eu gosto dos loiros, bem sabes.

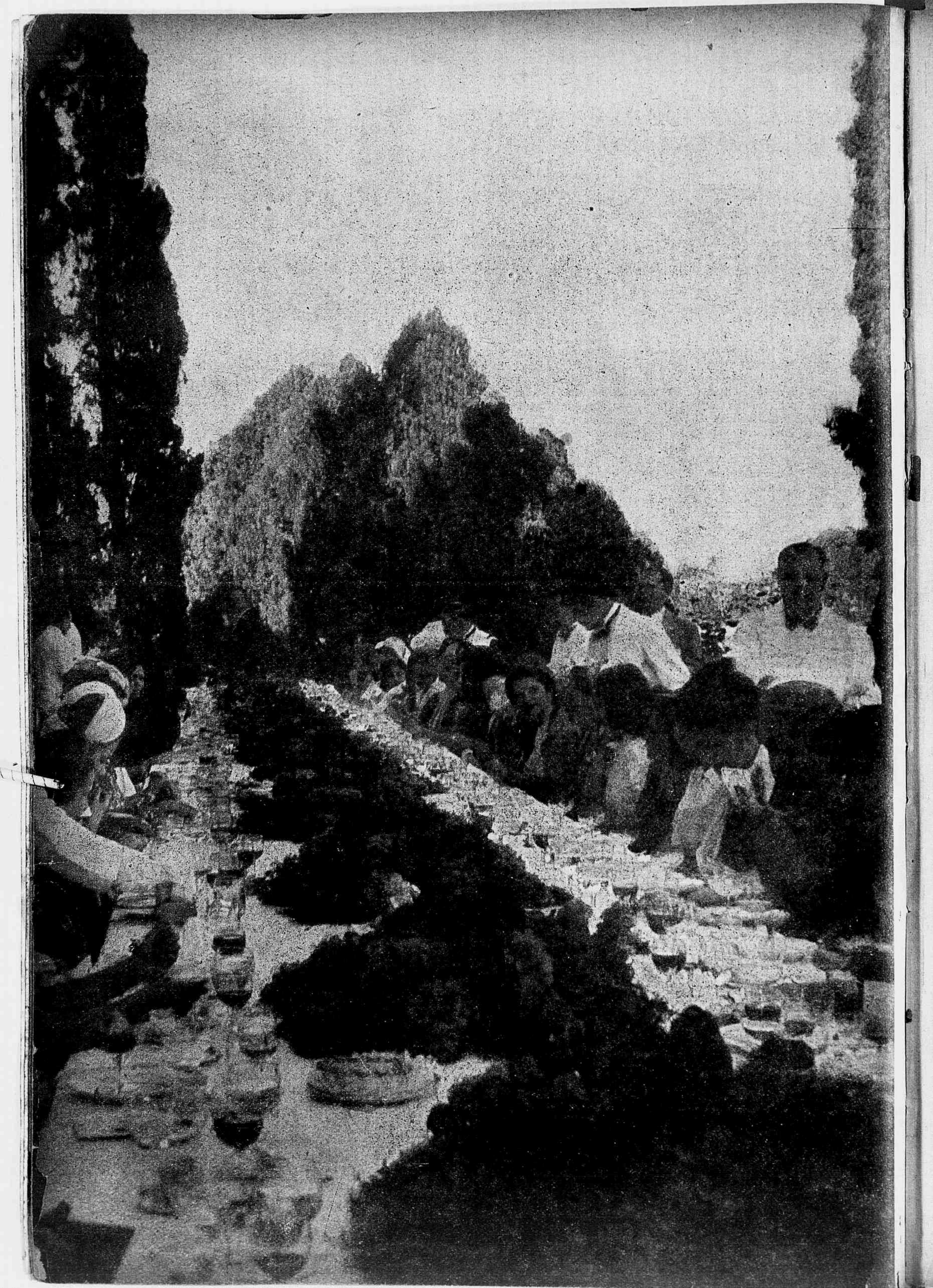
Olho-o. Êle me olha. Sorrio, êle sorri; faço o gesto, oh! quasi imperceptível; êle responde "sim" com a cabeça e ei-lo que entra, minha querida! Êle entra pela porta principal da casa.

Não imaginas o que se passou em mim naquele momento! Supús que ia enlouquecer. Oh! que medo! Imagina, êle ia falar aos criados! A Joseph, que é tão devotado a meu marido! Joseph acreditaria certamente que eu conhecia aquele homem há muito tempo.

Que fazer? Dize. Que fazer? E êle ia tocar a campainha, imediatamente, dali a um segundo. Que fazer, dize? Pensei que o melhor era correr ao seu encontro, dizer que se enganava, suplicar-lhe que fôsse embora. Êle teria piedade de uma mulher, de uma pobre mulher! Precipitei-me, pois, para a porta, e abro-a exatamente no instante em que êle pousava a mão na campainha.

Balbuciei, completamente louca: "Vá embora, senhor, vá embora, o senhor está enganado, eu sou uma mulher honesta, uma mulher casada. E' um equí-







Na página ao lado: aspecto parcial do banquete oferecido pela esposa do prefeito Angelo Mendes de Moraes à Senhora presidente Gabriel Gonzalez Videla, na ilha do Brocoió. Nesta página: dois flagrantes da chegada dos convivas à pitoresca ilha da Guanabara. Nada menos de oitenta senhoras e senhoritas da nossa alta sociedade prestaram cativante homenagem à primeira dama chilena.

A MULHER CARIOCA À PRIMEIRA DAMA DO CHILE

ENCANTADORA, A FESTA NA ILHA DO BROCOIÓ, OFERECIDA PELA SENHORA MENDES DE MORAIS À SENHORA GONZALEZ VIDELA

DIA 1.º de Julho próximo passado a mulher brasileira, dignamente representada pela esposa do prefeito do Distrito Federal, General Angelo Mendes de Moraes, homenageou a mulher chilena, na pessoa da senhora do presidente Gonzalez Videla. A homenagem consistiu num banquete que se realizou em uma das varandas do palacete da ilha de Brocoió e ao qual compareceram nada menos de oitenta senhoras e senhoritas da alta sociedade carioca. Também estiveram presentes as esposas dos membros da comitiva do presidente do Chile e dos diplomatas da embaixada chilena nesta capital. A Senhora Rosa Gonzalez Videla já estivera anteriormente, por duas vezes, naquela formosa ilha da Guanabara, quando o atual presidente do Chile fôra embaixador no Brasil. Mas, segundo declarou, nunca pudera gozar um dia tão lindo, como o daquela manhã de Julho. O banquete teve a nota original de ser uma festa exclusivamente feminina. Afóra o senhor João Azevedo Pequeno, organizador do ágape, e os jornalistas, todos os convidados eram do elemento feminino. Antes do almoço a ilustre convidada e sua encantadora filha, percorreram demoradamente os recantos pitorescos de Brocoió, em companhia da senhora Mendes de Moraes e de diversas convidadas. Uma vez mais a fidalguia, a afabilidade e a distinção da primeira dama chilena e de sua encantadora filha conquistaram todos os presentes. Foi, realmente, digna de louvores a iniciativa da Senhora Mendes de Moraes, reunindo naquela belíssima manhã de Julho, aquele seletto grupo feminino da alta sociedade carioca, que prestou uma sincera e cativante homenagem às nossas ilustres visitantes.



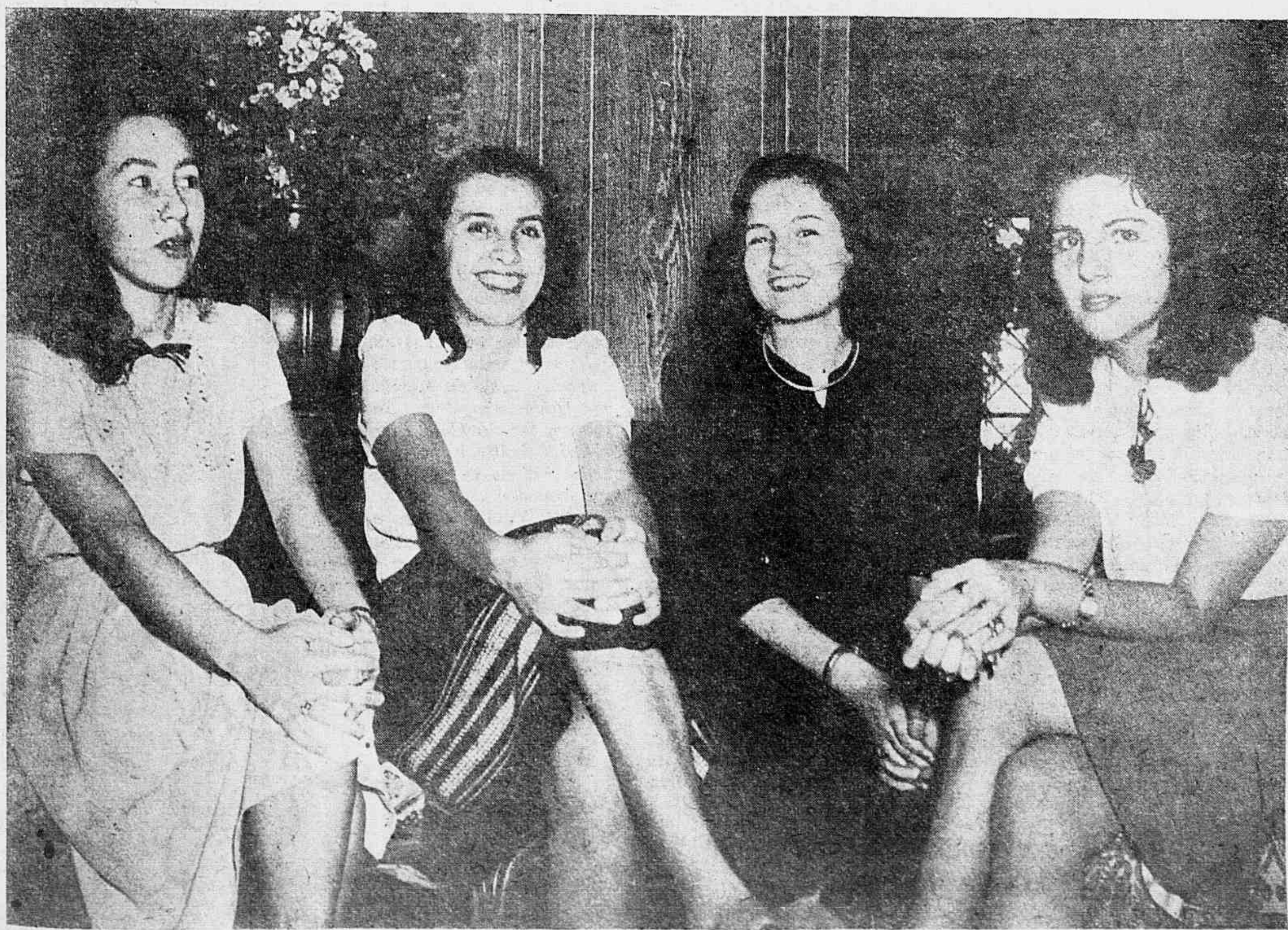


À esquerda: as convidadas chegadas nas primeiras lanchas dirigem-se para o palacete da ilha. À direita: a Senhora Gonzalez Videla, em companhia da Senhora Mendes de Moraes, percorrendo os recantos pitorescos da famosa ilha de Brocoló. Em baixo: da esquerda para a direita: a Senhora senador Melo Viana, a homenageada, Senhora Rosa Markam de Gonzalez Videla e a anfitriã, Senhora Angelo Mendes de Moraes.





À esquerda: a primeira dama do Chile, consigna sua presença no livro de ouro dos hóspedes da ilha de Brocoió. À direita, um flagrante de sua encantadora filha, Senhorita Sylvia Gonzalez Videla. Em baixo, algumas das senhoritas da nossa sociedade que compareceram à festa. Da esquerda para a direita: Myriam Euvaldo Lodi, Sylvia Gonzalez Videla, Maria Vicentini Novelli e Lêda Maria Dutra Cintra.



O Senhor de

Conto de MERISE SANTOS



Ilustração de R. DE LAET

NAQUELE triângulo da Esplanada do Castelo todas as tardes há desfile de modelos, via Café Esmeralda. Assim por volta das 4 até 5 horas, quando o sol vai deixando a faixa-mar do Aeroporto tranquilamente mansa, adormecida entre as montanhas!

Da janela de minha sala fico apreciando essa hora de recreio dos funcionários dos escritórios vizinhos e do próprio edifício, aguardando por minha vez que haja uma folga para juntar-me a eles. Enquanto isso vou reconhecendo nos que atravessam apressados, nos displicentes, nas muitas blusas à Gilda, nos cintos largos cheios de moedas douradas e nos lenços multicôres de tafetá, a loura misteriosa que se acompanha do rapaz moreno... a morena de lenço que passa gingando, faceira, com uma cômica de amigas que lhe valorizam a beleza. A sonhadora de olhos e cabelos claros, que, às vezes, é fatal, outras, vulgar. A gordinha da Loja Musical que ri com nota aguda, capaz de acabar com todos os sonhos românticos. E a cismadora oxigenada de franjinha, em permanente ofensiva... mas, se alguém estiver de outra janela apreciando o espetáculo, por certo dirá: existe uma que é mais loura que morena, de perfil florentino, olhos bem abertos, mas para um mundo de homens perfeitos, mulheres sinceras, inspiradora do amor do século XVIII. Essa é minha colega de escritório e se diz Isolda, ou melhor, disseram por ela há 20 anos passados. E, agora, é a minha vez de ser definida. Um momentinho, vou olhar-me ao espelho. "Nesse instante não estou lá grande coisa! Pudera! Já é uma hora da madrugada e eu escrevendo! Mas, vejamos o que diz o espelho sem qualquer interesse subjetivo!"

Lá vai: olhos pequenos e brilhantes; o direito ligeiramente estrábico. Dizem que, por isso, tenho um quê irresistível quan-

do faço o olhar número 10: — "Querido, o mundo se resume em você!" Meus lábios são bem desenhados numa extensão de quatro centímetros e outra peculiaridade do meu rosto oval: a covinha do meu riso. Se não gostaram da descrição, conheçam o original e duvido que vocês leitores não assobiem: "fiiu... fiiu!...". Pelo que vêm sou despretenciosa, sem artifícios femininos e não levo em consideração os conselhos das "Goldwyn-Girls". Também não sei dizer provocante "alô" para os rapazes que estão a espera de uma ligação...

Voltemos, porém, ao desfile que se irradia dos 3 edifícios para o Café Esmeralda e dêsse para o ponto de partida. No café, todos os requintes e bamboleos se desfazem diante da média pão com manteiga" (Cr\$.... 1.20) isto, se no recinto não há interessado ou interessada à vista. Se o ambiente estiver carregado de eletricidade amorosa, as mocinhas mastigam com uma bôca deste tamanho os olhos no céu (quer dizer tétó) em atitude sonhadora e distraída, para depois num "pique" descuidado e gracioso atacar o "alvo". Aí, chovem os comentários: — "A morena de lenço está flirtando o louro, mas ele é casado!" — "A dama misteriosa veio só e está de olho naquele rapaz sentado perto da porta esquerda. Ele é um taco!"

Ficamos admirando todo o movimento, enquanto a turma incógnita, dia a dia, se vai destacando como na Teoria de Laplace os anéis da Grande Nebulosa... E nós vamos batizando: — "o moreno de olhos verdes, o louro enfezado, o paraguaio falador, o homem das suíças, o Humphrey Bogart brasileiro, o "adeus pampa mia"...

Mas o atrativo cômico a que não posso deixar de referir-me está no garçon predileto de todos os fregueses. E' vivo, ligeiro e como todos os bons garçons, adora as gorgetas. Constitui hilaridade geral a maneira enfática com que grita para a copa: "duas média com jiroflê" e, orgulhosamente, se demora no jiroflê... O freguês novo fica

intrigado até que sorri quando o tal "jiroflê" se transforma num caprichado pão torrado com manteiga. E se volta ao Café é ele quem quer a primazia de especificar: "média com jiroflê!" O garçon, intimamente, satisfeito, diz "êste já é meu!"

Foi numa dessas confusões que apareceu o mocinho (já estavam ansiosos, hein?!). Ele apareceu intrigado querendo descobrir a origem do "jiroflê". Mas o "seu" Carlos também não sabia. Trabalhara num outro Café, aonde um seu colega assim se expressava para pedir à copa pão torrado com manteiga. E, inocentemente, explicou: — "O Sr. não conhece essa cantiga: "jiroflê, jiroflê"? O mocinho teve um ataque de riso estragando as calças com café, isto é, se engasgou! Rimos, eu e Isolda, em pleno flagrante e perdendo toda pôse. Ele nos olhou e o nosso riso curou-o em poucos instantes. Pudéra! Isolda vestida à "Mimi" e eu em pleno decote a *dernier cri*! Passada a cena, os olhares traduziram: "São bem graciosas!" e "E' um bonito homem!"

Nos dias que se seguiram, por coincidência (acreditem ou não) encontramos sempre, porém, uma dúvida surgia: era um romance a três; cheio de exclamações mudas, alegria mal contida e todos os artifícios empregados na caça de um noivo. (Por falar em noivo, como está difícil, não?) Creio que a situação para ele era boa, mas para nós duas era triste! Isolda foi quem primeiro usou de traição. Num tarde, alegando qualquer motivo foi ao Café Esmeralda sôzinha, voltando de lá, ruborizada e cheia de vida. Foi logo me dizendo:

— O Waldir (é êsse o nome dele) estava lá. Sentou-se na mesma mesa que eu e conversámos o tempo todo. Tem um olhar de estontear qualquer criatura!

Fingi indiferença, mas no íntimo estava no propósito de vingar-me dela na primeira oca-

sião. E essa chegou quando empreguei o mesmo ardil e fui sôzinha ao Café. Encontrei-me com o mocinho. Ele foi gentil, fez uma série de observações tolas, mas que adorei e, por fim, perguntou como se fôsse necessário perguntar: — "Sua amiguinha não veio!?"

E vocês pensam que não fiz o meu farolzinho com Isolda? Fiz:

— Esse Waldir é um sujeito louco! Você sabe? Namorou-me o tempo todo e disse que sou a pequena mais atraente dêsse quarteirão!

Isolda nem sequer fez "ah!". Escrevendo estava, escrevendo ficou e, depois disso, sabem o que aconteceu? Só fomos ao Café juntas, porque uma controlava a outra e o tal Waldir controlava as duas.

Durou quinze dias o romance, constituído de "bôa tarde", "estão bôazinhas?", "que calor!", "vai chover!", "o Café está repleto" e outras frases banais. Na aparência estávamos calmas, porém, a maior concorrência foi feita entre nós duas no desfile de modelos. Compramos vestidos novos, reformamos



e chama Waldir?

os velhos e não repetimos um só traje nesse período. Apresentamos todos os penteados, todas as fitas, lenços e travessas! O pessoal do escritório estranhava o movimento intenso da **maquillage** na hora do café e os chefes já murmuravam contra os minutos perdidos diante do espelho. A vaidade ia fazendo com que explorássemos as qualidades de nossa possível beleza, na esperança de que o Ro-

meu com quem já sonhávamos num encontro ao luar, proclamasse a vencedora do seu amor! Mas, ele continuava irredutível, embora o seu melhor sorriso fôsse para nós e se mostrasse sumamente lisongeador com a nossa preferência. Creio que para as sêtas que lhe atirávamos com olhares comprometedores, ele dizia como Aquiles: "eu nem te ligo!"

Mas, o nosso amor, ou melhor,

a nossa batalha não terminaria assim sem mais nem menos! Porisso continuávamos na ilusão e, cada vez mais esperançosas de vencer. A essa altura, eu e Isolda já não nos entendíamos muito bem e de propósito não fazíamos referências aos novos vestidos apresentados. Respeitávamos uma à outra, como adversárias educadas, e só!

Até que na tarde de sábado deu-se o inevitável! Nessas se-

manas inglesas em que a pessoa, às vezes, fica tonta sem saber como preencher dia e meio de folga. Aconteceu que nesse sábado não tivéssemos programa e, assim, ficou combinado assistirmos a uma sessão de cinema de 4 às 6, depois de passearmos um pouco pela Cidade.

Descuidadas, matando as horas, íamos passando pela Cine-

(Cont. na pág. 53)





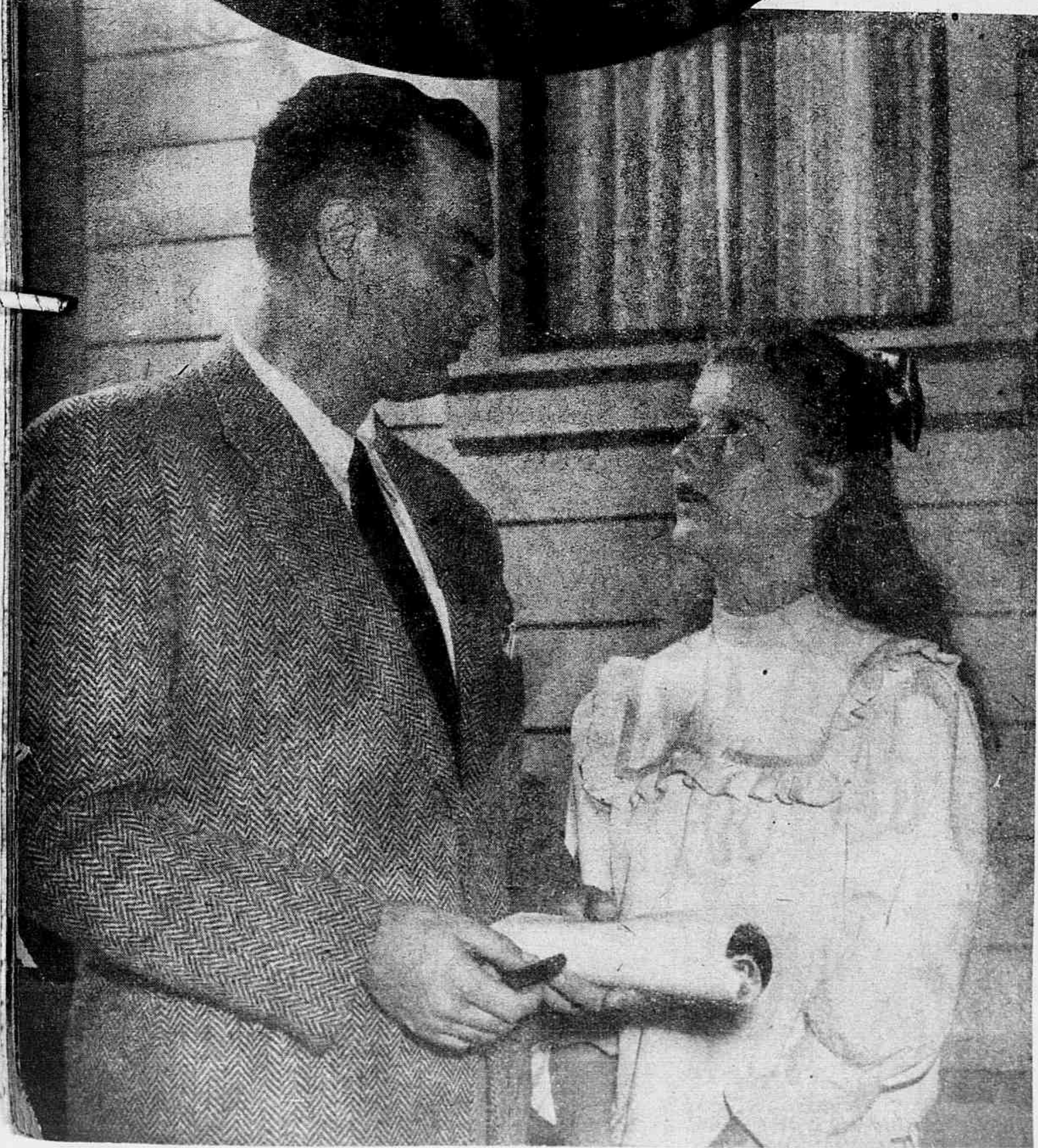
BARBARA Bel Geddes, uma linda jovem de 24 anos de idade, é uma nova descoberta de Hollywood, destinada a causar sensação no firmamento cinematográfico. Tive oportunidade de atestar a beleza e a força da personalidade dessa nova atriz quando ela me concedeu gentilmente uma entrevista, para falar sobre a sua vida particular e sua carreira artística.

Começou por confessar-me que o seu verdadeiro nome é Barbara Bel Geddes Schreuer. Nasceu na cidade de Nova York no dia 31 de Outubro de 1922. É tão sincera que nem esconde o ano em que nasceu...

Seu pai, Norman Geddes, também tinha gosto pela arte de representar. Trabalhou no teatro. Fundou uma revista e deu à mesma o título "Bel-Geddes Magazine" tirado do nome da mãe da vitoriosa atriz de hoje, Barbara Geddes. A revista prosperou e se tornou conhecida. A família passou a ser conhecida também como os Bel-Geddes. As atividades que seus pais haviam desenvolvido no teatro facilitaram à jovem Barbara no início de sua carreira. Desde menina havia demonstrado pendor para a arte dramática. A princípio, seu pai se opôs à decisão da filha. Mas, depois, ele próprio a encorajou, pois se venceu de que se tratava de uma verdadeira vocação.

Depois de estudar em vários colégios de nomeada, resolveu Barbara entrar para o teatro depois de haver concluído o curso secundário. Alexander Kirkland lhe ofereceu um importante papel na peça intitulada "Cut of the Frying Pan" e a jovem achou que a oportunidade era dessas que ninguém deve deixar passar. Trabalhou com o grupo de artistas sob as ordens desse ator e, durante algum tempo, agradou a todos com a sua atuação. Em 1941, ela se reuniu à "troupe" que excursionava com a comédia "Junior Miss", dada no cinema com o título de "A menina precoce", e passou a atuar em várias localidades em "shows" organizados pelo Exército para divertir os soldados de Tio Sam.

Voltando a Nova York depois de um ano de intensa atividade, durante o qual muita experiência adquiriu, foi logo incluída no elenco de uma grande peça: "Little Fa-



4 anos de
od, desti-
cinemato-
e a força
ne conce-
a sua
no nome
idade de
o sincera
po para
dan uma
grazane,
ola. Se
dissima-
as Bel-
o olví-
ua de
a sua
clação
se m-
voca, a
nemeia-
de haver
lhe ce-
"Eu of-
dade e
hou em
produz-
sua at-
arsionar-
com o-
m vira-
nito de

ling". Essa produção teatral permaneceu em cartaz du-
rante apenas três semanas, num dos melhores palcos da
Broadway. Foi um fracasso... Mas em 1942, passou ela
a trabalhar na vitoriosa produção de Al Wood intitulada
"Nine Girls". Daí por diante a sua ascensão se fez rápi-
da e facilmente. Hunt Stromberg submeteu-a a "test"
para um papel de grande destaque no filme "Guest in the
house". Ela veio para Hollywood, embora sem ter ganho
o papel. Os técnicos lhe pareceram por demais exigentes
e Barbara resolveu voltar às suas atividades teatrais.
Foi para Newport e apareceu em diversas peças, entre as
quais "Yes, my darling daughter". Foi por essa ocasião
que ela encontrou um jovem engenheiro eletricitista, Carl
Schreuer, que trabalhara em construções navais durante os
anos da guerra. Logo depois de casada, ela alcançou um
grande sucesso na peça "Mrs. January e Mr. X" na
qual apareceu ao lado de Billy Burke e Frank Graven.

No dia 25 de Janeiro de 1945 nasceu Susan, a en-
cantadora filhinha do casal. Só oito meses depois Bar-
bara pôde reencetar a carreira no palco, aparecendo em
"Deep are the roots", que se manteve em cartaz desde
Agosto de 1945 até Junho de 1946. Durante essa vitoriosa
temporada no palco foi que ela firmou um excelente con-
trato com a RKO-Rádio. E neste estúdio já fez a sua estréia
cinematográfica no filme "A noite eterna" (The long night).
Esse celuloide é uma produção de Robert e Raymond Ha-
kim, dirigida por Anatol Litvak. Nesta película a novata
Barbara Bel Geddes tem como galã um favorito da tela, o
famoso ator Henry Fonda. Hoje é ela um novo nome no
"estrelato" de Hollywood. O seu futuro é um dos mais
brilhantes. Já se fala, muito em segredo, é verdade que
Barbara será uma das principais intérpretes femininas de
"Young man with a horn", a próxima produção cine-
matográfica da RKO que se baseará em interessante obra de
Bix Beiderbecke.

Muito afável no trato pessoal, Barbara Bel Geddes
encanta a quem tem a feliz oportunidade de palestrar com
ela. Com a sua beleza e o seu talento artístico ela irá, sem
dúvida, eclipsar muitas "estrelas" da capital do cinema.
Se elas não tiverem cuidado...



Barbara Bel Geddes, falando a Luis Serrano, no estúdio da RKO-Rádio, em Hollywood, e em três dife-
rentes atitudes. Ela é a "leading-lady" de Henry Fonda em "A Noite Eterna" (The Long Night).



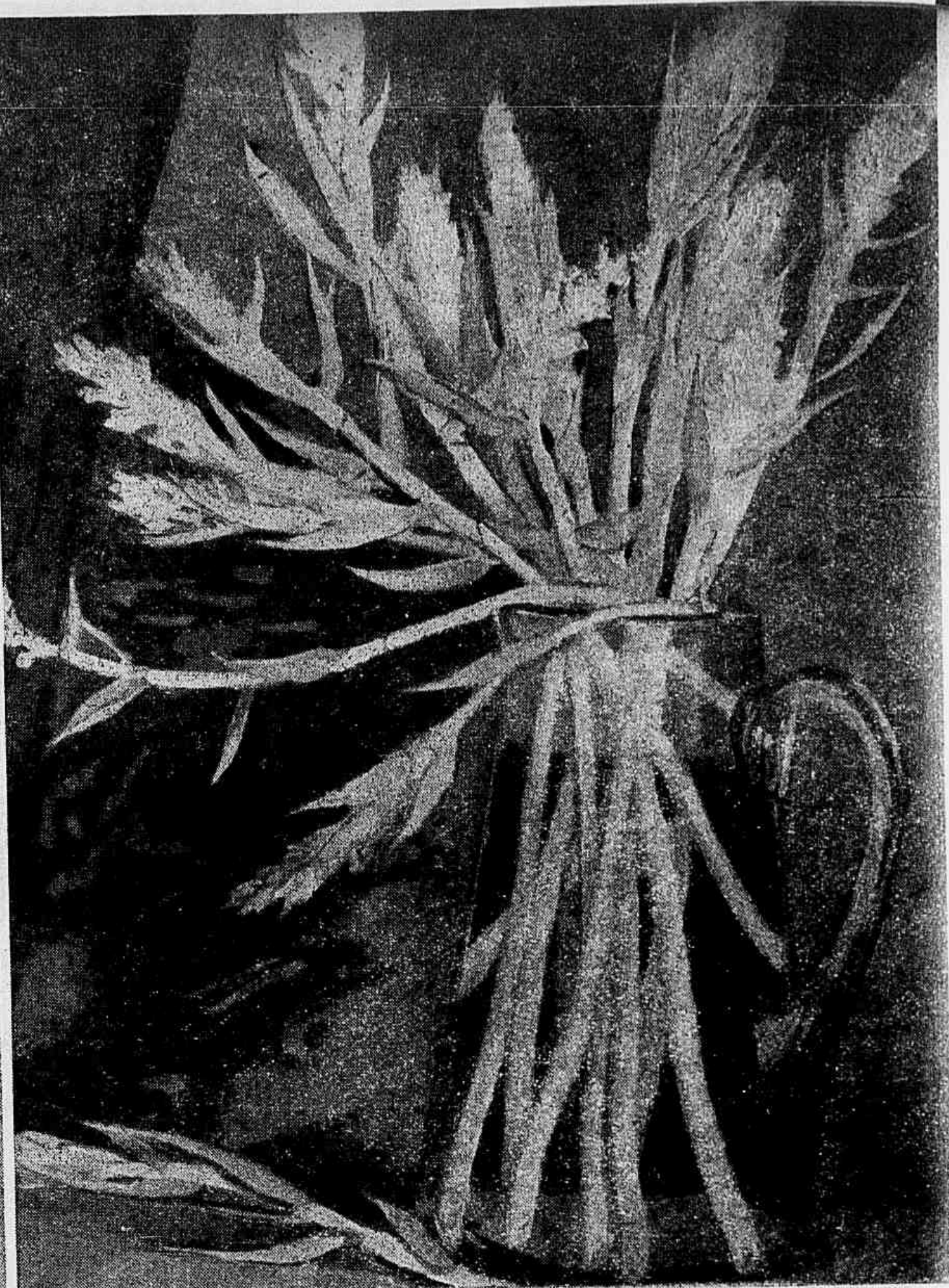
**HOLLYWOOD DESCOBRE
UMA NOVA "ESTRELA"...**

BARBARA BEL GEDDES

**APARECE AO LADO DE HENRY
FONDA NO SEU PRIMEIRO FILME**

Por LUIS SERRANO

Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood



A ARTE DE PAULO GAGARIN

Por VIOLETA DE ALCANTARA CARREIRA

MEU amor pelo desenho começou bem cedo, num cenário de pinheirais, de mar tranquilo, areias de Arcachon. Declarava-o em mil esboços, muito sudadamente debruçada sobre uma escrivaninha mais alta do que eu mesma, com as sobancelhas franzidas, mas, dizem, a mão firme... A minha devoção pela pintura começou também cedo — já então no cenário luminoso de Lisboa, cujo sol desconhece o fado — e não me lembro ao certo, mas creio que foi por causa das telas de Carlos Reis, dos artistas do Grupo Silva Porto. Carlos Reis ficou sendo uma das belas imagens do meu tempo de menina, porque eu via ao mesmo tempo os quadros e o pintor, o que não era para se esquecer. Realmente a cabeça grisalha de Carlos Reis, junto de quem estava sempre o seu filho João, como se ele trouxesse consigo um retrato feliz da mocidade, tinha alguma coisa de mágico. Talvez Proust dissesse que só um espírito muito fino, uma sensibilidade muito grande, uma pura elegância de sentimento, poderiam explicar a matéria preciosa daquela cabeleira. As crianças não sabem separar o físico do moral — nem os adolescentes — e o pobre Proust sofreu para conseguir harmonizar o espírito de France com o corpo de Mr. Anatole...

Passeando com meu pai, Carlos Reis, João Reis, e outros pintores já famosos, pelos Salões da Sociedade de Belas Artes, eu admirava as cenas vigorosas de Malhoa e as delicadas aquarelas Roque Gameiro. Um dia, não sei mais em que exposição, descobri que as penumbras de Columbano e as névoas de Antonio Saúde me falavam: linguagem íntima.

Conheci a maior parte dos pintores de Portugal e os do Brasil que apareciam em Lisboa para a grande alegria nossa, na idade em que as meninas gostam principalmente da pintura do rosto de suas bonecas e invejam as dos

moças grandes. Depois, com estudo, veio a maravilha da pintura francesa das melhores épocas, o conhecimento dos mestres espanhóis, dos italianos, e essencialmente dos flamengos, encorpar o tecido frágil das minhas noções infantis, ligadas à influência de um escritor que começou a vida pelo desenho — e que era meu pai.

Felizmente, aprendi também a distinguir as exigências do gosto pessoal, estes mistérios de amor, dos valores próprios de cada obra, de cada época. Aprendi a não confundir o que fosse admirável pela qualidade, e a qualidade do que amava. Pude assim reservar para todas as escolas uma dose de compreensão suficiente para não passar o resto da vida a dizer coisas de uma absurda irreverência ou de um respeito exagerado. Não me custou a entender que a arte fosse movimento perpétuo fosse escada contínua, e que não fossem os degraus ultrapassados um motivo de voltar atrás, mas sim, por vezes, uma obrigação de retomar passos perdidos, grandes guias abandonados. Nunca me pareceu indispensável para subir constantemente demolir os degraus vencidos, e que serviram à ascensão. Para elogiar melhor, nunca me ocorreu desdenhar algum retalho do passado nem o relêvo de um triunfo. O amor da pintura, com que não casei o futuro, é uma das minhas reservas de entendimento — e sempre uma boa promessa. Embora, é claro, sem tomar o tom da crítica especializada, escrevi muito sobre pintura, e sobre pintores, durante cinco ou seis anos de colaboração quotidiana em jornais paulistas. Reparem que não disse por exemplo "de intensa atividade jornalística", expressão comprometedora para quem estiver falando de bom gosto. Se reunisse em volume as centenas de crônicas e artigos assinados com o meu nome e pseudônimos de então, creio que a proporção das páginas sobre pintura seria de du-

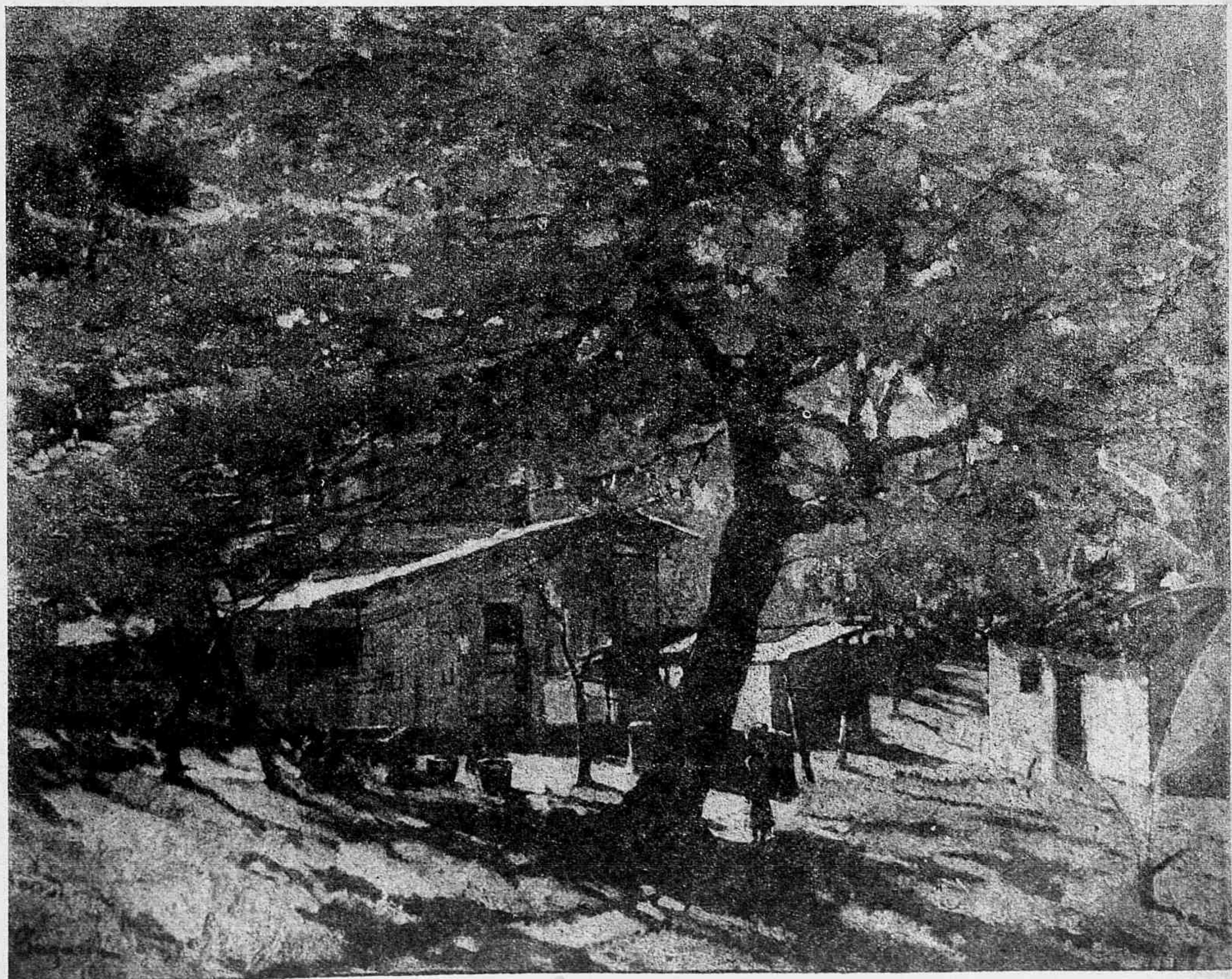


zentos e cinquenta para mil... Todas as exposições me interessavam, e as melhores, quase sempre me reviam, apesar dos jornais e de uma vida "tremendamente social", como diziam as minhas amigas. Já se afirmou, no inquérito de uma grande revista do Rio, que eu fui uma das fundadoras do "S. P. A. M.". Não é verdade, mas serve para mostrar quanto estive ligada ao movimento artístico de São Paulo a partir de 1933.

Tudo isto vem a propósito das minhas recentes visitas ao "atelier" de Paulo Gagarin, esse grande paisagista que tem estado a preparar uma não pequena exposição. Gran-

(Continua na pág. 58)

Na página ao lado, em cima: "Cardos de Restinga", da Coleção da Sra. Paulo Gagarin; "Gravatás-Sêda", da Coleção do Dr. Carlos Arlindo Fredricksen. Em baixo: "Flores de Trepadeira" — Quadro que pertence a Igor-Paulo, filho do pintor e um dos seus modelos. "Bastões do Imperador" e alguns livros preferidos pelo artista, numa tela vigorosamente pintada. — Ao alto, à direita: "Gravatás", quadro da Coleção do Sr. Cyro Ribeiro de Abreu. Finalmente em baixo: "Uma bela, flamejante ramaria, perto da Lagoa Rodrigo de Freitas". Sol vivo doirando a grama, os casebres e os caminhos.



MÚSICA

AINDA O BALLET DA JUVENTUDE

Um dilema: ou a renovação ou o entêrrão. — Dinheiro haja, para sustentar o "idealismo". — A infeliz escolha de um repertório e as aventuras de um elenco. — Berta Rosanova, um triunfo a registrar.

De ROBERTO LYRA FILHO (Especial para a REVISTA DA SEMANA)

go Henrique Nirenberg, que certamente mereceria um destino menos triste... Consideremos, agora, o outro privilégio do espectador — o Ballet.

REPERTÓRIO E ELENCO

De início, algumas observações a respeito do repertório apresentado. Quando alguém se propõe a realização de uma temporada de bailados, deve ter em mente o público que a vai assistir, assim como o elenco de que dispõe. Coube ao Sr. Schwesoff a escolha do repertório, segundo acreditamos. Escolha nem sempre feliz, porque fracassou, mais de uma vez, nessa operação que é equilibrar as possibilidades do elenco e a qualidade das obras apresentadas.

O "Lago dos Cisnes", por exemplo, de forma alguma poderia ter sido confiada a Tamara Capeller, cujos altos méritos ainda não ascendem à altura das transcendentais dificuldades técnicas do papel da Rainha. Nem Holland Stoudenmire encontra oportunidades propícias às suas fulgurantes acrobacias no puro domínio da dança clássica, para a qual lhe faltam requisitos de flexibilidade e domínio dos impulsos, cuja manifestação quebra a delicada harmonia coreográfica.

"Lago dos Cisnes" é veículo para demonstração de virtuosidade, padrão para medir grandezas, na dança. Nunca deveria ter sido levado à cena, com um elenco onde ainda faz falta uma definitiva segurança.

Por outro lado, poderia o Sr. Schwesoff tirar partido do entusiasmo, da vivacidade na pantomima dos elementos de que dispõe. Tinha ali o material para a realização de coreografias adequadas, que lhes ressaltassem as qualidades. Contudo, além de "Valsas da Esquina" nada mais apresentou de novo e original. E esse "bailado brasileiro" só conseguiu provar como está afastado o Sr. Schwesoff do sentimento brasileiro e da compreensão não só no sentido de tradição plástica como no sentido mais profundo, interior, da alma do nosso povo. Sobre uma fábula piegas ele aplicou receitas aprendidas em Montmartre... E o "cocktail" resultou numa versão que poderíamos esperar de Hollywood mas nunca de uma sensibilidade tão alerta como é a do Sr. Schwesoff.

Afinal de contas, o repertório só foi feliz naquilo que repetiu temporadas anteriores como o mesmo Sr. Schwesoff e quase com o mesmo elenco, temporadas que já ti-

nam sido aplaudidas no Teatro Municipal, "Luta Eterna", "Sonata ao Luar"...

BERTA ROSANOVA

Certamente é necessário destacar, a esta altura, os valores mais marcantes da temporada. Em primeiro lugar deve vir, seguramente, Berta Rosanova, nem sempre afortunada com os papéis mais destacados, porém sempre se desincumbindo com brilho da parte que lhe foi confiada. Em "Lago dos Cisnes", surpreendeu pela compreensão do espírito do bailado clássico. Em "Sílides" soube confirmar a impressão anterior. Mas foi de uma maneira geral que ela se salientou. A crítica, de resto, assinalou o sucesso, sancionado, de bom grado, pelo público, que não deixou de distingui-la com calorosas palmas.

Holland Stoudenmire, em "Luta Eterna", na "Dansa da Fita", apontou aquele mesmo futuro sorridente para sua carreira. No início da temporada, ainda estava se ressentindo dos meses de ostracismo, no corpo de baile do Municipal. Em "Luta Eterna", reafirmou todas as suas qualidades que são a força impulsiva e arrebatada, o brilho impetuoso.

Tamara Capeller e Wilson Morelli não revelaram progressos apreciáveis. Como que estacionados em uma fase de seu desenvolvimento, deixam-nos a espera da realização de todas as promessas que o seu talento reftera e confirma.

Edith Pudelko, conforme já tivemos ocasião de observar, parece-nos mais um temperamento dramático que encontrou expressão na dança do que uma pura bailarina. Suas qualidades são mais as de força expressiva, agudo senso das possibilidades dramáticas da pantomima do que, propriamente, a dança, no sentido mais restrito, o movimento, o passo.

E O FUTURO?

A previsão do futuro da companhia é difícil, como é difícil aquilatar o sucesso porventura obtido, tomando-se em consideração a pequena capacidade do Teatro Fenix, a propaganda e a curiosidade despertada pelo conjunto. Se o seu prestígio se manterá é quase impossível prever. O que se pode afirmar, sem receio, é que, caso se conserve assim irregular a qualidade dos espetáculos, o público irá se afastando, gradualmente, do Ballet, que não deu sinais da esperada renovação e do prometido progresso.

A esquerda Edith Pudelko. Em baixo, Holland Stoudenmire e Tamara Capeller.

A GORA que o Ballet da Juventude já deu por encerrada a primeira série de espetáculos, enveredando por um prolongamento da temporada, pode-se abranger, numa apreciação geral, as réctas da primeira fase, tirando conclusões, não somente sobre a qualidade artística do conjunto, como também sobre as perspectivas de desenvolvimento e de influência no sentido de tornar mais popular a dança.

Em primeiro lugar, é preciso deixar bem claro que toda aquela feição amadorística, tão explorada na vasta publicidade da empresa, como forma de atrair o público e de conquistar a benevolência da crítica, todas aquelas histórias a respeito das ligações do Ballet dirigido pelo Sr. Milton Rodrigues com a mocidade universitária se dissolvem em face do caráter profissional do empreendimento, do largo tirocínio da maior parte dos bailarinos contratados e da responsabilidade do Sr. Iger Schwesoff. Nada disso traz confirmação ou apóio àquela lenda tão simpática de um grupo de amadores, cujos esforços, naturalmente, mereceriam outra espécie de comentários pelo idealismo e pelo desejo de acertar, que contivesse e demonstrasse, porventura, o Ballet. Não visamos, aqui, menosprezar o que há de respeitável nas organizações profissionais, com fito de lucro. Tiramos, simplesmente, o Ballet da Juventude da alta poesia em que o foram colocar e depositamo-lo em terra firme. Afinal de contas, entre mestres da dança, tais saltos não devem causar surpresa... Mas vamos aos fatos.

DINHEIRO HAJA

Dissipada a ficção de um bloco de jovens que tentasse propagar a sua arte, vamos encontrar, sem artifícios para efeito de campanha publicitária, um bando de artistas que, honestamente, tentam ganhar sua vida. Só assim se poderá entender que, por altruísmo, com finalidades divorciadas do espírito mercenário, se venha a cobrar tão caro pelo privilégio de acomodar-se o espectador numa das escassas poltronas do Fenix, para a audição de uma orquestra que faz música de restaurante a preço de grande conjunto sinfônico. Mas chegou a nossa vez de saltar. Deixemos em paz a plácida charanga que o Sr. Francisco Mignone reuniu e na qual distinguimos nesse velho ami-





Martha Hyer, encantadora figurinha da R. K. O., apresentou a nossas leitoras este lindo modelo, confeccionado em feltro e cetim bege, que tem como único adorno um véu, também em bege, atado na parte posterior.

NUNCA você se arrependerá de ter sido comedida, discreta e sóbria. Nunca, também, ninguém a condenará por isso. Pode o seu sucesso não ser ofuscante, pode você não despertar grandes atenções, mas tenha a certeza de que todos os que tiveram a oportunidade de se aproximar de você; todos os que se derem ao trabalho de observá-la, ficarão encantados com a sua simplicidade e distinção.

Já não poderei dizer o mesmo si, ao invés dessa discrição e sobriedade; dessa delicadeza de maneiras e de gestos, você preferir os exageros, os modos bruscos e as atitudes inquietas, a gesticulação excessiva, tudo enfim que possa chamar a atenção.

Si você pertence a esse grupo — infelizmente tão grande — das que procuram a todo o custo centralizar as atenções, eu a lamento. Porque você conseguirá o seu objetivo durante algum tempo, terá realmente a impressão de que é admirada. Ainda si você tiver um pouco de espírito, o que é pouco provável, esse estado terá uma duração maior, mas, de qualquer maneira terminará porque os outros perceberão as suas intenções e sentir-se-ão cansados, apesar de tudo. Agora, imagine o quanto mais depressa ainda eles se cansarão si você não possuir espírito, o que é muito provável.

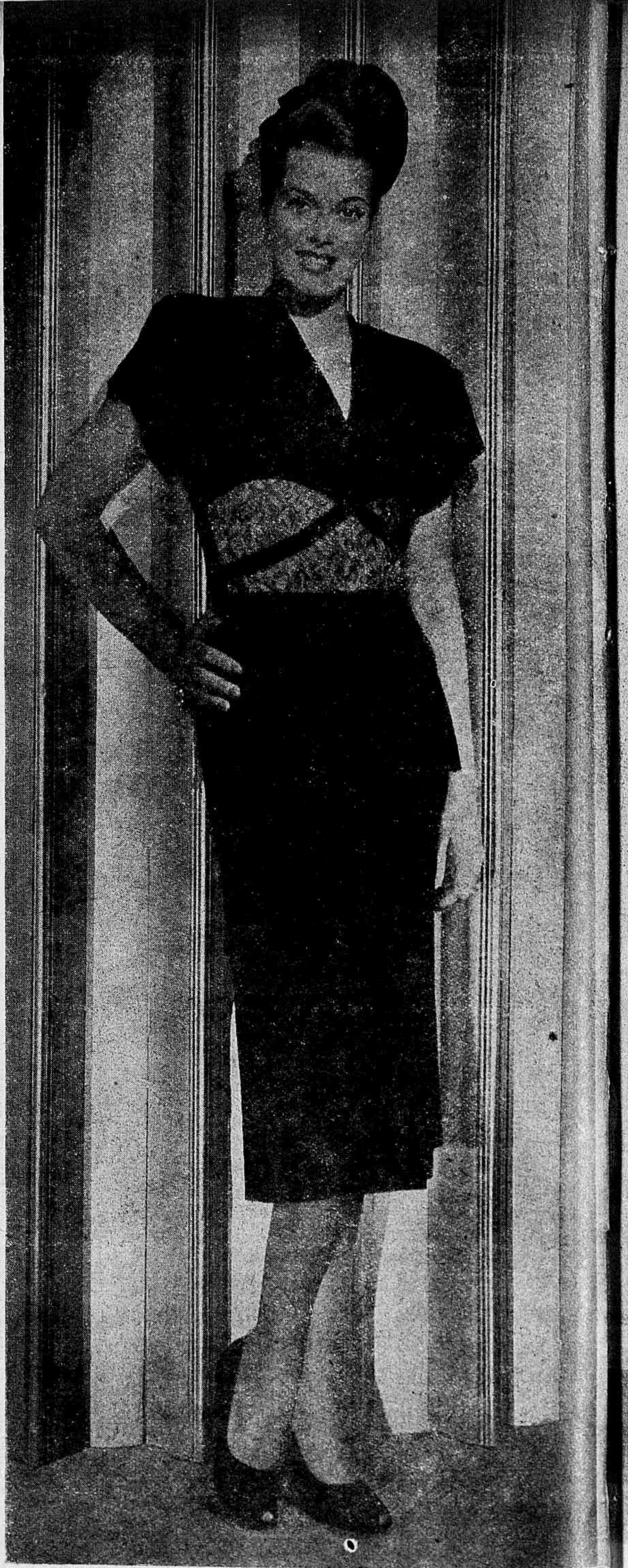
Todo esse brilho que você sente ao seu redor, é fictício. Ninguém leva você a sério. E toda essa agitação que à primeira vista a torna tão interessante, dentro de pouco tempo se tornará insuportável. É possível que você se veja rodeada de pessoas com menos espírito ainda do que você; pessoas que talvez até se julguem homenageadas com a sua preferência. Entim, é provável que você tenha sempre uma plateia". Mas nunca aquela que você desejaria ter. E, si há em você uma pontinha de inteligência, você por certo soltará com isso.

KITTY

**NOS
BASTIDORES
FEMININOS**



VESTIDOS PRETOS



UM vestido preto é de grande utilidade, por mais simples que seja. Porque, com um vestido preto, você estará sempre elegante e sempre em condições de aparecer em qualquer parte. Damos a você alguns modelos realmente bonitos dos quais com certeza vocês saberão tirar o melhor partido. Da esquerda para a direita: Jane Wyman, é este elegante modelo com blusão muito ajustado com franzidos á cintura. Na parte superior; recorte triangular formando o decote. Mangas de jersey de seda cinza claro. Agora é Janis Paige, da Warner Bros., quem nos oferece esta sugestão de véras encanto.



dora. O vestido tem recortes na blusa onde é aplicada renda preta com sombra rosa seco. "Basque" "godet" na parte da frente. — Sóbrio, distinto e elegantíssimo é este outro modelo de Jane Wyman. Na frente há uma imitação de "duas-peças, transpassando para a direita, onde o drapeado é "apanhado" por vistoso "clips", caindo o pano em "godet" do mesmo lado. — A belíssima Maria Montez, da Universal, veste um elegantíssimo modelo para a noite, em veludo de seda, corpete justo, com renda de seda preta ao redor do decote. Saia drapeada, com "basque" também drapeada e "apanhada" na frente.



★

MISCELANEA

A' esquerda: Alexis Smith, da W. B., aparece-nos aqui com um original modelo em casemira de listras. O holéro ajustado fechando com "dentes". Blusa de seda estampada com grande laço. Muito original também é a bolsa de Miss Smith. Ao alto: Milo Anderson, figurinista da RKO, criou para Jane Wyman este conjunto composto de saia, casaco de linhas retas com bolsos embutidos e blusa de seda branca com laço na frente. Em baixo: Um lindo modelo, bastante juvenil que nos é apresentado por Andréa King, da W. B., próprio para os dias frios. Na página ao lado: Maravilhoso modelo para a noite usado por Loretta Young em "Ambiciosa". E' executada em lamé cõr de chumbo, parte superior da blusa em gaze da mesma cõr. Grandes rosas de lamé nos ombros e no decõte. Corpete muito justo, saia com ligeiro drapeado.

★



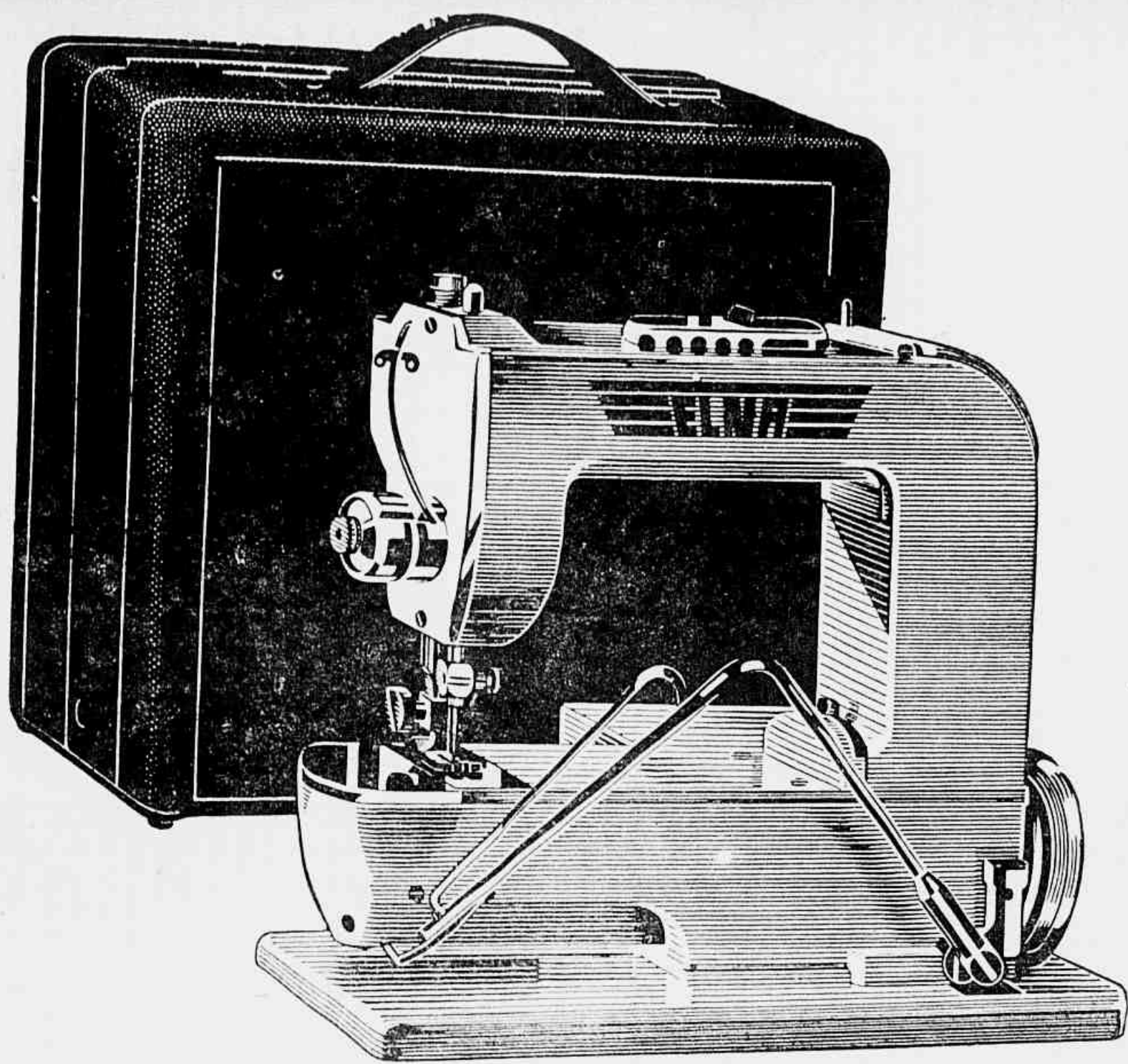




CHAPÉUS

Ao alto: Para "cock-tail", para reuniões elegantes ou para o teatro, nada mais elegante do que este "leque" de plumas usado por Janis Paige, da Warner Bros. As plumas são rosa, combinando com as listras do seu vestido. Em lebre cinza é executado este modelo muito original com enfeites de pedras e véu pretos. Usa-o Mary Jane Harker. — Em baixo: Modelo em lebre preto, copa alta, aba virada para baixo, enfeite muito original sobre a copa. Véu preto, passando sobre o rosto. Sugestão de Mary Jane Harker, da Warner Bros. E ainda Janis Paige é quem sugere este modelo de feltro preto, justo à cabeça, com uma parte mais elevada atrás, fingindo "turban". Grosso cordão enfeita a copa. Véu preto, muito fino.



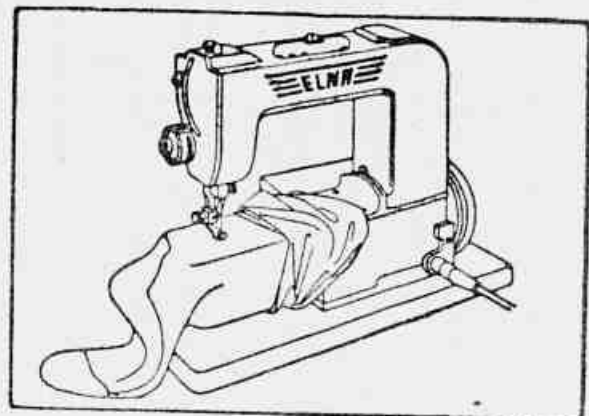


Hoje se cose de modo diferente

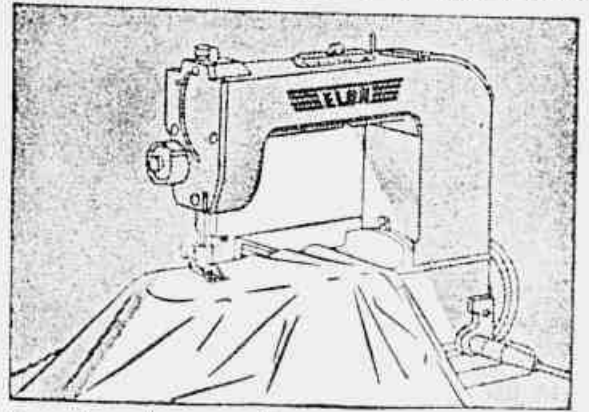
Como nos inúmeros lares do mundo inteiro, já se pode, também, no nosso paiz, coser-se com a ELNA.

ELNA é a nova máquina suíça de coser, elétrica e portátil, que apresenta vantagens incomparáveis: braço livre, malinha metálica que se transforma em mesa de trabalho, motor elétrico silencioso, e iluminação embutida. No braço livre da ELNA, todas as meias, de seda ou lã, bem como mangas etc., podem facilmente ser costuradas ou serzidas. ELNA, de forma elegante, pesa sem a maleta 6,5Kgs. A maleta, além de servir para o acondicionamento e transporte, é uma espaçosa mesa de trabalho, adaptável. A iluminação embutida projeta uma luz suave, diretamente sobre o trabalho, sem cansar a vista.

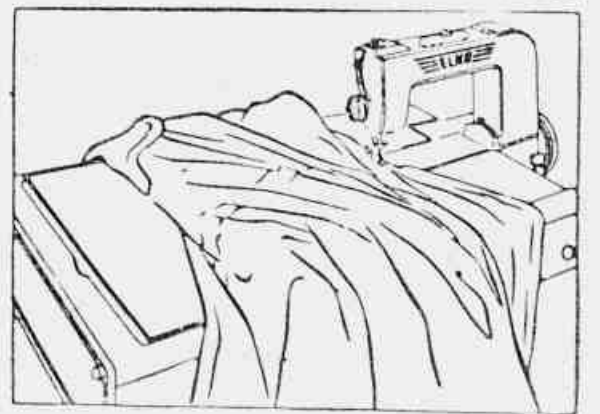
Um engenhoso dispositivo permite uma marcha regular, com velocidade reduzida, de modo a se poder executar facilmente os mais delicados trabalhos de bordado.



Pode-se remendar meias com perfeição e rapidez, sem necessidade de acessórios. Basta enfiar a meia no braço livre da ELNA e fazer o remendo.



Encaixada no braço superior da ELNA, a lâmpada projeta luz suave diretamente sobre o trabalho. Toda iluminação suplementar — que mal colocada frita ou demasiado intensa prejudica a vista — é desnecessária.



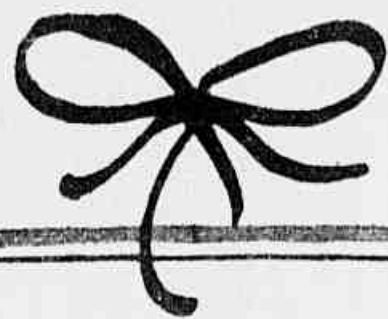
Num instante a linda malinha metálica da ELNA é transformada numa cômoda mesa para os grandes trabalhos de costura. Essa malinha torna a ELNA a máquina de costura perfeita.



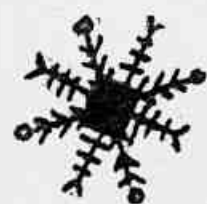
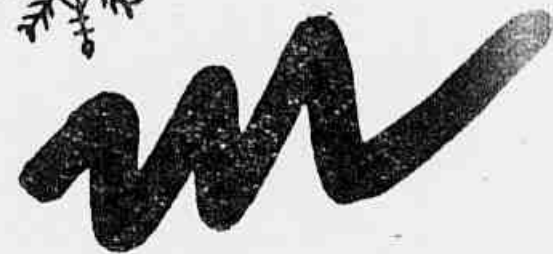
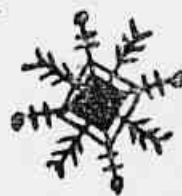
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL:

RIO DE JANEIRO: Avenida Calógeras, 15 - Sobreloja - Telefone 32-6642

SÃO PAULO: - Rua 7 de Abril, 252



Interessante modelo em
fina casemira cinza claro.
Gola redonda, casaco ajus-
tado na cintura. Completam
este modelo guarnições de
peles. 2) Um lindo costume
de inverno que poderá ser
executado em fina lã belga.
Notar o fecho diferente dos
bolsos, bastante amplos e
originais. Em baixo, dois
modelos de casacos para
os dias frios.



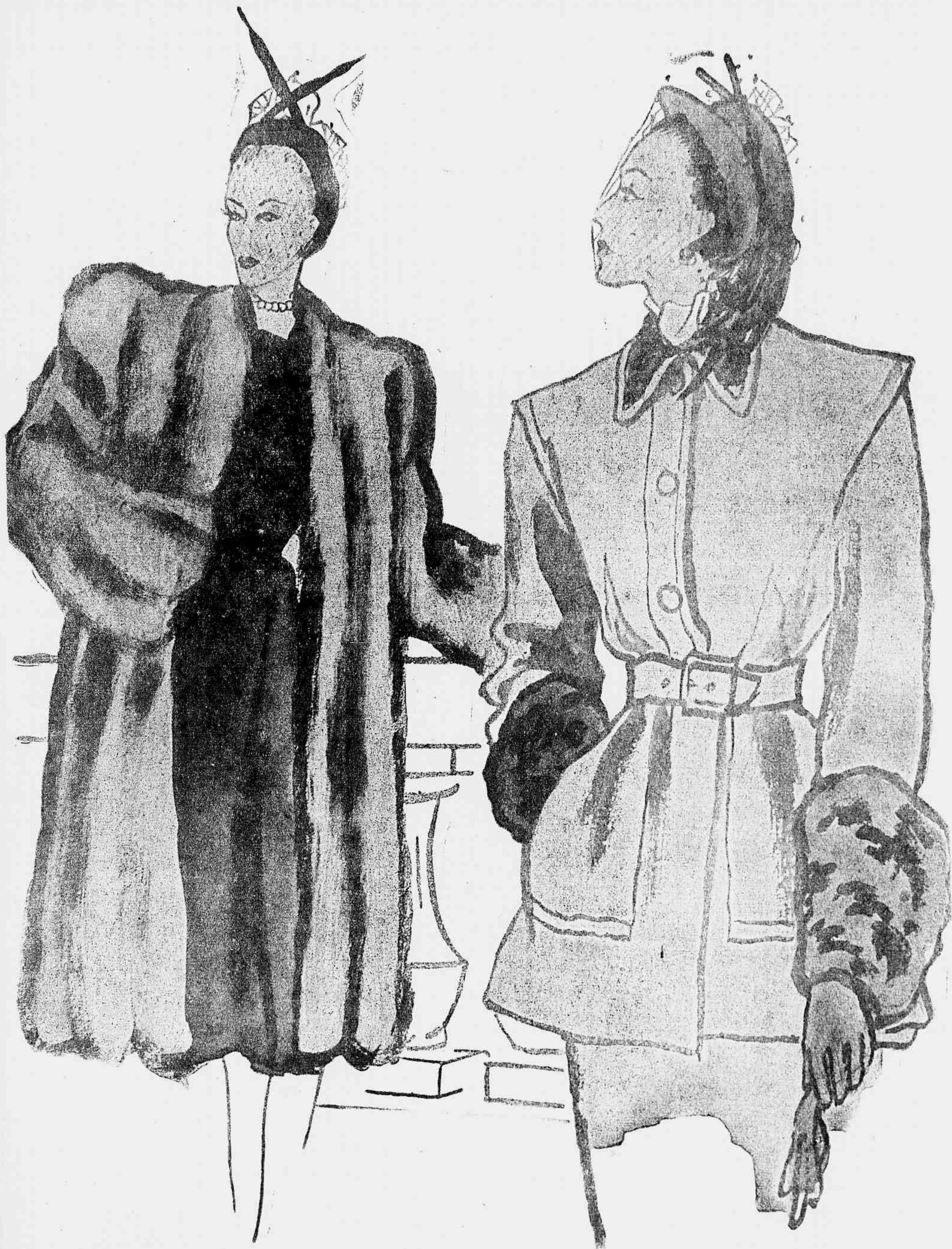


inverno

inverno



Um lindo casaco, de feltro simples, porém bastante agradável, mangas largas, e gola bem fechada, para os dias frios. 2) Este original modelo poderá ser confeccionado em grossa casemira azul-marinho, casaco original abotoado em diagonal. Em cima, dois modelos interessantes para jovens.



MODÉLOS

Da esquerda para a direita: — Sobre um vestido de linhas simples, magnífico casaco de vison. O chapéu é de veludo negro, com duas penas verdes atravessadas na frente. Vêu negro cobrindo o rosto. — "Tailleur" original e muito elegante. É executado em lã cinza clara, gola "chemister" enfeitada de peles. Punhos também de peles. Dois bolsos grandes e os ombros ligeiramente caídos, dão uma nota diferente à este traje. — Volta-se a usar saias mais compridas atrás do que na frente. Aqui está um modelo, cuja saia termina mais longa atrás. Na frente é um babado "godet" que cõe em cascata. — Também neste conjunto a saia é mais longa atrás. O bolero tem mangas "kimono" e fecha com três grandes botões. Blusa de renda.



A VIDA DE KUBLAI KHAN

1216 — 1294

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

MUITO tempo depois de Adão, outro Éden, foi descoberto por um grupo de homens — os tártaros, conquistadores do Oriente — lá para o fim do século doze. Irromperam na China como o tufão, levando loncas e agudas flechas à cintura e tímbores em que tocavam músicas de guerra e de vitória. Vindos dos arenosos desertos da Ásia setentrional, traziam consigo seus ídolos de barro e o leite de água fermentado que usavam. Gengis Khan era o chefe. Depois dele reinaram Oqadai Khan, Kayuk Khan, Mangku Khan. Os pequenos príncipes locais eram submetidos e escravizados pelo terror. Os cãs tomaram para si o vasto e fértil "Reino Florido" como seu domínio próprio, e legaram à história mil crônicas românticas do seu governo, de seus feitos militares e de seus festins noturnos.

Mas esta dinastia de conquistadores estrangeiros foi tão breve como brilhante. Com o esplendor duma girândola, deram algumas voltas ao redor do eixo do triunfo e desapareceram na noite. Foi um episódio singular na maravilhosa história da China e, mais ainda, exemplo brilhante duma família de guerreiros que, embriagados pelo sangue das batalhas, tentaram elevar-se ao pináculo dos deuses, para terminar descobrindo que eram criaturas mortais, sujeitas como as outras a um efêmero sonho de glória e à eternidade dum sono sem sonhos. O esplendor dos cãs mongóis durou escassamente com anos.

Mas como deslumbrou o mundo durante aquela breve centúria!

II

Sem dúvida o mais brilhante dos soberanos mongóis da China foi o neto de Gengis, Kublai Khan. Quando Gengis jazia em seu leito de morte, apontou para o menino e aconselhou os circunstantes a observarem bem tudo o que Kublai dissesse ou fizesse, pois a sabedoria dos cãs estava depositada nele. "Ele vos há de governar um dia", disse Gengis, "e dará começo a uma era ainda mais grandiosa do que a minha".

Kublai subiu ao trono em 1260, depois que seu irmão Mangku Khan perdeu a vida num combate. Tinha então quarenta e quatro anos e era um homem de altura mediana, olhos negros como a noite, que brilhavam num rosto magro e sensual, ampla cintura que acrescentava solidez à sua autoridade, uma barba de sábio, e lábios que tinham provado a doçura de mais de uma face rosada. Um dos primeiros assuntos de que se ocupou ao subir ao trono foi prover-se de um harém, coisa que fez em grande escala, de acordo com o costume de seus predecessores. Enviava agentes a uma tribo de tártaros, chamados Ungrats, célebre pela beleza das suas mulheres. Quatrocentas donzelas eram escolhidas numa espécie de concurso, em que cada uma das feições das concorrentes era avaliada em certo número de quilates — o cabelo em dezesseis, as sobrancelhas em dezessete, o porte em vinte, e assim por diante. As que passavam na prova preliminar eram levadas para a corte, onde se procedia à nova eliminação. As vencedoras desta segunda competição eram confiadas à guarda de matronas cujo dever era dormir com as raparigas afim de verificar se tinham hábito suave e se costumavam ronear, agitar-se ou falar durante o sono. As aprovadas nesse exame final eram escolhidas para servir o seu augusto marido. Designavam-se seis donzelas para servi-lo e entretê-lo durante três dias e três noites, ao cabo das quais eram substituídas por outra turma de

seis, e assim sucessivamente, até o fim do ilustre reinado de Kublai. "Dizem que este grande cã se tornou pai de quarenta e sete filhos, e que, quando ia à guerra, grande parte dos oficiais do exército eram tirados da sua própria família.

Não foi, porém, como guerreiro que Kublai Khan se distinguiu. Foi muito mais afamado como o hábil administrador dum país notável.

Porque a China, nos dias de Kublai Khan, era a maravilha do mundo — uma gemma preciosa engastada no Oriente. Continua corrente de mercadorias se escoava entre as duas principais cidades — Pequim e Hangchow. Os rios e canais eram cruzados por um milhão de pontes, que fervilhavam de tráfego humano. Os produtos da indústria eram carregados em juncos de cores vivas, às costas de cavalos e bois e em várças de bambú presas aos ombros de cules. As ruas eram semeadas de ricos bazares e magníficos armazéns se estendiam à beira d'água. Cardumes de peixes mosqueados eram apanhados em rdes e vendidos à multidão ávida, nas praças. Os mercados de câmbio de ouro e prata rumorejavam numa balbúrdia de línguas dos quatro cantos da Ásia.

Mas, a despeito de todo esse intenso tráfico, o padrão de vida das massas populares estava tão baixo como sempre estivera, pois não era essa uma época de industrialização em massa. Os artigos mais necessários à vida não eram produzidos em quantidade suficiente para que o povo os pudesse adquirir a preços módicos. Os comerciantes negociavam largamente em artigos de luxo e curiosidades exóticas. Importavam carregamentos de perfume e seda, peles de marta, arminho, rapôsa e esquilo almiscar do Tibete, sândalo de Timor, especiarias e goma da Cochinchina. Era uma época de trabalho manual e de virtuosismo dos artesãos, e os produtos se destinavam ao consumo dum número limitado de pessoas.

Mas nem os opulentos mercadores, com os seus conhecimentos de terras estranhas e os seus galões carregados de riquezas, nem os fastuosos aristocratas que percorriam as ruas montados em finos cavalos de puro sangue ou dentro de coloridos palanquins, eram os chefes, ou mesmo os membros mais acatados da sociedade chinesa. Essa distinção estava reservada aos homens contemplativos, aos sábios, poetas e filósofos que absorvidos em elevados pensamentos, deixavam aos homens de ação e de tino prático as prosaicas ocupações da vida quotidiana. A sociedade chinesa fora fundada sobre uma base, não econômica ou política, mas filosófica e moral. Os ministros do governo eram homens versados na finura intelectual e na grandeza ética de Confúcio. A lei moral da justiça era tida em muito mais apreço do que a lei material do comércio; e, na realidade, os mercadores estavam colocados, juntamente com os soldados, nos últimos degraus da escala social. Era muito natural que, de acordo com as cruéis disposições do Destino, um governo pacífico de filósofos fosse subjugado por um agressivo exército de bárbaros.

Quando os tártaros invadiram a China, reduziram os habitantes à condição de escravos. A religião de Confúcio foi substituída por um ritual idólatra. Carregavam consigo as imagens dos seus deuses, assolando ao passar as nações e ceifando os campos que outros tinham semeado. Eram uma raça estranha, selvática, pitoresca, esses tártaros que espalhavam o terror onde quer que fossem, e que, entretanto, como magníficas criaturas do deserto, fascinavam aqueles

a quem aterrorizavam. Quando, nas marchas, sentiam fome, cravavam a língua no lombo do cavalo e bebiam o sangue que dali jorrava. Cozinhavam os corpos dos inimigos mortos em combate e comiam com prazer a carne. Combinavam a prática da poligamia com sentimentos de grande respeito pela castidade das mulheres. O casamento era para eles uma das instituições mais sagradas. Se uma noiva morresse logo antes do casamento, os pais traziam-na ao prometido no ataúde, e realizava-se a cerimônia como se ela ainda estivesse viva.

Tais eram os invasores mongóis que penetraram na China, vindos do norte, como uma tempestade de neve. Mas, pouco a pouco, a sua barbárie se foi suavizando sob a influência do clima mais brando e das leis mais humanas da China. Todas as funções públicas do país tinham sido exercidas por tártaros. Mas, como sucede tantas vezes na história, deu-se a aproximação entre a classe dominante e a dominada por meio de casamentos entre seus membros. Tendo conquistado materialmente os chineses, os tártaros foram por sua vez conquistados espiritualmente por eles. Gengis tinha sido o chefe duma casta. Kublai era o soberano duma nação.

Este neto dum guerreiro bárbaro era tão amplo de espírito como de corpo. Insaciavelmente curioso, a curiosidade levava-o a coleccionar estranhas espécies de aves e animais de todas as partes da Ásia. Por pura curiosidade de explorar a beleza até o âmago, construiu os seus fabulosos jardins, fontes e palácios de canhões atados com cordões de seda. Por desejo de penetrar até o fundo as sensações da vida e traduzi-las numa experiência completa e variada, estabeleceu uma rotina diária de esplendor e pompa que lhe ganhou a inveja do mundo inteiro. E assim, quando os dois viajantes e mercadores, Nicolau e Mateus Polo, chegaram ao seu palácio depois de haverem atravessado a metade do globo, desde Veneza, não existia neste mundo nenhuma espécie de mercadoria que lhe pudessem vender — porque ele as possuía todas.

Mas os Polo eram comerciantes de mão cheia. Não podendo vender-lhe as suas mercadorias, trataram de vender-

lhe a sua religião. O cã ouviu a lenda de Jesus e pesou-lhe os méritos na balança da imaginação, com a sua astúcia característica, como se estivesse avaliando as últimas mercadorias trazidas por um de seus navios. Ficou contente como uma criança ao ouvir as narrações da Bíblia. A magia da lenda excitava-lhe a imaginação paçã. Era ele um grande conhecedor de religiões. Os seus súditos judeus, budistas e muçulmanos tinham exposto na corte os princípios das respectivas religiões, e os representantes de cada um desses credos pediam-lhe que escolhesse um e renunciasse aos restantes. Mas fazer tal escolha era contra o temperamento de Kublai. Sentia-se deslumbrado com a polícronia das jóias que se exibiam diante dos seus olhos. Mas brincar com uma so delas, com exclusão das outras, seria grande seca, e ação indigna dum grande cã. A fé, para ele, devia ter tantas facetas, quantas espôsas possuía o seu harém. A monogamia religiosa era-lhe tão inadmissível quanto a monogamia matrimonial. Como sinal de deferência para com os Polo, todavia, incluiu Cristo entre os seus familiares, juntamente com as outras divindades — Jeová, Buda e Alá. "Eu respeito e venero a todos os quatro", declarava, "e rogo-lhes que o maior dentre eles venha em minha ajuda". Considerava todas essas divindades como seus hóspedes. Embora condescendendo em recebê-los cortêsmente, pois era por natureza atável e atencioso, estava decidido a não lhes mostrar mais acatamento do que a qualquer visitante mortal que acolhesse em sua casa. Impressionou-o particularmente a base ética do cristianismo, e reconheceu que se tratava duma religião bastante branda e razoável. Mas quando os Polo insistiram para que a introduzisse entre os chineses, objetou que isso lhe traria embaraços em política. Pois o cristianismo, como espetáculo, não podia competir com os faquires e derviches, que se serviam de truques de magia negra como meio de propagar as respectivas religiões. "Sei que a vossa fé é boa", disse aos viajantes, "mas onde estão a vossa magia e os vossos milagres, com que retrucar aos sacerdotes

(Continua na pág. 53)

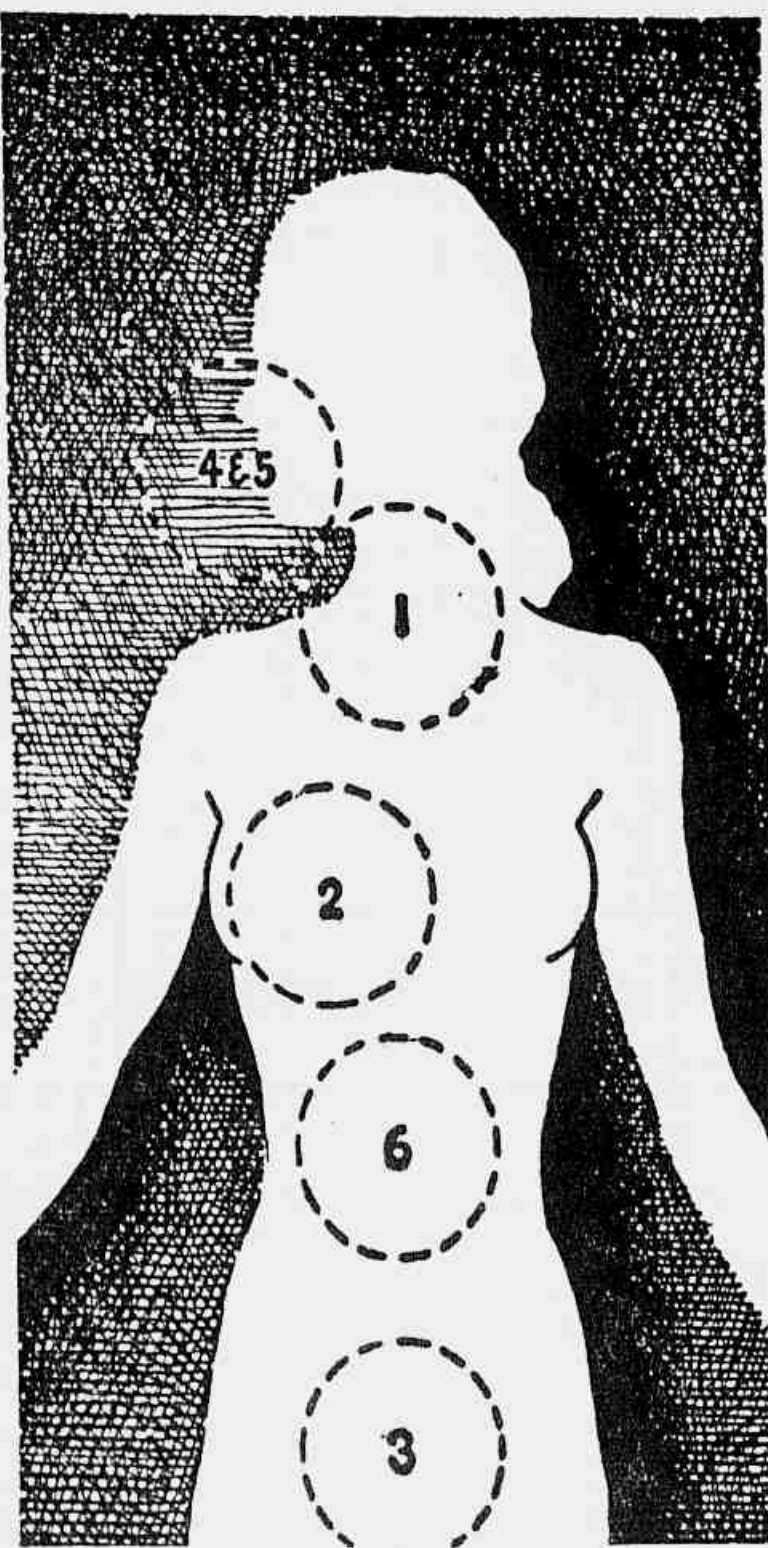


KUBLAI KHAN

Notícias animadoras sôbre câncer



Mamãe deixando o hospital, inteiramente restabelecida!



Milhares de pessoas anualmente não morreriam se denunciassem, em tempo, estes sinais.



Se o seu caso é de câncer em começo, seu médico pode salvar-lhe a vida.

A CIÊNCIA GANHA TERRENO CONTRA O CÂNCER!

Cientistas do mundo inteiro estão enfrentando o problema! Fazem experiências com hormônios, por exemplo, e com substâncias novas, rádio-ativas e químicas, na esperança de um novo tratamento. E de grande importância é saber o público que o câncer pode ser dominado quando descoberto logo no início e convenientemente tratado. Felizmente, o câncer em geral dá certos sinais de alarme!

CONHEÇA OS 6 SINTOMAS DO CÂNCER!

Se notar algum destes sintomas — procure o seu médico!

1. Rouquidão ou tosse — sem estar resfriado.
2. Qualquer nódulo persistente — embora sem dor.
3. Hemorragia irregular oriunda de orifícios naturais do corpo.
4. Qualquer ferida que se prolongue por mais de um mês, especialmente na boca, na língua ou nos lábios.
5. Mudança de coloração, de consistência, ou súbito crescimento em manchas, verrugas ou cicatrizes — particularmente em cicatriz de queimadura.
6. Perda de apetite; distúrbios persistentes em hábitos normais de eliminação; indigestão prolongada.

O CÂNCER INCIPIENTE EM GERAL PODE SER CONTROLADO!

Hoje, se diagnosticado no início, o câncer é controlável. E a presença de qualquer desses sinais não quer dizer que o snr. tenha precisamente câncer. Em 100 mulheres que procuraram uma grande clínica para exame, 98 não apresentavam câncer. Não tenha medo de consultar. Lembre-se de que o perigo maior está na demora. Não negligencie. Se tiver qualquer dúvida, consulte o seu médico imediatamente!

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos prescritos pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

suor da angústia escorria-lhe pela testa, humedecia seus cabelos úmidos e escuros, tornava as palmas das mãos escorregadias e pegajosas, grudava em seu corpo a leve camisa de linho, menos branca que seu rosto.

— Maria Isabel! Maria Isabel!, eram essas as únicas palavras que seus lábios sabiam murmurar. E eles estavam tão secos, tão feridos pela febre, que só o pronunciar do nome querido fazia-o soitar, como se lhe passassem um cáustico na carne.

Pegou mais uma vez em suas mãos, macias e bonitas. — "Você tem mãos de princesa, Maria Isabel". Lembrava-se bem, ainda. Parecia ouvir também seu riso breve e delicioso, riso de menina, ou riso de mulher que se sabe amada.

Os olhos agora estavam fechados, telmosa e tranquilamente fechados. Mas como eram bulbosos, traquinas e lindos aqueles olhos!

— Não me olhes assim, Maria Isabel. Não me olhes assim!

Mas ela, só de ruindade, olhava. E ele agarrava-a nos braços então e beijava-a, beijava-a com sofreguidão, loucamente, até deixá-la sem fôlego, perdida num frouxo de riso que lhe sacudia todo o corpo.

Angélica, sua irmã, às vezes ralhava: — Vocês parecem crianças. Cruzes! Nem se lembram de que já estão casados há tanto tempo.

Tanto tempo eram dois anos. Dois anos que tinham decorrido como se fossem dois dias, plenos de felicidade, de compreensão, de absoluta harmonia.

A casa era pequena, pobre também. Nas janelas havia cortininhas de chita, que as próprias mãos habilidosas da moça tinham colocado. Ele ria-se muito de sua manelra inteligente de arranjar as coisas. Quem entrasse na casinha, veria tudo tão arrumado e gracioso perfeitamente em seus lugares, que ela até parecia maior do que na realidade era. Mas aí é que entrava a arte de Maria Isabel: tinha um jeitinho todo especial de "embutir" as coisas excedentes nos mais inesperados recantos, de modo que tudo andava em ordem e não se via nem uma caixa, nem o menor objeto, parecendo demais ali, gritando contra a estreteza de espaço.

Nas noites de lua, como era gostoso ficar no quartinho fresco, de luz apagada, aquele cheirinho bom de cera passada recentemente no assoalho, confundindo-se com o leve aroma que subia do jardim.

Maria Isabel gostava muito de flores. Sim, gostava muito de flores, principalmente de rosas e saudades, lembrou-se de repente. Levantou-se então, cambaleando um pouco e dirigiu-se à porta do quarto, que abriu de par em par.

Atravessou a sala escura, tropeçando nos móveis. Quando se encontrou no pequeno jardim, teve que parar. A súbita rajada de ar frio agitou-o como um chicote, a ele que passara não sabia quantas horas no quarto hermeticamente fechado. Reagiu depressa, porém. Instintivamente, seu braço ergueu-se para o botão da luz, na varanda. Mas susteve o gesto.

Um belo luar caía do céu, tão cintilante como se a lua, de brincadeira se tivesse untado toda de pó fosforescente. Valendo-se daquela claridade, então, foi até ao canteiro das rosas e apanhou algumas. Colheu saudades também. Voltou depois à sala, cuja porta fechou sem ruído. As flores resplandeciam docemente, perfumando toda a casa.

Quando chegou ao quarto, passou a chave na fechadura da porta, antes de depor nas mãos da esposa o ramalhete.

— Olha como estão bonitas, minha querida. Não tão bonitas como tu, é claro.

Teve um risinho curto:

— As flores sempre tiveram inveja de ti...

Doeu-lhe que ela não lhe respondesse com um alegre sorriso, ao receber as flores. Experimentou uma angústia que lhe cortou o coração. Beijou-a demoradamente nas faces e elas estavam tão geladas, que seu contacto refrescou-lhe os lábios feridos.

— Tens frio, minha querida? perguntou-lhe, com carinho. Sim, na certa ela sentia frio. Estava tão ligeiramente vestida, seu traje era de uma fazenda tão leve!

Foi até ao armário, e tirou o "edredon", que tinha sido um presente de casamento. Cobriu-a com cuidado.

— Dorme, minha querida, podes dormir. Não tenhas receio, estou ao teu lado.

Acendeu um cigarro, mas não pôde fumar. Doiam-lhe demasiadamente os lábios.

Sentou-se ao lado da mulher e pôs-se a acariciar seus cabelos, de um louro bonito, esparsos sobre o travessão. Palavras doidas de ternura brotavam-lhe da boca. Como estava cansado santo Deus! Aos poucos, sem que ele se desse conta, a cabeça foi-lhe caindo sobre o travessão e adormeceu ou tombou numa semi-vigília dolorosa, a mão de Maria Isabel entre as suas.

mente nada, as grandes manchas no corpete de seu vestido.

Vem o doutor. Não crê no diagnóstico. Maria Isabel é demasiado criança, demasiado feliz, para ter o coração tão fraco... Expulsa o médico, enraivecida, da cabeceira de seu leito.

E, no dia seguinte, esquecidos no seu amor, não ligam importância ao que se passou.

Maria Isabel sente-se tão bem, é tão vivaz e encantadora, que nenhum dos dois volta a falar no caso. Nem se lembram das recomendações do doutor cuidado, muito cuidado, nada de emoções violentas...

Ela é uma recém-casada feliz, pula e ri, brinca com a vida numa alegre brincadeira. Os conselhos do médico... Ora, os médicos também se enganam... Às vezes, de uma bobagem, eles fazem logo um bicho de sete cabeças. Felizes os que podem passar sem eles.

Os dias sucedem-se, sucedem-se os

— O mal progrediu muito. São necessários os recursos mais enérgicos.

Sai e deixa uma receita. Maria Isabel abre uns grandes olhos angustiados e pergunta ao marido:

— Estou então muito mal? O que ele disse? O que recitou, meu querido?

Tentar esconder as coisas de Maria Isabel é difícil. Ela arranca-lhe a receita das mãos e seus lábios se franzem com gravidade. Mas é corajosa e logo após tenta sorrir.

— Remédios, injeções, quanta droga, meu Deus!

Joga o papel de lado e abraça-se ao marido, freneticamente.

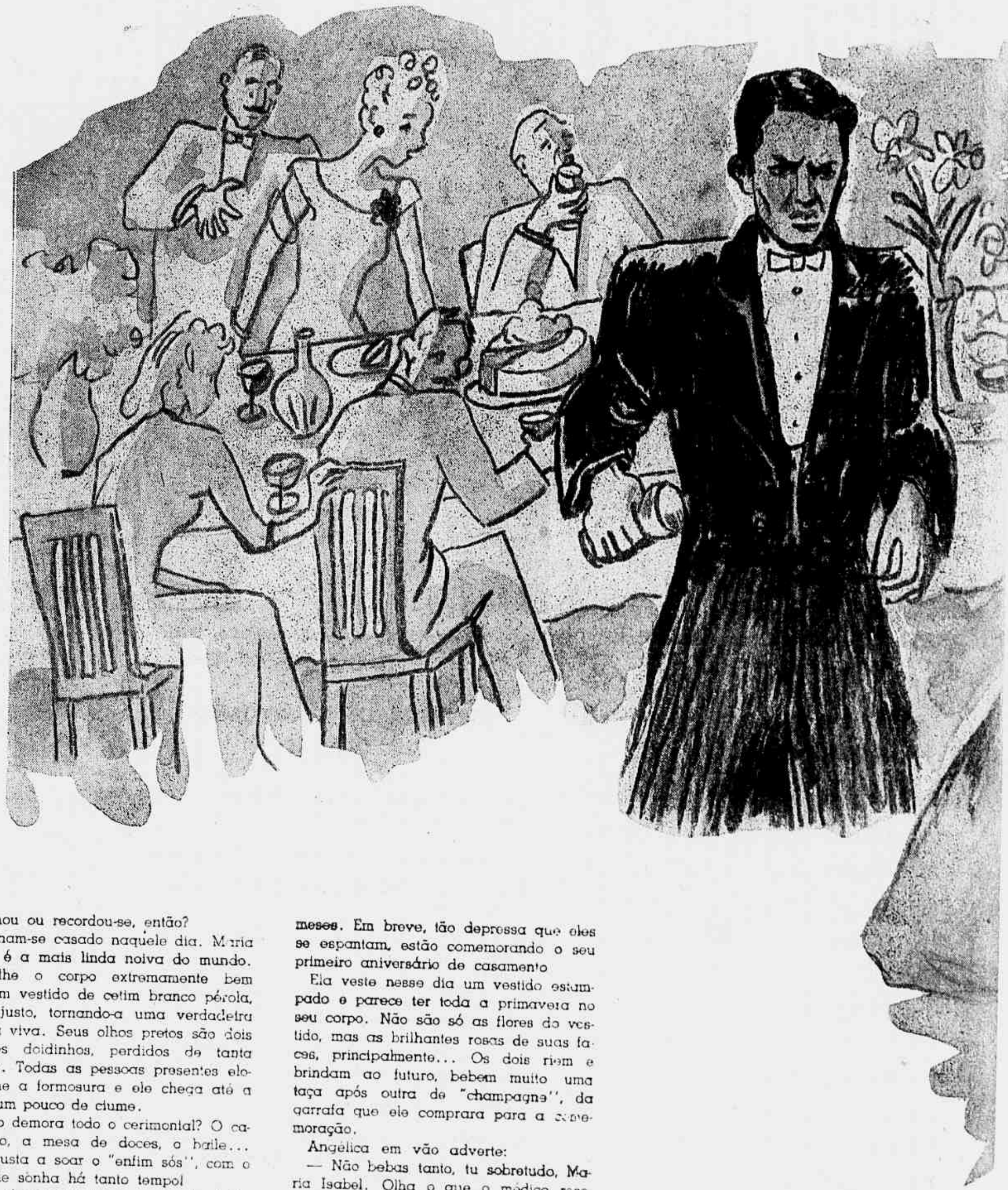
— Tu não vais me dar nenhum desses remédios, promete-me que não! Eu não os tomarei, juro-te, não os tomarei!

Ele ensaia um protesto:

— Mas, minha querida...

A esposa prossegue, sem parecer ouvi-lo:

— Tu me amas, somos felizes...



Sonhou ou recordou-se, então?

"Tinham-se casado naquele dia. Maria Isabel é a mais linda noiva do mundo. Cobri-lhe o corpo extremamente bem feito um vestido de cetim branco pérola, muito justo, tornando-a uma verdadeira estátua viva. Seus olhos pretos são dois meninos doidinhos, perdidos de tanta alegria. Todas as pessoas presentes elogiavam-lhe a formosura e ele chega até a sentir um pouco de ciúme.

Como demora todo o cerimonial? O casamento, a mesa de doces, o baile... como custa a soar o "enfim sós", com o qual ele sonha há tanto tempo!

Mas, chega afinal o momento desejado. Ele tem a noiva nos braços, inteiramente sua, longe de tudo e de todos, na posse consagrada e comovida.

Maria Isabel tão linda, Maria Isabel cada vez mais amada.

Mas, o que sucede, Virgem Santíssima? Por que expõe sua boca esse sangue de um vermelho gritante, aterrador?

Parece que o coração de Maria Isabel rompera-se, ao excesso daquele amor...

Ele toma-a nos braços, desfalecida, chama, quer que lhe acudam, que façam estancar aquela onda rubra, que lhe digam não significar nada, absoluta-

mente nada, as grandes manchas no corpete de seu vestido.

meses. Em breve, tão depressa que eles se espantam, estão comemorando o seu primeiro aniversário de casamento. Ela veste nesse dia um vestido estampado e parece ter toda a primavera no seu corpo. Não são só as flores do vestido, mas as brilhantes rosas de suas faces, principalmente... Os dois riem e brindam ao futuro, bebem muito uma taça após outra de "champagne", da garrafa que ele comprara para a comemoração.

Angélica em vão adverte:

— Não bebas tanto, tu sobretudo, Maria Isabel. Olha o que o médico recomendou...

Mas Maria Isabel não ouve. Ri, ri muito, exibindo os dentes pequeninos, de brancura cintilante. Seu riso termina num esgar de espanto, ao mesmo tempo em que sangue se mistura à bebida que ela ainda tem na boca e vem acrescentar diminutas rosas rubras às inúmeras rosas estampadas na sua veste.

Todos correm, querem acudir, embraçando-se uns aos outros, sugerindo ao mesmo tempo as mais desconcertadas providências...

Chamado afinal, o mesmo velho doutor se manifesta contrariado:

Suspira profundamente e continua:

— Mas remédios não podem misturar-se com amor. Imagina tu, meu querido, estar eu sempre rescendendo a medicamentos, todas as vezes em que me vieres abraçar ou dizer palavras de ternura...

Corta-lhe a objeção:

— Sim, eu sei, poderei morrer depressa, de uma hora para a outra, sem ninguém esperar.

Abraça-o com mais ternura:

— Mas isso não vai acontecer, meu amor, eu sei que não vai. Deus é bom.

Conto de **LOLA KNEIP DE MELO** ★

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Ilustração de **ANA ZAGORSKA**

tem pena dos que se amam. Depois embora eu morra breve, que seja eu mesma, inteiramente, enquanto viva. Mesmo ilusão, desejo que veja em mim a moça sadia e alegre que um dia despertou o teu carinho. Nada de vidros de remédios sobre as mesas, nada de injeções dolorosas que me portam de mau humor, de poções a horas certas, que interromperiam nossas horas de repouso e de amor...

Beija-o de novo, escondendo a linda cabeça em seu peito, talvez para que ele não veja as lágrimas que escorrem de seus olhos covardes, desmentindo sua calma, que é tão forte.

Maria Isabel faz dali por diante uma trama tão densa de seus carinhos, que

o marido, nela emaranhado, aos poucos quase esquece os seus temores.

E quem se lembraria de chamar deente àquela criatura que tem uma tamanha gula pela vida, que é uma menina ante todas as surpresas, que possui a fronte despreocupada e lisa, a boca carnuda, sempre a dar e a pedir beijos?

O amor transforma-se num torvelinho para os dois. O mundo deixa de existir, só é mundo para eles dentro daquela casinha, da qual Maria Isabel mesmo cuida, num ciúme sem limites de tudo que é deles, que faz parte de suas vidas.

Os dias passam-se, as horas rolam no relêdo do tempo, tumultuosas como as águas de uma cachoeira.

Naquela casa, em vez de cheiros de poções, sente-se um doce, quase doloroso perfume de amor.

Maria Isabel não é uma enferma, é uma

vaída e feliz mulher. Jamais a preocupação tolda a limpidez de seus olhos, nunca o marido nota em sua fisionomia medo ou apreensão.

Até que, naquela noite de abril eles não sabem dizer porque, mas que lhes parece mais bonita que todas as outras noites, aconchegada em seu peito, inesperadamente, ela lhe pergunta:

— Querido, dê-te sempre a felicidade desejada, sempre?

Ele sorri, apertando-a mais entre os braços:

— Decerto, meu amor. Mulher nenhuma no mundo teria feito minha existência tão cheia de alegria como tu a fizeste.

Ela pergunta então, baixinho:

— Nunca te lembraste que eu sou uma enferma, nunca?

— Ora, que tolice, Maria Isabel! Bem sabes que não. As vezes até me censuro. Não deveria ter sido assim. Quem sabe se...

Ela tapa-lhe a boca com seus dedinhos macios. Um vago, indefinível glorioso sorriso patra-lhe nos lábios. E, mais baixinho ainda, talvez para ela mesma sómente, sussurra:

— Então o resto não importa. Nada mais importa... Venci a vida, mas a vida não me venceu.

Ele interroga-a:

— O que estás aí dizendo, Maria Isabel, que eu não entendo? O que?

Maria Isabel sorri alegremente:

— Nada, tolinho. Dizia apenas que a vida é boa e bela e que eu te amo, te amo, te amo.

Pancadas violentas ouvem-se na porta da rua. Ele desperta, de sua semi-vigília ou de seu sono?, jogase sobre o corpo de Maria Isabel, abraça-a estropeadamente, enquanto seus olhos desvairados fitam a porta do quarto.

Em breve passos ressoam dentro de casa, vozes misturam-se a vozes, e entre elas distingue-se a de Angélica, exaltada e nervosa.

Ele ouve, todos os seus sentidos super-apurados, o que ela diz.

— É estranho, precisamos verificar e que há. Inutilmente tenho tentado falar-lhes. O telefone não atende. O leite fica na porta sem que ninguém vá tirá-lo. E eu sei que eles estão aqui eu sei.

Juraria que sua irmã soluça, ao acrescentar:

— O que será que lhes aconteceu, meu Deus, o que?

Ele se abraça mais e mais a Maria Isabel, inunda-a com o seu suor, transmite-lhe todo o calor e toda a angústia de seu sangue.

(Cont. na pág. 46)



VERTIGEM

TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza:

Creme, pó, rouge, água, pasta, etc.

Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século

Rua Assembléia n.º 115-1.º — Fone: 22-4685

De MULHER para MULHER sobre a MULHER

UM LIVRO REVELADOR

Para que a mulher desfrute de uma vida normal e sadia, duma felicidade completa, é preciso que mantenha o seu encanto, o seu sedução. Como conseguir, eis o objetivo do livro "Higiene Pessoal da Mulher" — onde são encontradas explicações claras, simples e detalhadas sobre tão delicado assunto. Trata-se dum manual moderno e científico, aprovado pela classe médica norteamericana, escrito pela esposa de um médico, e vivamente recomendado às mulheres que desejam preservar ou recuperar seus encantos naturais.



A VIDA ÍNTIMA DA MULHER

"Higiene Pessoal da Mulher" contém cerca de 200 páginas e mais de 40 sugestivas ilustrações. Os 14 capítulos do livro versam sobre temas de importância vital, como sejam: os órgãos femininos; as moléstias venéreas; higiene íntima; funções normais; ensinamentos e conselhos úteis sobre práticas errôneas, processos inofensivos e equipamentos mais adequados; e muitos outros temas de maior importância.

DEFRUTE A ALEGRIA DE VIVER

"Higiene Pessoal da Mulher" auxilia a mulher a conhecer-se, pois acompanha sua vida íntima desde a puberdade até o casamento e a maternidade, oferecendo respostas para todas as perguntas e angústias, para todas as circunstâncias difíceis da vida feminina. Peça um exemplar nas livrarias ou pelo reembolso postal.

Prezadas Senhoras: Queremos enviar pelo reembolso postal, um exemplar do livro

HIGIENE PESSOAL DA MULHER
PELA DRA. LEONA W. CHALMERS

Nome
E endereço
Localidade
Estado

Edição da
**LIVRARIA
DO GLOBO**
CR\$ 25,00

Agência no Rio de Janeiro
Rua Alexandre Mackenzie n. 127-B

Jóias e Relógios Preços de Atacado

Manoel Salgado Joalheiro

R. Visc. do Rio Branco, 29 - 1.º and., s/4. Tel. 22-9741



ESTRANHOS COSTUMES DO CASAMENTO E DA ARTE DE FAZER A CORTE, por William I. Fieding, tradução de Marinho de Lacerda Soares — Editora Assunção Limitada — São Paulo, 1946.

É um trabalho de investigação metódica, cerrada, detida, que abdicou ao propósito de esgotar o assunto. Não será fácil explicar por que conveniência, por que simples ou complicado motivo os termos do título foram invertidos, passando-se ao contrário do que está no original, o nome para depois do título. O título do livro pelo autor foi *Strange customs of courtship and marriage*. O que na tradução se fez, parece que bem arbitrária mente, foi pôr o cortejamento dos bois — e esta imagem, sumo, no caso, particular malícia, porque sugere a carga imposta aos dois interessados ou outro infortúnio para um deles, e não para ambos.



Nada disso, porém, prejudica o interesse do presente livro. Por ele se poderá perceber — e não haverá de certo quem, no conjunto, se talhara, e aprender alguma coisa — todos os processos e formalidades pelos quais, desde os tempos mais remotos, homem e mulher combinaram a vida, se ou a isso foram obrigados. Nem sempre, com efeito, se trata das uniões que começaram pela correspondência sentimental e pelo entendimento mais ou menos platônico, mais ou menos solene, das duas criaturas: há também os matrimônios ajustados pelas famílias à revelia dos noivos, quando estes são ainda crianças e até, raramente os sexos diferentes, antes de nascerem. E as uniões impostas que, na nossa sociedade, podem resultar de acordos ilícitos, mais ou menos "diplomáticos", para certos povos constituíram, continuam ainda tradição e lei.

O livro começa reportando-se à mais antiga significação do verbo cortejar — que os nossos antepassados de condição palaciana designavam por "decejar" — e vem pelas idades e as perícias revelando as práticas, as cerimônias, os objectos simbólicos, os sentimentos religiosos e as superstições mais ou menos extravagantes — para nós — que de algum modo com o assunto geral se relacionem. E não faltam as informações igualmente minuciosas acerca da poligamia, do concubinato e — naturalmente — do divórcio.

A FONTE INCONSTANTE — Lúcia de Alencastro Graça — Rio — 1947.

A jovem poetisa Lúcia de Alencastro Graça dá-nos, em "A Fonte Constante", pequeno volume de versos, com umas quatro dezenas de poemas de delicada sensibilidade, uma prova positiva do seu talento literário. Na verdade, trata-se de uma expressão bastante singular das nossas letras femininas, concentrando um lugar ao lado de nomes como os de Cecília Meirelles, Adalgisa Nery e outras das nossas poetisas modernas. Lúcia de Alencastro Graça tem colhido o seu material em nossos jornais e revistas literárias, criando, assim, um ambiente de vivo interesse em torno do seu livro. Como uma amostra das suas qualidades transcrevemos este breve e delicado

"POEMA"

Noite! sêde mais lenta,
que eu aprisionei uma estrela
no meu peito.
E temo que, ao despertar da aurora,
a minha prisioneira se dissipe.

Fu sei que com o sol a realidade das coisas
se mostra,
e que eu também regressarei,
à poeira da vida.

Um mormaço tremendo vai descendo
sobre as paisagens dos dias...

Quero a noite como um divã,
ou como um abraço de amante,
para me recostar.



ANTONIO TRISTE, poesias de Paulo Bonfim — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1947.

Escreveu o prefácio deste livro o Sr. Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras. Não podia o Sr. Paulo Bonfim encontrar padrinho mais prestigioso nem mais veemente. É com excepcional entusiasmo que ele se exprime, apresentando aquele a quem chama o novo poeta do novo São Paulo. Sente nos seus versos — e dominados e rimados ou por completo livres — a própria alma de metrôpole que é hoje moço, voltou, por assim dizer, à adolescência e de dia para dia se multiplica em virtudes de força e de beleza. Nesses poemas estão a grandeza e o arrojo dos edifícios modernos; as vozes, ora turbulentas, ora de pura harmonia, das fábricas que dão a impressão de outros tantos mundos — ou mundos — e grande exuberância dos jardins recém-plantados e a criação e o uso e não fossem principalmente de estas energias, os primeiros e maravilhosas irradiações da literatura. Neste dia, embe a mim mais nobres recordes de conceito e de frases, o autor de *Dança das heras* e *Encantamento* leva o autor de *Antonio Triste*. Poetas por poetas sejam louvados. Mas um objectivo brilhador da prosa pode, pelo menos, como qualquer ouvinte de discursos, dar o seu "apoiado" ou o seu "muito bem".

Em *Antonio Triste* nem tudo é melancólico. Também no cutro Antério, o Nobre, que este, no primeiro momento, forçosamente fez lenhador. Há grandes momentos de júbilo, exultação e glória... Não raro, porém, o Sr. Paulo Bonfim se lamenta e chega a declarar-se desesperado: "Sinto-me triste, muito triste, só — Sinto-me triste, como a amplidão — Dentro de mim existe, encarcerada, a dúvida cruel que de portão. Das coisas desta vida já descrente — O amor que eu espero em vão é o amor que não existe — Na quaresma sem fim da minha Vida". O Sr. Paulo Bonfim pertence ao número dos poetas que realmente sabem — e deveras o provam — fazer versos. Quando os faz contra as boas regras, as eternas, é porque assim quer. Não falta, hoje em dia, quem o considere no seu direito. Pedindo-lhe perdão se o contrariarmos nas suas preferências quanto à própria obra, reproduziremos, como das melhores páginas do livro este soneto de tão fino recorte clássico:

Notas



*Se algum dia, senhora, fui feliz
Em vos falar de amor sublimemente,
Peço desculpas pelo verbo ardente,
Peço perdão por meu amor grandioso.*

*Agora que, esquecido e despojado,
Das coisas desta vida já desistente,
Perdeai-me se recordo novamente
O amor que vos magou o gesto ciroso.*

*Perdão, se neste prito de agonia
Meu peito ainda recorda, amargurado,
O Ideal que vosso peito maldizia*

*E' que na lucidez desta loucura,
Rejoço em toda parte, fascinado,
O vosso olhar, que é luz na noite escura*

O HOMEM NOTURNO, contos de Oity Silva — Belo Horizonte, 1946.

O Sr. Oity Silva tem predileção pelos assuntos trágicos. Quase todas as histórias do presente volume incluem, como protagonistas ou personagens de relevo, indivíduos melancólicos, frenéticos, possuídos de idéias fixas, presos de febrias extremas, conduzidos pela chamada fatalidade, inimiga contra a qual nenhum redenção ou esforço pode prevalecer. A neurastenia vem a constituir nestas páginas uma espécie de leit motiv. E' ela que leva os desgraçados ao álcool, ao suicídio, ao assassinato. E' dela de fundo de sentimento os faz reprovar, ceder, ceder a si mesmos, no momento de não cometer a ignomínia ou praticar o crime. Tem que ser assim "por força". E o autor apresenta desacertos e delitos num estilo directo e impetuoso, em que certos episódios se produzem rápida e fulminantemente, como golpes de um destino implacável.

Recapitulando os motivos inspiradores destes contos, nos lembramos, por exemplo: do *Predestinado*, cujo herói, indo passar com a criatura dilecta, momentos que devia ser felizes, felicitosos, em dado momento, sem que ela dê razão nem pretexto, lhe enterra um punhal no coração; *A mulher ideal*, que apresenta um visionário ou coisa que o valha, em busca da encarnação: Lúcia que ninguém conhece de vista, nem de nome e que talvez não exista; *A gargalhada*, com um doido que rebenta, com a cabeça, uma vítima, o que dá ensejo a certo mestre filósofo para explanar teorias e dogmas do acontecimento; o *Bêbedo*, pobre rapaz condenado ao entretimento do botequim pelo remorso de haver atraído o seu chefe de repartição e seu protector, não imitando o tão citado José, diante das seducções da mulher de Putifar... Ainda outras histórias, com outros dramas impressionantes — pelo menos no momento e enquanto a inverossimilhança, depois de escapar à nossa sensibilidade, os não prejudica na nossa reflexão... Apenas duas ou três narrativas decorrem serenamente, sobre temas sem angústias nem adversidades.

Como se vê, o Sr. Oity Silva considera quase sempre a vida e as criaturas pelo lado triste ou mau. Um joven pessimista. Sim, porque, tratando-se de um livro de estréia e a julgar pelo retrato desenhado na capa do livro, em tudo aquilo deve haver uma questão de inocuidade. Só depois, com o tempo, é que a gente vai ficando optimista — à força.

RECEBEMOS:

UM ANO DE ADMINISTRAÇÃO NA NOROESTE DO BRASIL — Celebrando a passagem do 1.º aniversário da administração do Coronel Lima Figueiredo na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, amigos e auxiliares ofereceram-lhe um almôço. A saudação foi feita pelo Sr. João Maringoni que ressaltou a benéfica orientação do atual diretor da aquela estrada. Agradecendo, o Coronel Lima Figueiredo proferiu um discurso não somente mostrando o seu reconhecimento pela manifestação recebida como também oferecendo uma prestação de contas ampla a propósito de sua gestão administrativa à frente de uma das maiores e mais importantes ferrovias do Brasil. Ambos os discursos estão publicados em folheto que recebemos.

REVISTA DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS — Órgão da Academia Paraibana de Letras. — João Pessoa — Estado da Paraíba — Março, 1947. — Recebemos o primeiro exemplar da publicação supra-referida, o qual traz muitos trabalhos de real valor, de autoria dos acadêmicos. De boa feição gráfica, com alguns clichês ilustrando o valioso texto, o primeiro número da REVISTA oferece ótima impressão.

ANCHIETA. — Revista mensal, n.º 1, Janeiro, 1947. — Edição da Editora Anchieta S. A. São Paulo. E' um boletim literário que traz muitas informações.

NAÇÃO ARMADA. — Recebemos o número 82, do 8.º ano, correspondente a Fevereiro e Março de 1947. Traz artigos referentes à Segurança Nacional e problemas correlatos.

BOLETIM DA CIDADE E DO PORTO DO RECIFE. — Edição correspondente ao período Julho — Dezembro de 1945. Números 9 e 10. — Publicação da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife, Pernambuco.

BOLETIM GEOGRAFICO — Recebemos os números 35, 36, 37 e 38, correspondentes a Fevereiro, Março, Abril e Maio de 1946 do BOLETIM GEOGRAFICO do Conselho Nacional de Geografia, mensário de informações, notícias, bibliografia e legislação.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Número correspondente ao período de Outubro a Dezembro de 1945.

INSTITUTO DE ECONOMIA — Rio — 1947 — Discursos proferidos na solenidade da incorporação do Instituto de Economia pelo Sr. João Daudt d'Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro e pelo professor Luis Dodsworth Martins, director do Instituto, em 19 de Março de 1947.

SANTAL

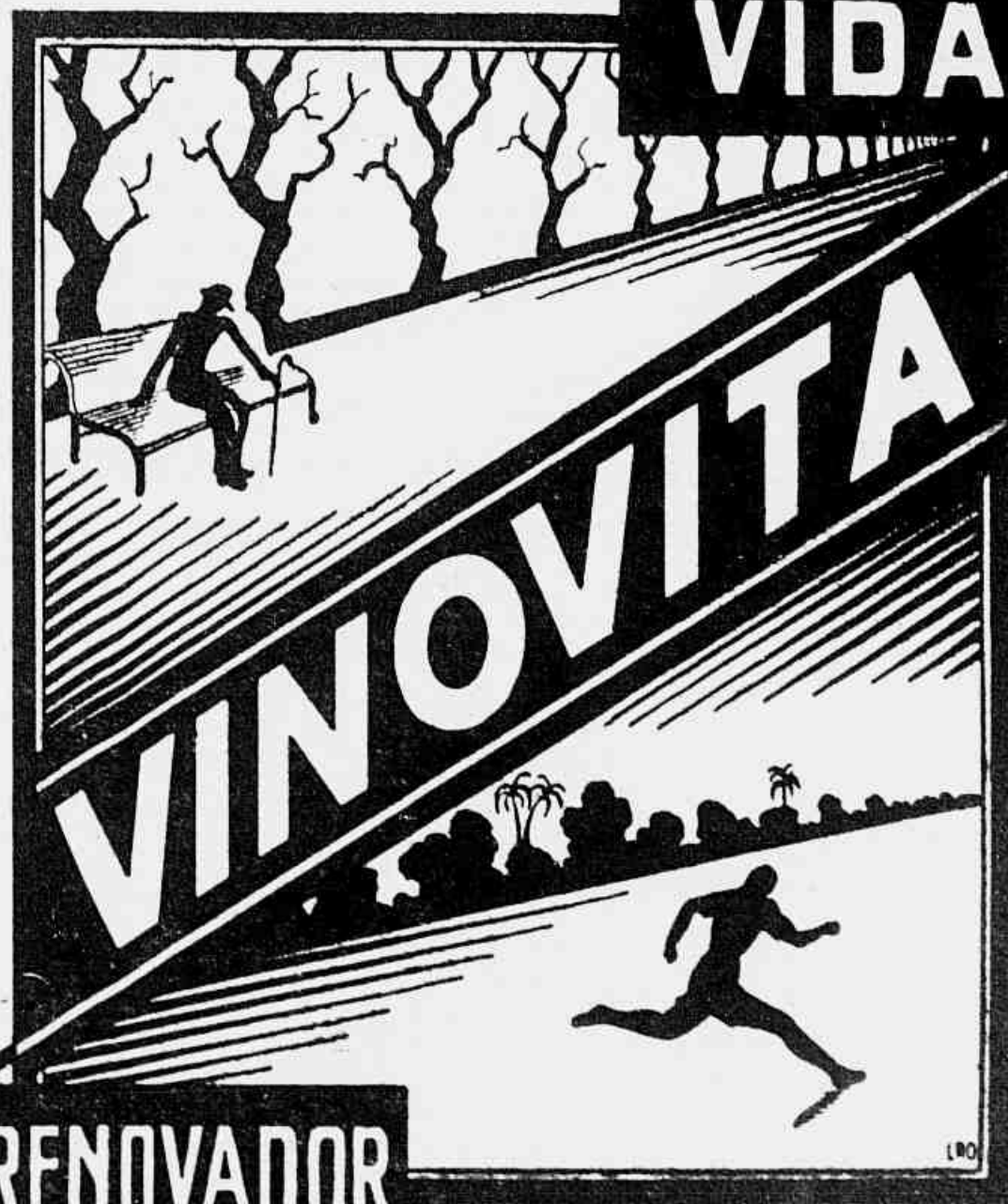
O PERFUME MISTERIOSO
DA FLORESTA



ROGER & GALLET
PARIS • RIO

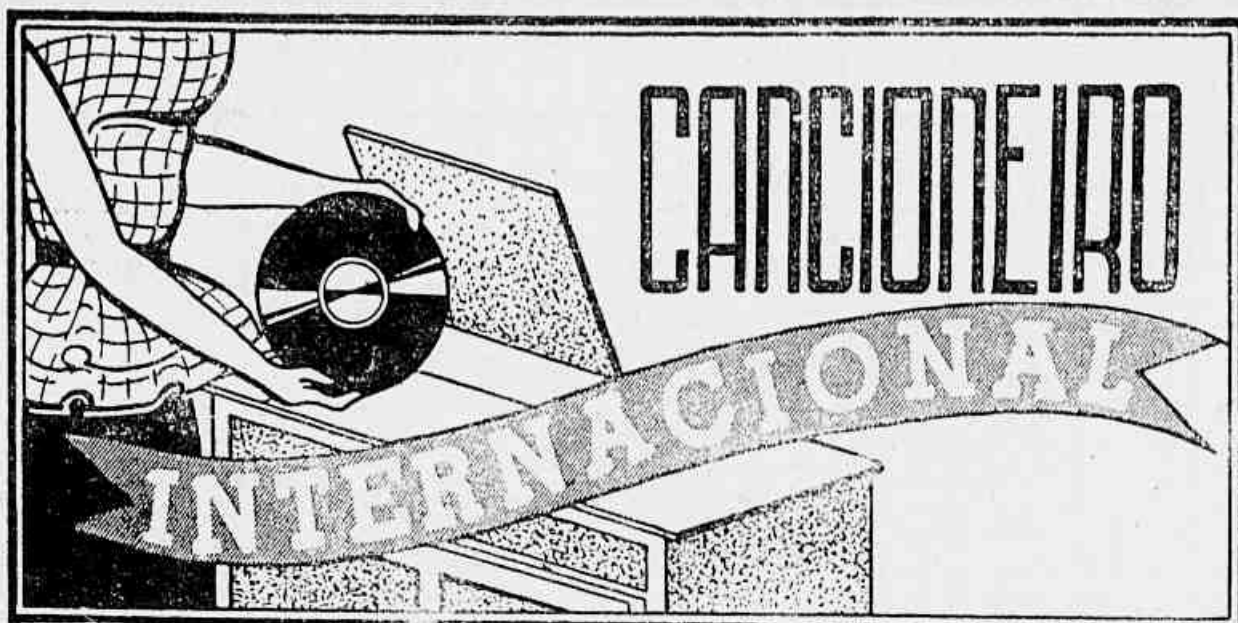
Contra o esgotamento
físico e mental!

VINHO
DA
VIDA



RENOVADOR
DAS
FORÇAS

Tônico poderoso



UMA CAMPANHA LOUVAVEL

Foi, afinal, realizado em um dos teatros desta capital, o primeiro "show", de uma série que a ABR (Associação Brasileira de Rádio) pretende levar a efeito e que se destinarão a levantar os fundos necessários à construção da Casa do Radialista, um grande empreendimento da sua atual diretoria. O espetáculo contou com a decidida cooperação dos grandes nomes do nosso firmamento radiofônico e o público e anunciantes contribuíram, também, com o seu valioso apoio à brilhante iniciativa, como bem demonstrou o animador resultado do leilão de um relógio, apregoado por Heber de Boscoli e seus companheiros do "Trem da Alegria". Dessa forma, sem onerar a economia dos seus associados e num futuro não muito distante poderão todos se beneficiarem da grande obra cujos alicerces vão pouco a pouco sendo levantados. E o acontecimento nos permite estabelecer um paralelo entre o que a ABR realiza em prol dos radialistas e o que fazem certas sociedades de autores que, à custa da economia dos seus socios, se transformaram em companhias imobiliárias, de cujos lucros e sédes suntuárias a eles não é dado o direito de participar...

F. CORRÊA DA SILVA

THEY CAN'T CONVINCE ME

Do filme da Columbia DOWN TO EARTH

Fox de Allan Roberts e Doris Fisher.

They can't convince me
That you're not a dream,
No matter how they try;
Not even when they say,
'Doesn't she walk and talk
like ordinary people do?'
I reply, "Can you deny
she's too lovely to be true?"
They can't convince me
that I might be wrong,
When I confide that you fell from
a star;
And ev'ry time I hold you in my
arms
I'm more than sure,
They can't convince me,
for a dream is what you are.

STELLA BY STARLIGHT

Fox de Ned Washington e Victor Young.

The song a robin sings,
Through years of endless springs;
The murmur of a brook at even tide,
That ripples by a nook
Where two lovers hide;
A great symphonic theme,
That's Stella by starlight;
And not a dream,
My heart and I agree;
She's ev'rything on earth to me.

NÃO VOU MAIS A' BAHIA

Samba de Marino Pinto e Mario Rossi

Não vou mais á Bahia.....)
Vocês vão ver que tenho razão....) BIS
Encontrei no Flamengo
A morena mais linda
De São Salvador.
Uma baiana faceira
Por quem eu morria de amor.

Da boa terra só ela eu queria,
Era por ela que eu ia á Bahia,
Já não vou mais conhecer o Bonfim,
Bahia não é mais Bahia pra mim.
Hoje vou mandar um telegrama
Pra São Salvador
Avisando que encontrei
Aqui mesmo no Flamengo
O meu amor.

SIN PALABRAS

Tango de Enrique Santos Discipulo e Marianito Mores

Nació, de ti...
buscando una canción que nos unie-
ra...
y hoy sé que es cruel,
brutal, quizá, el castigo que te doy!
Sin pali br s esta música va a herirte,
donde quiera que la escuche tu
trición...
(La noche más absurda... el día más
triste!)
Cuando estés riendo, o cuando llore
tu ilusión!

II

Perdóname, si es Dios,
quien quiso castigarte al fin...
Si hay llantos,
que pueden perseguir así!
Si estas notas que nacieron por tu
amor,
al final son un cilicio que abre heridas
de una historia...
Son suplicio!...
Son memoria!...
Fantoche, herido, mi dolor,
se alzaré, cada vez,
que oigas esta canción...!

I (BIS)

Nació, de ti...
mintiendo entre esperanzas un des-
tino...
Y hoy sé que es cruel,
brutal, quizá, el castigo que te doy...
Sin decirlo esta canción dirá tu
nombre;
sin decirlo con tu nombre estaré
yo...
(Los ojos casi ciegos de mi asombro,
junto al asombro de perderte y no
morir!)

SOLLOZO

Bolero de Gonzalo Curiel

Un sollozo salido del corazón
vale más que un juramento
nacido de una ilusión
nada vale palabras que al viento van
si en mis ojos puedes ver
sollozar.
Qué pides más de mí
que exiges de mi amor
si un sollozo siempre tendrás de mí?
Ay, sollozo de amor
no intentes salir
de mi corazón.
Ay, en mi soledad
escóndete en mi alma
sollozos de amor.

O SINAL

(Cont. da pág. 23)

voco, um terrível equívoco; eu o tomei por um de meus amigos, com quem o senhor se parece muito. Tenha piedade de mim, senhor."

E ei-lo que se pôe a rir, minha querida, e responde: "Pois sim, minha gatinha! Eu já conheço essa tua manobra. És casada, são dois luises em vez de um. Tu os terás. Vamos, mostra-me o caminho."

E ele me empurra; ele fecha a porta. E como eu permanecesse aterrorizada, na sua frente, ele me beija, me enlaça pela cintura e me faz entrar no salão, que ficara aberto.

E depois, pôs-se a observar tudo, como um comissário de polícia: "Hum! hum! Estás bem instaladinho, hein? Muito chique tudo isso. E' preciso que estejas mesmo no desvio agora, para ires pescar à janela!"

Então eu recomeço a suplicar-lhe: "Oh senhor! vá embora! vá embora! O meu marido vai chegar! Ele vai chegar daqui a um instante, está na sua hora! Juro-lhe que o senhor está enganado!"

E ele me responde tranquilamente: "Ora, tetéia, pára com essas manobras. Se o teu marido chegar, eu lhe darei cem sous para ir tomar alguma coisa de frente."

Avistando sobre a lareira a fotografia de Raul, ele me perguntou:

— E' este o teu... o teu marido?

— Sim, é ele.

— Parece uma boa bisca, hein? E esta, quem é? Uma das tuas amigas?

Era a tua fotografia, minha cara, tu sabes, aquela em toilette de baile. Eu não sabia mais o que dizia, eu balbuciei:

— Sim, é uma das minhas amigas.

— E' muito bonita, sabes? Tu me apresentarás a ela.

E eis que o relógio se pôe a bater cinco horas; e Raul regressa todos os dias às cinco e meia! Oh! imagina se ele voltasse antes do outro partir! Então... então... eu perdi a cabeça... eu pensei... eu pensei... que o melhor era... era... desembaraçar-me daquele homem... o mais depressa possível... Mais cedo estaria livre... tu compreendes... e então... já que era preciso... e era preciso, minha cara... sem isso ele não iria embora... eu então... eu então aferrolhei a porta do salão... Aí está!

A marquesinha de Renneodon pusera-se a rir, mas a rir loucamente, com a cabeça no travesseiro, sacudindo toda a cama.

Quando se acalmou um pouco, perguntou:

— E ele era... um belo rapaz?

— Pois como não?!

— E ainda te queixas?

— Mas, minha cara... é que ele disse que voltaria amanhã à mesma hora... e eu tenho um medo atroz... Não fazes idéia como ele é tenaz... e voluntarioso... Que fazer... dize... que fazer?

A marquesa sentou-se no leito para refletir; depois declarou bruscamente:

— Manda-o prender.

— Como? Que dizes? Em que pensas? Mandá-lo prender? Com que pretexto?

— Oh! E' muito simples. Vais procurar o comissário, e lhe dirás que um homem te vem seguindo há, três meses; que ele teve a insolência de subir à tua casa, ontem, que te ameaçou com uma nova visita para amanhã e que tu pedes a proteção da lei. Ele dará dois agentes que o prenderão.

— Mas, minha querida, e se ele contar...

— Não lhe darão crédito, minha, desde que tenhas impingido bem a tua história ao comissário. Ele te acreditará, pois és uma irrepreensível dama da alta sociedade.

— Oh! Eu nunca ousaria!

— E' preciso ousar, minha cara, senão estás perdida.

— Considera que... que ele venha a insultar-me... quando o prenderem?

— Pois bem, terás testemunhas e o farás condenar.

— Condenar a que?

— A uma indenização. Neste caso é preciso não ter piedade!

— Ah! a propósito de indenizações há uma coisa que me aborrece muito... mas muito mesmo. Ele me deixou... dois luises... sobre a lareira

— Dois luises?

— Sim.

— Nada mais?

— Não.

— E' pouco. A mim, isso me teria humilhado. E daí?

— Pois o que é que se deve fazer dêsse dinheiro?

A marquesinha hesitou alguns segundos, depois respondeu com toda a seriedade:

— Minha querida... E' preciso... é preciso fazeres um presentinho a teu marido... Nada mais justo.

O SENHOR SE CHAMA WALDIR?

(Cont. da pág. 29)

lândia. Nossos olhares fulguram! O coração bate apressado! O rosto empalidece! A causa: ELE!

Para ele nos dirigimos como se uma luz resplandecente nos atraísse! De repente, parámos para ouvir:

— Papai, quer comprar balas p'ra nós?

Eram três irmãos... um pai... e uma dona absoluta, autoritária, impertinente:

— Compre logo, Waldir! Que coisa aborrecida sair com crianças!

Ele ficou embaraçado com a nossa presença, mas não tanto que não pudesse naturalmente

é que
nhã à
no um
idéia
lunta-
ize...
o leito
clarou
m que
nder?
Vais
he di-
m se-
ne ele
à tua
eçou
ama-
teção
gentes
e se
toli-
pingi-
omis-
ois és
da al-
a!
na ca-
e ele
uando
emu-
Neste
dade!
deni-
e me
muito
dois
o me
deve
guns
com
pre-
um
lo...
DIR?
(9)
algu-
ado!
ausa:
como
nos
imos
palas
um
au-
Que
rian-
m a
anto
ente

cumprimentar-nos com polidez.
Isolda depois de muito tem-
po quebrou o silêncio:

— Crêdo! Como é possível?

Isso foi ontem. No momento
controlei com superioridade o
meu desapontamento para sa-
borear melhor a desilusão de
Isolda, que sofreu mais do que
eu. Mas, se algum de vocês é
Waldir e lê esse conto, pode fi-
car certo que por causa do seu
"vará" estou perdendo esta noi-
te de sono e os leitores quinze
minutos de tempo precioso, que
poderia ser melhor empregado!

— Ah! mas se me aparece ou-
tro Waldir!...

A vida de Kublai...

(Cont. da pág. 46)

pagãos quando estes a ridicularizarem
diante de meus súditos?"

Gostou da sublime pintura de Jesus
que lhe fizeram os Polo, mas ficou um
tanto espantado de que "tão alta perso-
nalidade se tivesse deixado crucificar".
Um grande câ, insistia ele, nunca faria
tal sacrifício. Podia admirar a tremen-
da influência que Jesus exercia sobre as
massas da Europa ocidental; mas era-
lhe impossível compreender que Cristo
houvesse conquistado essa influência por
meio da humildade, e não mediante o
emprego da força.

O que o interessou ainda mais que a
história de Jesus, foi a história do Papa.
Aquele sim, ele podia compreender — a
idéia dum príncipe nobre, rico, alivo e
poderoso como ele próprio. Pediu aos
Polo que voltassem à Europa e de lá lhe
trouxessem uma comissão de quinhentos
bons cristãos, enviados pelo Papa, para
defenderem a causa do cristianismo
à maneira dos advogados.

Segundo as instruções de Kublai Khan
os dois irmãos regressaram à Europa,
dando trouxeram consigo, não os qua-
rinhentos sábios, mas dois dominicanos e
o filho de Mateus, Marco Polo. Esse ju-
vem e simpático mercador de Veneza
logo se insinuou nas boas graças do
grande câ — não, porém, pela sua fé
cristã, mas pelo seu espírito e pela ca-
pacidade de beber vinho. Marco ficou
ante e cinco anos como hóspede de Ku-
blai Khan, alcançando, durante esse pe-
ríodo, posições elevadas nos conselhos
de Estado; tornou-se um dos governado-
res provinciais de Kublai e perseverou no
seu apelo aos princípios cristãos, sem
conseguir impô-los ao câ.

Porque o poderoso monarca vivia en-
sobrebecido com a sua vangloriosa pom-
pa. O palácio de Pequim era rodeado
por um muro de dezesseis milhas de cir-
cunferência. A sala de banquetes, bas-
tante vasta para conter seis mil convi-
dados cintilava com as suas tapeçarias
vermelhas e verdes, e os ornamentos de
arso-prato, ouro e prata. Havia jardins
e fontes, rios e regatos; havia lagoas para
as pescarias do imperador e florestas an-
tigas para as suas caçadas. Estradas po-
vilmentadas, a dois côvados acima do
solo, atravessavam a propriedade; a clui-
va escorria pelos lados e deixava as
estradas sempre secas. No centro da
propriedade estava uma colina artificial
em forma de cúpula, toda alombrada de
verde:

Luxuosa abóbada aí havia,
Onde o sagrado Alfé corria
Entre cavernas, sem repouso,
A um mar oculto e tenebroso.

O reinado de Kublai foi, talvez, o mais
deslumbrante de toda a história. Quando
se sentava à mesa, os criados metiam
guardanapos de seda na boca para não
contaminarem os pratos com o hálito.
Quando ele levava aos lábios a taça
de vinho, um grupo de músicos tocavam
uma alegre melodia e todos os presentes,
usualmente em número de oito a dez mil,
dobravam os joelhos em humilde reve-

rência. Esse complicado ceremonial se
repetia todos os dias, durante o seu rei-
nado, com a pontualidade dum serviço
religioso. No dia do Ano Novo, o câ se
mostrava aos súditos no meio de um
ruído de elefantes brancos. Recomen-
sava os feitos militares de seus capitães
com pedras preciosas de ouro. Os mi-
nistros do Estado levavam à sua mesa
entadas em cadeiras de prata. E uma
vez por ano dava dinheiro aos pobres
— não por qualquer senso de obrigação,
mas antes como uma dívida celeste.
Pois ele só considerava um Deus — e
que seria dum Deus se perdesse o seu
súditos e súditos. E assim, distribuía
as suas graças e administrava a sua
justiça com uma calma e terna benevo-
lência.

Na administração da justiça era ele o
mais alto tribunal de apelação, tanto na
terra como no céu. Os súditos não só
respeitavam o temer neste mundo,
mas eram ensinados a esperar a renova-
ção das mesmas relações entre o céu e
a terra no mundo do além-túmulo. Jul-
gavam que o governo de Kublai Khan
era eterno e que a sua magnificência de-
via durar mais que o próprio mundo.

III

Entretanto, essa magnificência toda não
lhe custava um vintém de metal precio-
so. Mantinha toda que adanava, não com
ouro, mas com uma moeda feita de casca
de amêijoara e estampada com o selo
real. Essa moeda, que não tinha ne-
nhuma garantia do Tesouro e era em-
tido ilimitadamente, circulava com tan-
ta facilidade e autoridade como se fos-
se ouro puro. Não havia por que preo-
cupar-se com os efeitos da inflação sobre
o povo, já que este estava abaixo de
qualquer consideração econômica. O im-
perador era o Kublai Khan — o câ
povo absolutamente, os súditos do
Estado, os súditos do mundo — pu-
deram pagar as suas dívidas e acumu-
lar riquezas e fazer sem dispendio para
si próprios. Os moradores eram com-
pulsados a entregar-lhe o ouro, a prata, as
fazendas produtivas, as lãs, os produtos
alimentícios, as especiarias, os vinhos —
tudo em troca de miseráveis tiras de cas-
ca de amêijoara. Muito mais, conta Ma-
rco Polo, Kublai Khan "adquiriu mais ri-
quezas do que qualquer outro monarca do
mundo".

Estima-se que em dez ou quinze anos
com os seus métodos de economia totalitária
e a nação inteira com todo o sistema de
servidão absoluta. E' duvidoso que este
sistema mudasse nos pontos essenciais de
sua estrutura durante os últimos cinquenta anos. Na
época atual, porém, os ditadores de hoje arrebancam os seus
povos em sérias falanges desertando-
lhes o zelo de cidadãos. O Grande Câ
não pregava cruzadas de esperte algu-
ma. Não eram necessários slogans de
novas ideologias para mascarar-lhe os
interesses egoístas. Bastava ter nascido
de uma família de conquistadores, que
tinham por algum tempo dominado pela
fôrça. O povo, atolado pelo tráfego
religioso e levado, por uma fascinação
hipnótica, a agir implicitamente num
estado que acreditava implicitamente em
si mesmo, estava pronto a seguir, a
aparecer para ele, e a morrer por ele
como rezes passivas e submissas.

IV

Nos últimos anos de sua vida, Kublai
lançou milhares cobrigosos à ilha de Chi-
pang, que hoje tem o nome de Japão.
Desejava anexar aos seus domínios
aquela ilha de homenzinhos amarelos.
Com esse fim enviou dois generais de
sua confiança acompanhados de mil
soldados numa visita ao imperador ja-
ponês. Esses embaixadores militares par-
tiram em dois navios. Quando navega-
vam no mar desconhecido, alcançaram
uma bonança que os lançou contra os
recifes. Uns polacos conseguiram salva-
se nadando até uma praia arenosa, mas
o resto se esboçou, e com eles as suas
perversas intenções de invasão não pro-
voadas.

As notícias da expedição e do seu
malogro chegaram aos ouvidos do impe-

Nem se pergunta*



só uso Kolynos!
diz
Lynne Roberts

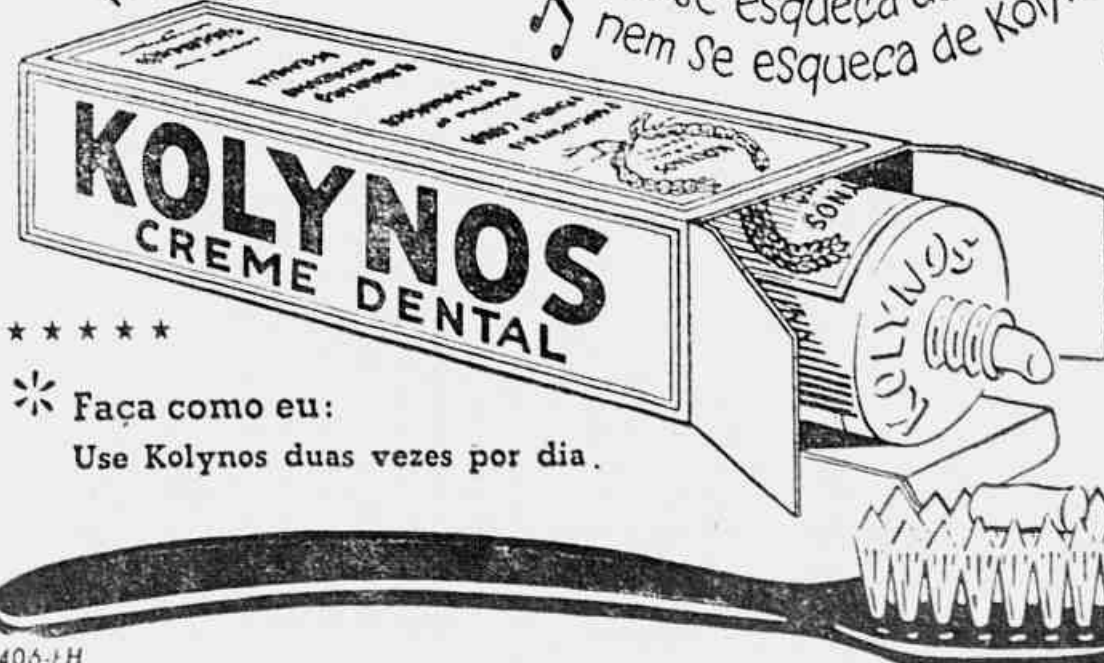
famosa estrela da Republic Productions, que aparece em "THAT'S MY GAL"

Por que? Porque como mulher conhece o valor de
um famoso sorriso, e porque sabe que para ter
dentes limpos e brilhantes, para ter uma boca
fragrante e fresca, basta usar um centímetro de
Kolynos sobre a escova seca. As mais belas atrizes
de Hollywood estão de acordo em que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

K-406-1H

McCann

PRÍNCIPE DE GALLES

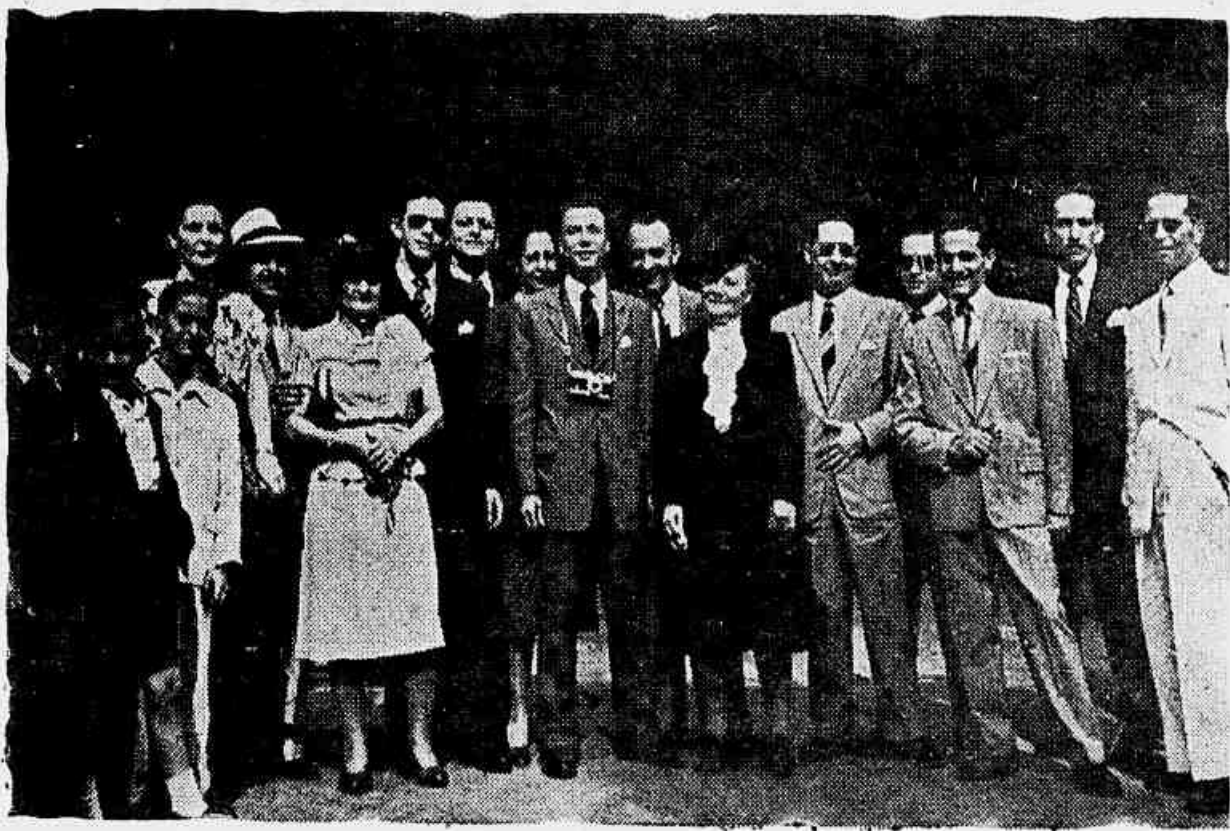
QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL



Flagrante colhido na festa Junina promovida pelos moradores da Rua Marinho, no dia de São Pedro.



Pelo Transatlântico "Argentina", regressou recentemente da Europa o Sr. Maurício de Sousa, Vice-Presidente da Japercia S/A e Vice-Presidente da Associação Brasileira de Propaganda. Durante o tempo em que esteve na Suíça, o conceituado e dinâmico homem de negócios visitou as fábricas Longines, Mido, Norma e Oris, representadas no Brasil por Japercia S/A.

Na gravura acima aparece o Sr. Maurício de Sousa (o de máquina fotográfica) cercado por parentes, representantes da imprensa e agências de propaganda, e amigos que o foram receber e levar-lhe votos de boas vindas, aos quais juntamos os da "Revista da Semana".

Contra dores

ASPIRINA

O remédio da confiança

rador do Japão, que decidiu pôr termo às aflições dos sobreviventes. Um exército sob sua bandeira embarcou em vários navios e zarpoou para a ilha dos refugiados — uma frota magnífica que levava uma missão de "assassinio humanitário". Mas os naufragos chineses não estavam dispostos a se deixar matar. Quando viram aproximar-se a esquadra, retiraram-se para trás duma barreira de rochedos e lá se aglomeraram, contendo a respiração. As tropas desembarcaram e marcharam para o interior da ilha, em busca das vítimas. Mas tinham cometido um descuido: esqueceram-se de deixar uma guarda nos navios. Percebendo-o, os ardilosos fugitivos chineses desceram à praia por um caminho secreto, subiram a bordo das embarcações e fizeram-se de vela para a ilha do Japão, onde — assim reza a história — não tinha ficado nenhum exército para defender o monarca. Tomaram posse da capital, içaram a bandeira chinesa e entregaram-se ao gozo das riquezas e honrarias do imperador de Chipango. Como os companheiros de Ulisses na terra dos lotófagos, os aventureiros chineses tinham esquecido completamente a pátria, o Cã, as suas famílias, e a inconstância da fortuna. A súbita transição de marinheiros naufragos a dominadores sutis, a cabeça. Na pressa de escaparem da ilha tinham eles deixado atrás um navio. Os soldados japoneses enfurecidos, subiram a bordo deste e apressaram-se a voltar ao Japão. Os homens de Kublai foram rudemente despertados dos seus sonhos pelo clangor das trombetas. Ficaram despertados apenas o tempo necessário para serem adormecidos para sempre. Um só homem foi poupado; enviaram-no de volta à China, afim de comunicar a notícia do revés a Kublai Khan.

Foi um grande desgosto para este — não pelo fato de um milhar de famílias se verem privadas de seus chefes, mas porque um simples mortal ousara desafiá-lo o Cã Onipotente. Até então, nada havia contrariado os caprichos do velho Kublai. E agora, por fim, aparecia um rival à sua altura. Onde os próprios deuses tinham cedido, o imperador japonês se mantivera firme.

Kublai, entretanto, não tentou nova expedição contra Chipango. Havia uma boa dose de estúcia naquela sua velha e imponente cabeça.

Morreu aos oitenta e dois anos, farto de mulheres, prazeres e pompas. As atenções e as honras, que os seus vassallos com tanta prodigalidade faziam chover sobre ele, foram incapazes de conservá-lo, conforme esperara, em perpétua primavera. Essa tarefa cabe a uma chuva mais modesta, e destinada a conservar o viço unicamente às ervas e flores que Kublai calcava aos pés com a soberba dum deus.

E agora, enquanto jazia em grande pompa, com tanta dignidade e préstimo como uma boneca de cera, um rubor lhe iria de-certo perturbar nas faces a paz da morte se ele pudesse prever o futuro caído — se visse a sua arrogante família, depois de brevíssimo espaço de tempo, expulsa da China tão rude e subitamente como já entrara; e o reino, libertado, uma vez mais governado pelos próprios chineses, à sua maneira modesta e sossegada; e as conquistas e a glória dos Cãs reduzidas a um capítulo breve, insignificante, quase esquecido, na história do povo mais antigo, e, a muitos respeito, mais sábio do mundo.

V

As cem esposas de Kublai foram enterradas vivas com ele, de acordo com os costumes mongóis de então. E quando os acompanhantes do cortejo fúnebre, conduzindo o corpo do imperador à sua última morada, encontravam qualquer dos seus súditos no caminho, puxavam da espada e matavam-no, exclamando: — Vai servir ao teu senhor no céu. Ele precisa de ti lá!

E' pouco provável, contudo, que Kublai necessite de escravos no céu. Mas com toda a certeza os escravos, no céu, não precisam de Kublai Khan.

(Do livro "Vidas de Estadistas famosos").

Vertigem

(Cont. da pág. 49)

Presente que os passos param do lado de fora do quarto. Há um vago murmúrio e em seguida forçam a porta bruta. Ela cede, soltando lascas de sua fina e branda madeira.

Angélica, dois vizinhos, seu tio Anibal, até a velha Niobe, a cozinheira estão agora no limiar, olhando-os com espanto. Angélica adianta-se, mostra no rosto um inenarrável horror, aproximando-se do leito onde estão os dois, ainda como recém-casados, e fica a repetir como um idiota:

— Maria Isabel morreu... Maria Isabel morreu...

O homem então se ergue um pouco, fita uns olhos atônitos e incrédulos no rosto da esposa, tenta falar, mas da sua garganta saem apenas roucos murmúrios...

Volta-se para os presentes, olha-os um a um como se não os reconhecesse, como se não pudesse explicar o motivo de sua presença ali, fita de novo Maria Isabel e aos poucos uma ruga profunda vai-se cavando entre seus olhos e os músculos de seu rosto como que se vão relaxando, a boca pendendo muda e aberta como a de um imbecil.

Só então parece compreender.

Como um doido, agarra-se de novo a Maria Isabel, chorando um pranto convulso, um pranto que os sacode de alto a baixo, fazendo com que pareça vivo o próprio corpo da morta, que estremece com os seus estremecimentos e tem nas mãos mortas o mesmo pranto, como se chorasse com ele a mesma dor.

A bola de sebo

(Cont. do número anterior)

POIS vejam: ela tem acolhido todos que a procuram em Ruen, até mesmo cocheiros! Sim, senhora, até o cocheiro da prefeitura. Eu bem sei... que ele compra o seu vinho lá em casa. E hoje, que se trata de nos livrar de embarco. Faz luxo, essa suja. No meu entender, julgo que esse oficial portou-se como devia. Ele está, sem dúvida, desde longo tempo privado... e nós três seríamos naturalmente preferidas. Mas não, ele se contenta com a que é de todo o mundo. Respeita as mulheres casadas. Lembrem-se de que ele é o senhor. Não tinha mais do que dizer: — "Eu quero", e podia nos tomar à força com os seus soldados".

As duas mulheres sentiram um ligeiro fremito. Os olhos da linda senhora Carré-Lamadon brilharam e ela empalideceu levemente, como se já se sentisse arrebatada à força pelo oficial.

Os homens, que discutiam a um canto, aproximaram-se. Loiseau, furibundo, queria entregar "essa miserável", de pés e mãos atados ao inimigo. Mas o conde, descendente de três gerações de embaixadores e dotado de um porte de diplomata, opinava pela astúcia: — "E' preciso convencê-la" — disse.

Conspiraram.

As mulheres se uniram, abaixaram o tom de voz, e a discussão generalizou-se, dando cada um a sua opinião. Esse entendimento era muito conveniente. As senhoras, principalmente, en-

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

contravam maneiras delicadas, expressões sutis e encantadoras, para dizer as coisas mais escabrosas. Um estranho ao meio nada compreenderia, tanto eram

observadas as precauções de linguagem.

A leve camada de pudor que recobre as mulheres é superficial e por isso elas, envolvendo-se nessa aventura obscena, no íntimo deliciavam-se loucamente, sentindo-se no seu elemento, preparando o amor com a sensualidade de um cozinheiro comilão que prepara a refeição de outro.

A jovialidade brotava espontaneamente, tão engraçada se tornou por fim a história. O conde lançava gracejos um tanto atrevidos, mas ditos com tal arte que faziam sorrir. E por sua vez Loiseau deixava escapar chacotas mais ríspidas, com as quais aliás ninguém se melindrava; e o pensamento brutalmente expresso por sua mulher, dominava todos os espíritos: "Pois sen-

do do seu ofício, porque recusa outros?" A gentil senhora Carré-Lamadon parecia mesmo pensar que, no lugar dela, recusaria a quêle menos que um outro.

Prepararam longamente o assédio, como para atacar uma fortaleza. Cada um deles estudou as medidas que lhe convinha empregar, os argumentos em que se apoiaria, as manobras que deveria executar. Regularam o plano de ataque, os ardis a empregar e as surpresas do assalto, para forçar essa cidadela viva a receber o inimigo na praça.

Cornudet, entretanto, conservava-se à parte, completamente estranho ao assunto.

Uma atenção tão profunda preocupava os espíritos, que ninguém notou a chegada de Bola de Sebo. Mas o conde as-

soprou um rápido "chiton!", que fez levantar todos os olhares. Ela estava lá. Todos se calaram de subito e um certo embaraço impediu que lhe dirigissem a palavra nos primeiros momentos. Depois a condessa, mais habil do que os outros nas simulações palacianas, interrogou-a: — "Foi interessante, êsse batismo?"

A gorda mulher, ainda enterrecida, descreveu tudo: as pessoas, as atitudes e mesmo o aspecto da igreja. E acrescentou: — "E' tão bom rezar, às vezes!"

Até à hora do almoço, as senhoras se contentaram em ser amáveis com ela, para aumentar-lhe a confiança e a docilidade aos conselhos.

E, à mesa, logo se iniciaram os primeiros passos. Conversou-se primeiro generalizadamente sobre a dedicação e o sacrifício.



FEMININAS

MARQUESA DE FRUTAS

Conteúdo de 200 gramas de açúcar; 500 gramas de creme de leite; sorvete de qualquer fruta; frutas do sorvete empregado.

Preparação: Faz-se um sorvete de qualquer fruta e deixa-se ficar à parte. No momento de servir, junta-se-lhe o creme de leite batido com o açúcar. Mistura-se tudo, bate-se rapidamente, põe-se um pouco de cada taça e quarenta e sete com frutas da mesma qualidade do sorvete, cortadas em pedacinhos e passadas em açúcar.

CREMES GELADOS

CREME DE CHOCOLATE

Conteúdo: 4 colheres, das de sopa de açúcar; 2 colheres, das de sopa, de chocolate em pó; 1/2 litro de leite; 3 folhas de gelatina branca; 3 ovos.

Preparação: Põem-se as gemas em uma cagarela, adicionando-se-lhes o açúcar e quatro colheres das de sopa de leite; mexe-se tudo e leva-se ao fogo para engrossar. À parte, mistura-se o chocolate com o leite e junta-se ao creme. Toma-se outra cagarela, põe-se a gelatina com um pouco de água quente e leva-se ao fogo para derreter.

Em seguida, passa-se por um guardanapo e reune-se também ao creme. Mistura-se tudo muito bem, deixa-se esfriar, acrescentam-se as claras em neve, despeja-se em uma fôrma e leva-se à geladeira.

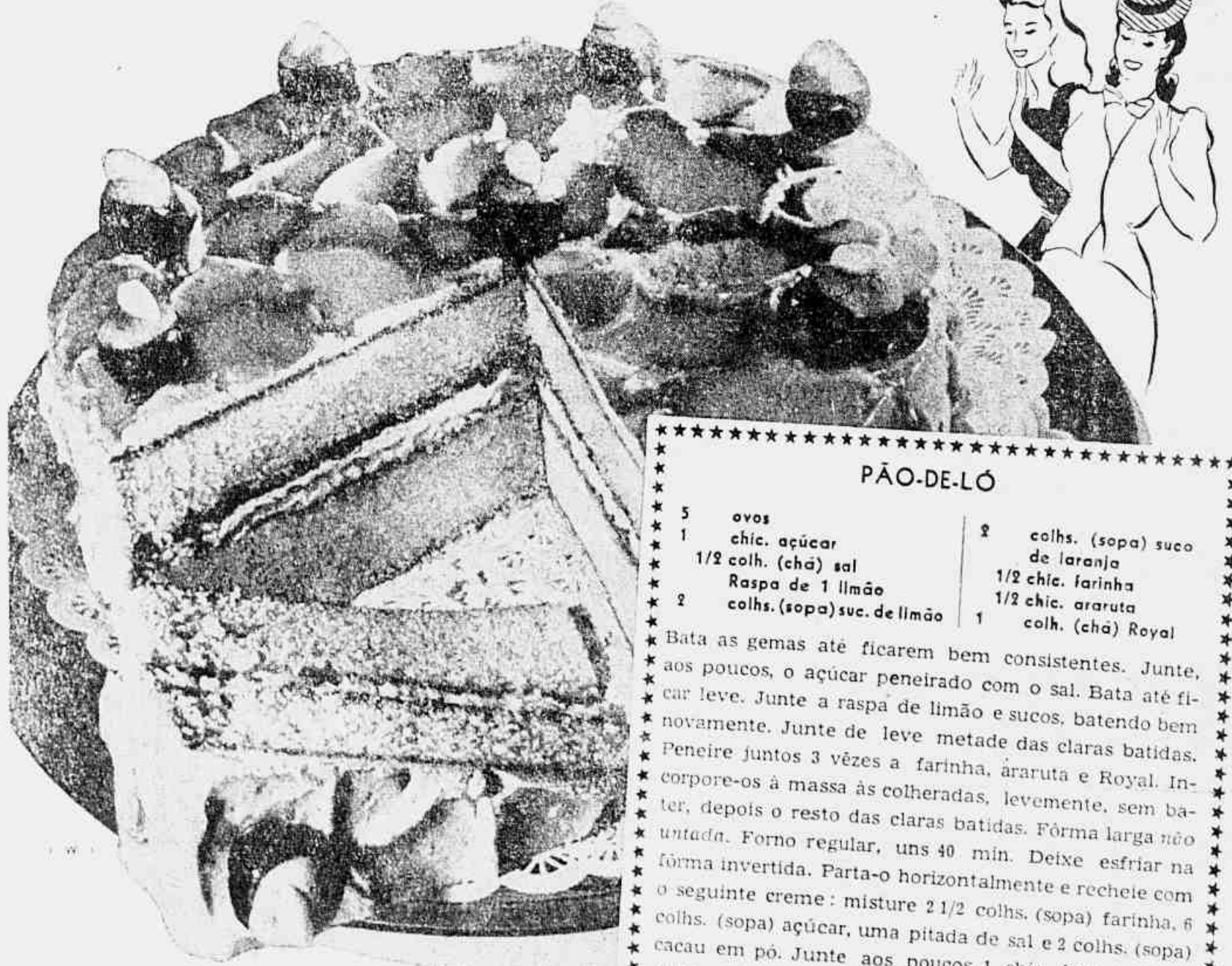
CREME DE ABACATE

Conteúdo: 250 gramas de açúcar; 3 abacates de tamanho regular; 1 limão.

Preparação: Tira-se a polpa dos abacates e passa-se em uma peneira. Em seguida, juntam-se-lhes o açúcar e o caldo do limão, batendo-se continuamente. Depois de bem batido, despeja-se em uma vasilha, põe-se na geladeira e serve-se em taças.

Faça Bolos!!!

...e conquiste a admiração dos seus convidados!



PÃO-DE-LÓ

- | | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| 5 ovos | 2 colhs. (sopa) suco de laranja |
| 1 chic. açúcar | 1/2 chic. farinha |
| 1/2 colh. (chá) sal | 1/2 chic. araruta |
| Raspa de 1 limão | 1 colh. (chá) Royal |
| 2 colhs. (sopa) suc. de limão | |
- Bata as gemas até ficarem bem consistentes. Junte, aos poucos, o açúcar peneirado com o sal. Bata até ficar leve. Junte a raspa de limão e sucos, batendo bem novamente. Junte de leve metade das claras batidas. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta e Royal. Incorpore-os à massa às colheradas, levemente, sem bater, depois o resto das claras batidas. Fôrma larga não untada. Forno regular, uns 40 min. Deixe esfriar na fôrma invertida. Parta-o horizontalmente e recheie com o seguinte creme: misture 2 1/2 colhs. (sopa) farinha, 6 colhs. (sopa) açúcar, uma pitada de sal e 2 colhs. (sopa) cacau em pó. Junte aos poucos 1 chic. leite quente, misturando bem. Leve ao banho-maria. Mexendo sempre, depois de ficar consistente, cozinhe mais 15 min. Esfrie um pouco deste creme e junte-o a um ovo batido. Adicione-o ao creme na panela e cozinhe só 2 min. mais, mexendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) baunilha.

Um bonito bolo é irresistível... Cativa até mesmo o mais "difícil" dos convidados... E faz com que, unânime, suas visitas elogiem as suas aptidões... É evidente! Vale a pena fazer bolos! Só resta saber quando a senhora gostaria de começar. Para isso, lembre-se de que não é preciso somente escolher as grandes datas. Todo o momento é propício para despertar a admiração de suas visitas... E, naturalmente, para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PROD. DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva imediatamente para: Caixa Postal 3215 — Rio de Janeiro.



MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 205 - Fone: 23-1111

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

NUTROGENOL
GRANADO

ELIXIR
GRANULADO
GOTAS

Tônico dos nervos
Tônico do cérebro
Reconstituente

Citaram-se exemplos: Judith e Holofernes, depois, sem nenhum proposito, Lucrecia com Sextus; Cleopatra, fazendo passar por seu leito todos os generais inimigos e reduzindo-os á servilidade de escravos. Desenrolou-se depois uma história fantástica, brotada da imaginação desses milionários ignorantes, e na qual as cidadãs de Roma iam dormir em Capua, com Anibal, entre os seus braços, e com os seus lugares-tenentes, e com toda a falange de mercenários. Citaram-se todas as mulheres que têm cativado os conquistadores, que têm feito do seu corpo um campo de batalha, um elemento de domínio, uma arma, e que, com a força de suas carícias heroicas, têm vencido seres horrendos e detestados e sacrificado a sua castidade á vingança e á dedicação.

Falou-se mesmo em termos velados dessa inglesa de família importante, que se fizera inoclar de uma molestia horrível e contagiosa para transmiti-la a Bonaparte, milagrosamente salvo por uma fraqueza subita no momento da entrevista fatal.

E tudo isso era contado de uma maneira conveniente e moderada, surgindo por vezes um entusiasmo próprio a excitar a emulação.

E por fim concluia-se que a única função da mulher, na face da terra, era um perpetuo sacrificio de sua personalidade, um continuo abandono aos caprichos da soldadesca.

As duas irmãs de caridade pareciam nada ouvir, perdidas em pensamentos profundos. Bola de Sebo nada dizia.

Durante toda a tarde, deixaram-na refletir. Mas, em lugar de chamá-la "senhora", como até ali, diziam-lhe simplesmente "senhorita", sem que ninguém o soubesse por que, como se se quisesse fazê-la descer um degrau na estima que conquistara, fazê-la sentir a sua situação vergonhosa.

No momento em que se servia a sopa, o senhor Follenvie reapareceu, repetindo a frase da véspera: — "O oficial prussiano manda perguntar á senhorita Elisabeth Rousset se ainda não mudou de opinião".

Bola de Sebo respondeu secamente: — "Não, senhor".

Mas ao jantar a conspiração enfraqueceu. Loiseau pronunciou três frases infelizes. Cada um deles procurava ansiosamente descobrir exemplos novos, mas nada encontravam. A certa altura, a condessa, talvez sem espírito preconcebido, sentindo uma vaga necessidade de render homenagem á religião, interrogou a mais idosa das irmãs de caridade sobre os grandes feitos da vida dos santos. Ora, muitos destes haviam praticado atos que a nossos olhos pareciam crimes; mas a igreja absolve sem esforço esses pecados, quando cometidos para a gloria de Deus ou para o bem do próximo. Era um argumento poderoso e a con-

dessa o aproveitou. E então, ou fôsse por um tacito entendimento ou por um velado acôrdo, no que são perspicazes os que vestem um hábito eclesiástico, ou fôsse simplesmente pelo efeito de uma feliz incompreensão, de uma ingenuidade, a velha religiosa trouxe á conspiração um formidável apóio. Todos a supunham tímida e ela mostrou-se ousada, verbosa, violenta. Não se perdia nos emaranhados da casuística; sua doutrina parecia uma barra de ferro; sua fé nunca hesitava; sua consciência não tinha escrúpulos. Achava muito natural o sacrificio de Abrão e por sua vez teria prontamente matado seu pai e sua mãe se uma ordem viesse do alto; e, segundo o seu parecer, nenhum ato podia desagradar ao Senhor, desde que a sua intenção fôsse louvável. A condessa, aproveitando a autoridade sagrada dessa cumplice inesperada, fê-la expôr uma parafrase edificante desse axioma de moral: "O fim justifica os meios". E interrogou-a:

— "Então, minha irmã, achais que Deus aceita todos os meios e perdôa a ação quando o motivo é puro?"

— "Quem poderá duvidar, minha senhora? Uma ação repressível em si, torna-se de comum meritoria pelo pensamento que a inspira.

E assim continuaram elas, deslindando as vontades de Deus, prevendo as suas decisões, fazendo-o interessar-se por coisas que, em verdade, quase não o interessavam. Tudo aquilo era velado, habil, discreto. Mas cada palavra gritada pela santa mulher, rompia uma brecha na resistência indigna da corteza. Depois a conversação desviou-se um pouco e a mulher dos rosários pendentes falou das casas de sua Ordem, de sua superiora, de si mesma e de sua pequena companheira, a querida irmã Santa-Nicéfora. Haviam-nas chamado ao Havre para cuidarem, nos hospitais, de algumas centenas de soldados atacados de bexiga. descreveu esses miseráveis e as suas molestias. E enquanto elas permaneciam presas no caminho pelo capricho desse prussiano, morria um grande número de franceses, que possivelmente teriam podido salvar. Era, aliás, a especialidade delas tratar de militares; já tinham estado na Criméa, na Itália, na Austria; e, descrevendo suas campanhas, ela subitamente se revelou uma dessas religiosas de tambor e de trombeta, que parecem feitas para percorrer os campos, apanhar feridos no remoinho das batalhas e, melhor do que um chefe, domar com uma palavra os soldados indisciplinados; uma verdadeira irmã de caridade "rata-plan", cuja face estragada, repleta de furinhos inumeráveis, parecia a imagem das devastações da guerra.

Ninguém mais falou depois

dela, tanto o efeito de suas palavras pareceu excelente.

E logo que a refeição terminou, subiram todos depressa para os seus quartos e só desceram na manhã do dia seguinte, um pouco tarde.

O almoço decorreu tranquilo. Daya-se á semente semeada na véspera o tempo necessário para germinar e produzir os frutos.

A condessa propôs um passeio para a tarde; quando saíram, o conde, como ficara combinado, tomou o braço de Bola de Sebo e com ela ficou um pouco atrás. Falou-lhe num tom familiar, paternal, um tanto desdenhoso, que os homens importantes empregam ao falar com as mulheres. Chamava-a "minha cara menina", tratando-a do alto de sua posição social, de sua honorabilidade indiscutível. E entrou prontamente no âmago da questão:

— "Preferis, pois, deixar-nos permanecer aqui, expostos como vós mesma a todas as violências resultantes de um ataque das tropas prussianas, em lugar de consentir em uma dessas condendências tão frequentemente ocorridas em vossa vida?"

Bola de Sebo nada respondia.

Ele a induziu pela doçura pelo raciocínio e pelo sentimento. Soube sempre manter-se "o senhor conde", mostrando-se porém galante quando era mister, gentil e amável. Exaltou o serviço que ela lhe prestaria; referiu-se ao seu reconhecimento. E, em seguida, tratando-a alegremente e com intimidade: — "E, tu sabes, minha querida, ele poderá gabar-se de ter desfrutado uma bonita mulher, como não achará muitas no seu país".

Bola de Sebo nada respondeu e reuniu-se aos demais.

Voltaram logo ao hotel e ela subiu ao seu quarto e não mais apareceu. A inquietude era extrema. Que faria ela? Que embaraço se resistisse!

Soou a hora do jantar; esperaram-na em vão. O senhor Follenvie, entrando, anunciou que a senhorita Rousset sentia-se indisposta e que podiam sentar-se á mesa. Todos apuraram os ouvidos. O conde aproximou-se do hoteleiro e, baixinho: — "Ora pois?" — "Sim". Por conveniência nada disse aos seus companheiros, mas dirigiu-lhes um leve sinal com a cabeça. E logo de todos os peitos brotou um suspiro de consolo e uma alegria transpareceu em todos os rostos. Loiseau gritou: — "Com os diabos! pagarei cham-

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULAR

O Pai dos Ricos... Passou 15 anos tapeando os pobres...



MARIO

Lá vai o Pai dos Ricos... tãdo catita, barrigudinho e convencido de que tapeou os trabalhadores do Brasil durante quinze anos... Mas os trabalhadores já viram que o ex-ditador foi sômente o amigo da onça... porque emitiu dinheiro à bessa para provocar a alta de preços dos alimentos e assim prejudicar os operários.

O verdadeiro Pai dos Pobres é o General Dutra que parou as emissões e está fazendo os preços baixarem. Agora as donas de casa podem comprar, nas feiras, maior quantidade de gêneros, gastando menos. E' por isso que o Pai dos Ricos... está dando o estrilo... e bufando por todos os poros. Mas, não adianta... O General Dutra vai fazendo os preços baixarem para felicidade de todos os trabalhadores e raiva dos queremistas. ***

(Transcrito da "Folha Carioca", de 9-7-1947).

panha, se houver no estabelecimento"; e a senhora Loiseau sofreu uma angústia quando o hoteleiro apareceu com quatro garrafas na mão. Todos se tornaram subitamente comunicativos e ruidosos; e uma viva alegria encheu os corações. O conde pareceu aperceber-se que a senhora Carré-Lamadon era encantadora; o fabricante dirigiu cumprimentos à condessa. A conversação tornou-se viva, folgazã, repleta de episódios.

gria encheu os corações. O conde pareceu aperceber-se que a senhora Carré-Lamadon era encantadora; o fabricante dirigiu cumprimentos à condessa. A conversação tornou-se viva, folgazã, repleta de episódios.

GRANDE DESCOBERTA NACIONAL!

Carta que vale por uma consagração

Rio de Janeiro, 8 de junho de 1947.
Ilmos. Srs. diretores do Laboratório da Emagrina. Nesta.

Prezados Srs.
Por um imperativo de honestidade e de justiça, com a responsabilidade que envolve minha situação de auxiliar da Casa Americana, (bar), sita à Galeria Cruzeiro, nesta capital, sinto-me impellido a dirigir-me a VV. SS. afim de lhes expôr o seguinte:

Minha esposa vinha se ressentindo há anos, de uma adiposidade excessiva que, como é facil calcular, afetava-lhe seriamente a saúde. Havendo lido

seu anúncio do poderoso medicamento "Emagrina" adquiri dois vidros desse preparado, dos quais fiz uso e, em pouco tempo verificou-se um decréscimo de 5 quilos em seu peso, sem prejuizo do equilíbrio orgânico o que bem atesta as propriedades admiráveis do "Emagrina".

Valho-me deste ensejo para retribuir-lhes os protestos de meu reconhecimento autorizando-os a fazer da presente o uso que melhor lhes convier.

(Ass.) Isaltino Cardoso de Oliveira, Rua Tâcio Esmeris, 411 — Bento Ribeiro.

(Transcrito de "A Noite", de 19-6-1947).



Luxuosamente instalado em suntuoso edifício na Praia de Copacabana, Posto 4 - Todos os apartamentos com vista para o mar - Orquestra diariamente - Rádio nos apartamentos, salões e bar - Salão-Restaurante no 11.º andar.

Preços especiais de turismo

No dia 3 de Junho dêste ano, êste confortável e luxuoso Hotel carioca comemorou a passagem do 10.º aniversário de sua fundação.

AVENIDA ATLANTICA, 618

End. Teleg. "Luxo-hotel" - Tel. 27-0045

Rio de Janeiro

Subitamente Loiseau, com a face ansiosa e levantando os braços, gritou: — "Silêncio". Todos se calaram, surpresos, já quase intinuidados. Ele então apurou os ouvidos, impondo silêncio com as mãos; levantou os olhos para o fôrro, escutou novamente e retornou, com a sua voz natural: — "Tranquilizai-vos; vai tudo bem."

A princípio, não compreenderam bem; mas logo um sorriso inteligente floriu.

Ao cabo de um quarto de hora, êle recomeçou a mesma farça e várias vezes a repetiu durante o serão; simulava dirigir-se a alguém, no andar superior, dando-lhe conselhos de duplo sentido, baseado no seu espírito de caixeiro viajante. Em alguns momentos assumia aspeto triste, para suspirar: — "Pobre mulher"; ou então murmurava entre-dentes, com ar raivoso: —

"Miserável prussiano". E, às vezes, em momento em que ninguém pensava naquilo, gritava vibrantemente: — "Basta! Basta!" e ajuntava, como falando consigo mesmo: "Oxalá possamos vê-la novamente; que êle não a faça morrer, o miserável!"

Se bem que essas chalaças fossem tão deploráveis, agradavam e não melindravam ninguém, porque como tudo o mais a indignação depende do ambiente e a atmosfera que se tinha pouco a pouco formado em torno dêles estava carregada de pensamentos livres.

A sobremesa, as próprias mulheres fizeram alusões espirituosas e discretas. Os olhares brilhavam; tinha-se bebido muito. O conde, que mesmo nas suas digressões, conservava a sua grande aparência de gravidade, encontrou uma comparação

CANCER

1ª instalação de radioterapia à super-voltagem (400.000 volts) nos Estados de S. Paulo, Rio, Dist. Federal e Estados do Sul.

DRS. FORTES e AZZI

R. B. Itapetininga, 139 — Fone 4-0394 — São Paulo

O dono do mundo

(Cont. da pág. 14)

uma obrigação dolorosa. Depois do jantar a noite desceu triste, sem consolos. No seu coração era mais noite ainda. A sua dôr, agora que estava ali sozinho, sem tarefa a executar, para distrair-lhe a imaginação, começou a torturá-lo. "O que devo fazer? Estou inteiramente indeciso. Preciso pensar muito. Na verdade foram injustos comigo, principalmente "êle". Mas... apesar de estar assim... assim descontrolado não quero tomar uma decisão precipitada." Dirigiu-se, com êstes pensamentos, para o seu quarto e apenas para esquecer o seu problema íntimo, começou a tirar no seu violino, companheiro de muitos anos, sons vagos e inexpressivos. Entregando-se ao instrumento foi se acalmado. Sem perceber ia esquecendo a sua preocupação máxima daquele dia.

Uma hora passou e êle continuava a tocar. Agora tentava compôr uma peça que falasse de sua dôr, que pudesse arrancar de sua alma o que lá estava, oprimindo-a. Aos poucos, foi sentindo uma calma tranquilizadora. Suavemente, ia descendo sobre êle uma

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha de remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2 conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde e que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la. exigindo o REGULADOR XAVIER

muito apreciada sobre o término das invernações no Polo e a alegria dos naufrágos que vêem abrir-se uma estrada para o sul.

Loiseau, vibrante, levantou-se, com uma taça de champanha na mão: — "Bebo ao nosso livramento!" Todos se levantaram e o aclamaram. As próprias irmãs de caridade, solicitadas pelas senhoras, consentiram em tocar os lábios nesse vinho espumante, que nunca tinham provado. Declararam que se assemelhava à limonada gaseosa, mas que era entretanto mais fino.

Loiseau resumiu a situação.

— "E" pena não termos aqui

um piano, para tocar-se uma quadrilha."

Cornudet não tinha dito uma palavra, nem feito um gesto; parecia mergulhado em pensamentos muito graves e por vezes puxava, com um gesto furioso, a sua grande barba, como querendo ainda encompridá-la. Finalmente, lá pela meia noite, como iam separar-se, Loiseau, que mal se aguentava nas pernas, deu-lhe uma tapa na barriga e disse-lhe, tartamudeando: — "Não estivestes alegre esta noite! Nada dissestes, cidadão!" Mas Cornudet levantou bruscamente a cabeça e percorrendo os circunstantes com um olhar brilhante e terrível: — "Eu vos

paz cheia de sugestões. Sugestões de nova vida, de buscar lá longe, no tempo, aqueles sonhos que haviam morrido e ressuscitá-los de novo, para que o seu coração pudesse viver satisfeito. O seu tumulto, aquele dilema angustiante que o preocupara durante todo o dia, parecia agora uma coisa acontecida há muito. Uma coisa que se perdera, se misturara com as solicitações da existência. Era um pontinho apagado perto de grandes pontos brilhantes. Satisfeito, êle punha no papel tudo aquilo que concebera de sua dôr. Uma página de rara ternura, transmitindo, (ao que êle pensava) com um poder inimitável, sensações de beleza e amor, surgia naquelas pautas que as suas mãos acabavam de encher. Uma de suas grandes aspirações havia sido, sempre, compôr alguma coisa que trouxesse consigo aquela voz imortal que todos os homens entendem. E naquela noite, sem esperar, sem pensar sequer nisto, êle conseguira arrancar, dos misteriosos subterrâneos de seu cérebro, o que sempre desejara. Conhecia, de leituras, vários casos de artistas que extrairam de seus sofrimentos, motivos para grandes obras. Mas não acreditava. Achava sempre que isto devia ser fantasia dos biógrafos, para distrair as imaginações vadias. E agora, surpreso, verificava que acontecia com êle a mesma coisa. Estava satisfeito, porque nada mais o preocupava. E pela noite a dentro, embrulhado em sua ilusão, ele foi sonhando que o mundo era dele e que estava livre, livre...

A arte de Paulo Gagarin

(Continuação da página 33)

de paisagista é um elogio banal para quem banalmente os distribuiu. Mas eu confesso que tenho, com o amor pela pintura, a paixão pelo adjetivo exato. Paulo Gagarin é um grande paisagista; seja qual for a preferência que se tenha em matéria de escola, torna-se preciso aprender isto. Bastante gente, aliás, o aprendeu, uma vez que falo de um artista consagrado. Porém quantos ainda, no Brasil, ofendem o escritor, misturando a justeza dos louvores com os motivos da amizade. E ainda sem ser por mal, o que me parece pior!

Devo dizer que hoje a paisagem não me encanta ou, antes, não me absorve como a pintura das figuras ou das flores e que um pintor exclusivo de marinhas pode facilmente distrair-me da contemplação de florestas. Entretanto, as paisagens de Gagarin — cujas marinhas têm, de resto, belas qualidades — e sobretudo, as de Campos de Jordão, conseguem de mim coisas raras. Por que êle é um pintor que plana sobre o que vê, que de alto sabe dominar montes e vales, rios e regatos, de alto vê qual é o sentido em que o vento penteia as relvas, desgrenha as árvores e arbustos, corre as estradas e desata as lianas. Troncos das alamedas seculares, tenros gramados, folhas outonais, profundezas de rio azul, reflexos irreais das águas, — desses que todos sabemos serem verdadeiros, mas quase incrível fixá-los. — Pequenas casas de telhados vermelhos como se fossem "morangos num tabuleiro de verdura" — Ai está o que nos mostram largamente as telas desse pintor, com uma nitidez, uma lisura que não exclui poesia. Por exemplo, na exposição agora apresentada, temos quadros muito capazes de evocar o bom Corot. Não exagero. Há clarões e melancolia nos seus campos e

arvoredos, longes de loira luz e primeiros planos sombrios, nuvens num distante horizonte, rasgos de sol perto de nós. E esse mesmo Paulo Gagarin, paisagista enraizado no Brasil, pintor de flores para quem a numerosa família dos gravatás não têm segredos, resolveu dedicar-se, também, a pintar figura. No seu pequeno "atelier" de altas paredes, vêem-se, agora os olhos perscrutadores de Michel Kamenska, os olhos tão azuis de Estela Seabra Lyon, os olhos escuros, diretos, magnificamente atentos de uma criança — a filha de Machado Portela — acompanhando lá das suas telas o progresso das outras. Do retrato da Sra. Zenny Hime, do diplomata Nelson Alves da Fonseca, da Sra. Lilian de Vasconcelos, ou da Sra. Camélia Oswald Pisco, da Sra. Bebê Arelas ou do Dr. Carlos da Silva Araújo, da Sra. Mendonça Clark.

Desse modo, o artista das paisagens de Campos de Jordão, do Rio, de Petrópolis, vai dar-nos junto com uma vasta coleção de retratos da natureza do Brasil, uma idéia de como sabe ver a paisagem humana, interpretar o claro céu de certos olhos, o velado horizonte de outros, a fonte dos sorrisos, a planície dos sentimentos e a montanha dos sonhos misteriosos, para além das pálpebras discretas.

Um século em pessoa

(Continuação da pág. 13)

demais desanimadora para os candidatos à cadeira de Gustavo, na Academia...

Para acabar, pergunto-lhe que é que acha deste mundo doído de agora.

— Muito ruim — responde êle. — Mas, sempre foi assim.

Finalmente, numa última oportunidade, lanço uma interrogação que é uma citada sentimental, mas nem aqui êle se deixa pegar desprevenido:

O senhor quer ainda ir ao Ceará?

— Tenho muita vontade, porque tenho muita saudade de lá.

— Quer ir de avião?

— Não! Nunca! Tenho muita inveja de quem vai de avião. Mas, não tenho coragem, porque sei que no dia em quem me meter num bicho desses, ôlo cai lá de cima e ue quebro a cabeça, quebro os braços, quebro as pernas, as coxas, as costelas, quebro todos os ossos — para concluir triunfalmente: — mas fico vivo!

Com êste admirável "mot de la fin" dum jovem que tem um século de existência, me despeço, dando-lhe um vigoroso aperto de mão, como gosto de dar e de receber, e tenho ainda a última alegria da noite, ao ver como êle gosta também de retribuir o meu "shakehand", com uma energia de que se orgulha, pelo brilho que de repente lhe anima o olhar. No abraço que lhe dou vai lá um pouco de extravasamento de emoção filial pela terra e pela raça, porque estou me lembrando agora doutro cearense também de boa cepa, à distância apenas de um quarto de século do centenário, como êste desempenado o sofrimento, nunca se curvando ao peso da vida, nunca deixando de encarar os contratempos como estímulos e as maldades do mundo como coisa vã, meu buscado modelo e meu guia nas horas difíceis, meu pai, cuja figura vejo de repente empertigar-se ao lado do vulto venerável de cabeça coroadada de doce luar, sobre a qual rolaram já os dias por trinta e seis mil e quinhentas vezes dadas e abençoadas.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

digo a todos que vindes de comer uma infâmia!" E levantou-se, dirigiu-se para a porta, repetindo ainda uma vez: "Uma infâmia!" e desapareceu.

Essa cena amorteceu o entusiasmo. Loiseau, confuso, permaneceu apavorado; mas retomou logo o domínio de si mesmo e, depois, de súbito voltou-se, dizendo: — "São muito verdes, meu velho, são muito verdes". E como os outros não compreendessem, contou-lhes "os mistérios do corredor". E houve então um reviver de alegria formidável. As senhoras riam como loucas. O conde e o senhor Carré-Lamadon chora-

vam de tanto rir. Não podiam crer:

— "Mas como? estais certo? Êle queria..."

— "Já vos disse que eu vi!"

— "E ela recusou..."

— "Porque o prussiano estava no quarto ao lado."

— "Não é possível!"

— "Juro".

O conde sufocava. O industrial apertava a barriga com as duas mãos. Loiseau continuava:

— "E vós compreendeis bem, esta noite êle não a considera tola, absolutamente."

E os três subiram, doentes, sufocados.

(Continúa no próximo número)

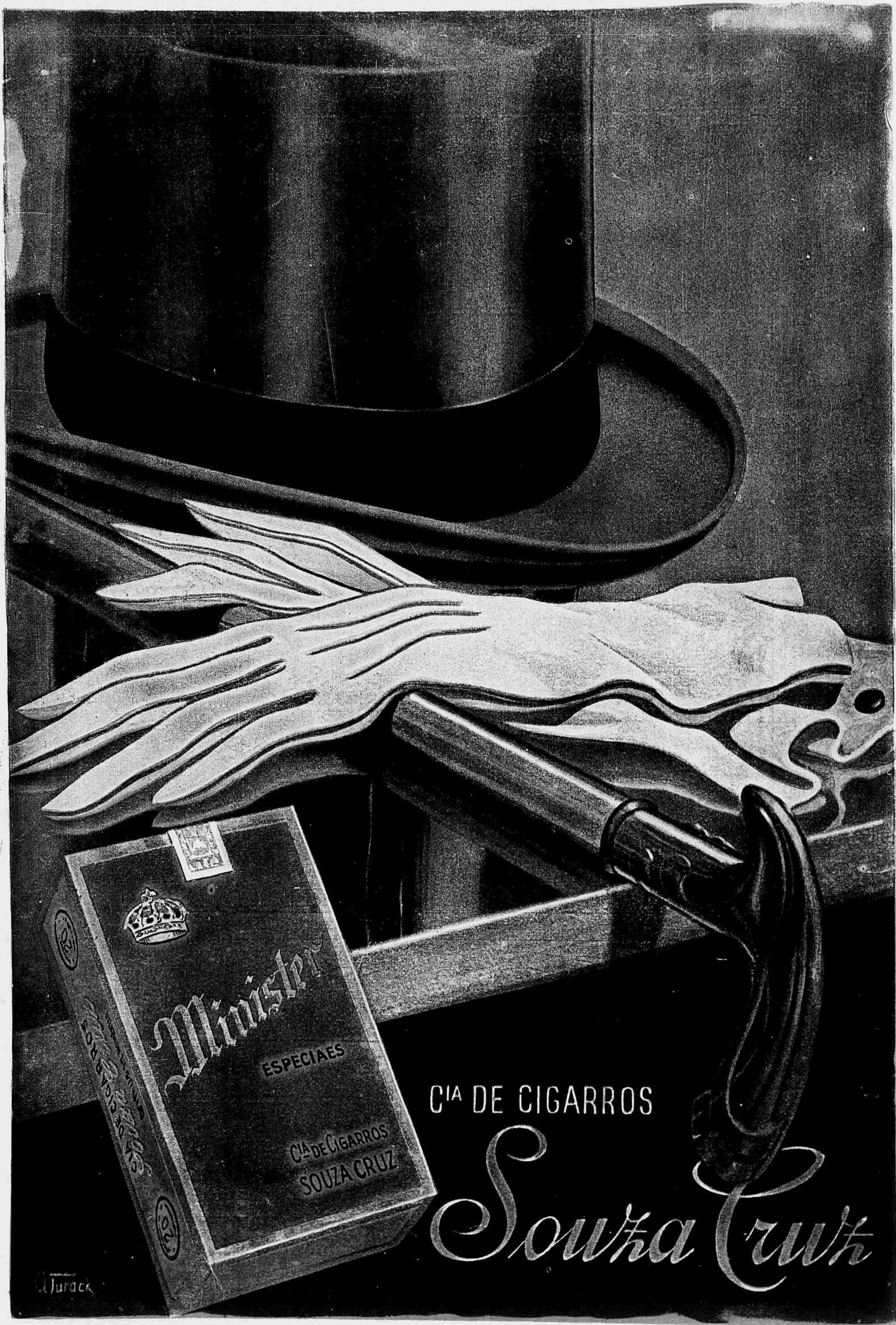


MOBILIARIOS — TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS GRATIS



55 .. RUA DA CARIOCA .. 67 .. RIO



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

Aurack